UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANDRÉ CARAZZA DOS SANTOS

Gurilândia (1948 – 1956)

A formação de crianças e professores na página do *Estado de Minas*

SÃO PAULO

2008

ANDRÉ CARAZZA DOS SANTOS

Gurilândia (1948 – 1956)

A formação de crianças e professores na página do *Estado de Minas*

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo para a obtenção do título
de Mestre em Educação.

Área temática: História da Educação e Historiografia

Orientadora: Prof^ª. Dra. Maurilane de Souza Bicas

SÃO PAULO

2008

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FOLHA DE APROVAÇÃO

André Carazza dos Santos

Gurilândia (1948 – 1956): A formação de crianças e professores na página do *Estado de Minas*

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo para a obtenção do título
de Mestre em Educação.

Área temática: História da Educação e Historiografia

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr.^a Diana Gonçalves Vidal

Universidade de São Paulo

Assinatura: _____

Prof^ª. Dr.^a. Maria Cristina Soares Gouvêa

Universidade Federal de Minas Gerais

Assinatura: _____

Prof^ª. Dr.^a. Maurilane de Souza Biccas

Universidade de São Paulo

Assinatura: _____

Prof^ª. Dr.^a. Maria Ângela Borges Salvadore (suplente)

Universidade de São Paulo

Assinatura: _____

Prof^ª. Dr.^a Isabel Cristina Alves da Silva Frade (suplente)

Universidade Federal de Minas Gerais

Assinatura: _____

“Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa”.
Guimarães Rosa

AGRADECIMENTOS

“Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total” – Guimarães Rosa.

Sou grato à Maurilane de Souza Biccas, pela oportunidade, competência e presteza.

Agradeço também à Diana Gonçalves Vidal e Maria Cristina Soares Gouvêa, pelos direcionamentos precisos no momento da qualificação.

Ao Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em História da Educação (NIEPHE - USP) pela acolhida em São Paulo, pelas discussões variadas e sempre proveitosas, e pela decisiva contribuição na construção deste trabalho.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação (GEPHE – UFMG) pelos eventos e atividades que contribuem para minha formação desde a graduação.

À Fundação de Ensino de Contagem, pela iniciativa de liberação parcial de minhas obrigações funcionais.

Aos alunos e funcionários da Funec Vila Pérola, pela compreensão de minhas ausências e por todo o aprendizado.

À atleticana Geyce, do Arquivo Estado de Minas, e ao atleticano Jairo, da Hemeroteca Pública, pela amizade surgida nas muitas idas e vindas de diversas pesquisas.

Ao Bruno e Marina, pela ajuda crucial.

Ao Jandir e Angélica, pelo auxílio na tabulação das informações e no empréstimo da carteirinha da biblioteca.

Em especial, agradeço aos meus pais, Angela e Jandir, pelo sacrifício para o meu estudo.

No mais, a culpa é minha.

RESUMO

SANTOS, André Carazza dos. *Gurilândia (1948 – 1956): A formação de crianças e professores na página do Estado de Minas*. 2008.168 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Esta dissertação teve por objetivo investigar o suplemento infantil do jornal *Estado de Minas*, intitulado *Gurilândia*, no período de 1948 a 1956. Criado em um momento de expansão do mercado consumidor destinado às crianças e valendo-se de condições favoráveis de produção e circulação, explicadas por seu vínculo com o jornal *Estado de Minas*, o *Gurilândia* alcançou uma popularidade entre o público mineiro testemunhada por sua longevidade, visto que ainda hoje é produzido. O recorte temporal, necessário para viabilizar a pesquisa, privilegiou os primeiros anos de circulação do suplemento, momento no qual foi dirigido por Celso Brant. Confluiu para essa escolha a representatividade de Brant no cenário cultural e político mineiro, bem como a especificidade do projeto editorial da publicação no período que esteve sob sua responsabilidade. Assim sendo, foi definido, como *corpus* de análise, os números do suplemento infantil que circularam sob a direção de Celso Brant, ou seja, de 25 de janeiro de 1948 a 18 de março de 1956. Quantitativamente, isso representou 341 números da publicação. O diálogo com a área da História dos Livros, dos Impressos, da Leitura e da Infância subsidiou a tentativa de entendimento dos aspectos da produção, circulação e uso do suplemento infantil. A análise do conteúdo do *Gurilândia* permitiu concluir que o constante caminhar sobre uma linha educativa foi a marca constitutiva dessa publicação. Para dar corpo a essa proposta, o suplemento lançou mão do estreitamento dos laços com as instituições escolares mineiras, além de veicular uma grande parte de conteúdo com interesses escolares. Esse projeto educativo ficou ainda mais explícito quando se percebeu que pessoas ligadas à *Revista do Ensino* e à *Escola de Aperfeiçoamento*, provavelmente as principais responsáveis pela formação de professores mineiros na primeira metade do século XX, contribuíram regularmente no *Gurilândia*. Embora destinado prioritariamente ao público infantil, o suplemento também incluiu seções direcionadas aos professores, de um teor marcadamente escolanovista. Constatou-se, por fim, que a produção da imprensa escrita infantil desse período foi marcada por duas tendências principais: publicações com predominância de intenções recreativas e publicações com predominância de intenções educativas e até escolares. A análise do *Gurilândia* permite, seguramente, que o suplemento infantil do *Estado de Minas* seja encaixado nesse segundo grupo.

Palavras-chave: Jornal *Estado de Minas*. História da educação. História da infância. História dos impressos.

ABSTRACT

SANTOS, André Carazza dos. ***Gurilândia (1948 – 1956):*** the children's and teacher's education at the *Estado de Minas* newspaper. 2008. 168 f. Dissertation (Master) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

This research aims to analyze the children section of the *Estado de Minas* newspaper called *Gurilândia* during the period of 1948 to 1956. *Gurilândia* was created in a booming period for the children consumer market and was benefited by favorable conditions for its production and circulation by the *Estado de Minas* entrepreneurship group. Due to these facts, *Gurilândia* became very popular in the state of *Minas Gerais*, and it is until today printed. The decision to focus on the 1948-1956 years was based on the period in which Celso Brant, an influential person in the cultural and political scene in *Minas Gerais* during that time, was in charge of *Gurilândia*. From 01/25/1948 to 03/18/1956 Celso Brant implemented an innovative editorial project to that children supplement, and this research is direct to the 341 editions of *Gurilândia* under the Celso Brant management. The analyses of production, circulation and use of *Gurilândia* in this research are influenced by the dialogue with the fields of History of Books, Printing, Reading and Childhood. The main conclusion of this research is that under Celso Brant direction *Gurilândia* was developed under an editorial line determined by contemporary educational and pedagogic theories. *Gurilândia* was an important channel to the diffusion of educational material and it was always open to contributions by scholars and other educational institutions from Minas Gerais State. Many professionals linked to *Revista do Ensino* and *Escola de Aperfeiçoamento*, important institutions to the formation and education of many teachers during the first half of twentieth century in Minas Gerais State, made regular contributions to *Gurilândia*. An interesting aspect of *Gurilândia* is the production of special content not only to children, but also to teachers, under the influence of *Escola Nova* educational theories. During that time the editorial production aimed at the children market followed basically two movements: one towards the humor and games content, and other towards a more educative material. This research concludes that under Celso Brant direction *Gurilândia* can without doubts be included in the second group.

Key words: Education history. History of printing. Infancy history. *Estado de Minas* newspaper.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Seções do Gurilândia (1948 – 1956).....	64
Tabela 2. Anúncios destinados, direta ou indiretamente, ao público infantil.....	102
Tabela 3. Anúncios destinados a segmentos de público muito diferenciados, excluindo-se o infantil.....	105
Tabela 4. Anúncios que não se restringem a nenhum grupo específico.....	107

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. <i>Gurilândia</i> (1948 - 1956): Número anual de edições publicadas frente ao total possível.....	54
Gráfico 2. <i>Gurilândia</i> (1948 - 1956): Razão entre as Edições Publicadas e o Número Anual de Edições Possíveis (%).....	55
Gráfico 3. <i>Gurilândia</i> (1948 - 1956): Número de Páginas Publicadas Anualmente.....	56
Gráfico 4. <i>Gurilândia</i> (1948 - 1956): Total de Publicidade em Cada Ano.....	81
Gráfico 5. <i>Gurilândia</i> (1948 - 1956): Distribuição de Publicidade por Categoria (Quantidade e Percentagem em Destaque).....	85
Gráfico 6. <i>Gurilândia</i> (1948 - 1956): Percentual anual de cada categoria de publicidade sobre o total (%).....	93

LISTA DE FIGURAS

Figura nº 01 – Exemplar de <i>O Diário do Pequeno Polegar</i> (<i>O Diário</i> , 03/10/1948).....	27
Figura nº 02 – Primeiro número de <i>Página Infantil</i> (13/10/1929).....	31
Figura nº 03 – Exemplar de <i>Página da Criança</i> (30/08/1931).....	34
Figura nº 04 – Exemplar de <i>Secção Infantil</i> (12/02/1933).....	35
Figura nº 05 – Exemplar de <i>Pequeno Mundo da Gente Nova</i> (28/10/1934).....	37
Figura nº 06 – Exemplar de <i>Malazarte</i> (08/08/1937).....	38
Figura nº 07 – Primeiro número de <i>Gurilândia</i> (25/01/1948).....	43

Figura nº 08 – Capa e frontispício da <i>Revista Acaiaca</i> (Janeiro de 1950).....	49
Figura nº 09 – <i>Gurilândia</i> divide a página com “Secção Agrícola” (11/03/1951).....	57
Figura nº 10 – Conversas do Tio Mario; Concurso de Composições sobre Monteiro Lobato; Album do Tio Mario e Quadro de Honra de <i>Gurilândia</i> . (14/11/1948; 01/08/1948; 14/11/1948 e 01/08/1948).....	67
Figura nº 11 – Concurso <i>Gurilândia</i> e Colaborações dos sobrinhos (03/07/1949, 04/01/1953, 19/12/1948 e 03/07/1949).....	71
Figura nº 12 – “Para você colorir” e “Riqueza do Brasil” (25/01/1948 e 30/10/1955).	73
Figura nº 13 – Ciências Naturais (03/10/1954 e 06/09/1953).....	75
Figura nº 14 – Textos literários ilustrados (04/01/1953, 06/09/1953, 03/10/1954 e 11/04/1948).....	77
Figura nº 15 e 16 – A indústria alimentícia e farmacêutica constituíam-se nas principais anunciantes do <i>Gurilândia</i> (09/01/1955 e 16/01/1955).....	87
Figura nº 17 – Anúncio do “Açúcar Perola” (12/06/1949).....	88
Figura nº 18 e 19 – Os anúncios utilizam-se da imagem da criança-aluno (16/01/1955 e 03/05/1953).....	89
Figura nº 20 – Propaganda do “Tônico Infantil” (25/01/1948).....	90
Figura nº 21 – Representantes da publicidade na categoria “leitura” (11/03/1951, 11/03/1951, 14/12/1952 e 19/12/1948).....	91 e 92
Figura nº 22 – Anúncios de produtos de empresas pertencentes à Chateaubriand (03/07/1949, 03/07/1949, 14/12/1952, 14/08/1955 e 23/10/1955).....	95
Figura nº 23 – A publicidade veiculada no <i>Gurilândia</i> valia-se do apelo a importantes datas do calendário cívico-religioso, notadamente o natal. (18/12/1955 e 19/12/1948).....	96
Figura nº 24 e 25 – Anúncios dos “Fogões Wallig” e dos produtos de beleza “Pindorama” (05/02/1956 e 03/07/1955).	97
Figura nº 26 – Anúncio das “Bicicletas Luxor”. (08/03/1953).....	98
Figura nº 27 – O suplemento infantil tem seu nome atrelado a Cia. Melhoramentos (04/01/1953)	99
Figura nº 28 – Publicidade pertencente à categoria 1: anúncios destinados, direta ou indiretamente, ao público infantil. (12/06/1949, 29/01/1956 e 06/09/1953).....	104

Figura nº 29 – Publicidade pertencente à categoria 2: anúncios destinados a segmentos de público muito diferenciados, excluindo-se o infantil. (03/10/1954, 01/01/1956, 16/01/1955 e 14/12/1952).....106

Figura nº 30 – Publicidade pertencente à categoria 3: anúncios que não se restringem a nenhum grupo específico, uma vez que podem ser identificados com um público diverso, incluindo adultos e crianças. (03/10/1954, 14/12/1952, 29/03/1953, 21/04/1955 e 01/01/1956).....108

Figura nº 31 – Clubes de Leitura e Biblioteca Tio Mario (08/03/1953, 03/05/1953, 22/05/1949 e 03/07/1949).....114 e 115

Figura nº 32 – “Macaquices do Tiziu” e “Aventuras do Tiziu” (25/01/1948 e 01/08/1948).....133

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1. A infância na página do principal jornal de Minas Gerais: Percursos que levam ao <i>Gurilândia</i>.....	10
1.1. O <i>Estado de Minas</i> e o império Chateaubriand: como conspirar sem um jornal em Minas?.....	10
1.2. Uma infância consumidora e leitora: os laços estreitos entre o impresso e a criança no século XX.....	19
1.3. O espaço infantil no <i>Estado de Minas</i> : precursores do <i>Gurilândia</i>	29
CAPÍTULO 2. Produção, circulação e projeto editorial.....	41
2.1. O responsável pelo <i>Gurilândia</i> : as múltiplas faces de Celso Brant.....	42
2.2. Periodicidade e circulação.....	49
2.3. O lugar do <i>Gurilândia</i> no <i>Estado de Minas</i>	58
2.4. O projeto editorial do <i>Gurilândia</i> revisto pelas seções.....	63
2.4.1 – Seções com maior frequência na fase inicial.....	65
2.4.2 – Seções de relevância em todo o período	67
2.4.3 – Seções de frequência restrita ou tímida.....	71
2.4.4 – Seções com maior frequência na fase final.....	74
2.5. As seções no <i>Gurilândia</i> : a heterogeneidade que constrói o sentido do suplemento.....	76
CAPÍTULO 3. O leitor lendo o anúncio e o anúncio lendo o leitor.....	80
3.1. A Publicidade no suplemento infantil: aspectos quantitativos e qualitativos.....	81
3.2. Outros leitores: a contribuição da publicidade.....	101
CAPÍTULO 4. As intencionalidades do <i>Gurilândia</i>: A escola, a Pátria e a Igreja.....	111
4.1. O <i>Gurilândia</i> e as escolas mineiras: evidências de um projeto educativo.....	111
4.2. Representações veiculadas no <i>Gurilândia</i> : padrões de comportamento e conduta.....	125
4.3. Textos literários: autores, intenções e apropriações.....	133
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	146
BIBLIOGRAFIA GERAL.....	153

Introdução

“O passado não reconhece o seu lugar: está sempre presente”. Mário Quintana

A nova historiografia nascida da experiência da Escola dos Annales¹, ao redefinir o eixo teórico-metodológico da disciplina, impulsionou uma (re)significação de enfoques, abordagens, áreas temáticas, objetos e fontes. Essa mudança, tida como a principal revolução na historiografia contemporânea, teve implicações profundas no campo da História e, conseqüentemente, na História da Educação.

Dentre outros aspectos, assiste-se à ampliação das fontes primárias, ao resgate do cotidiano e à valorização de atores sociais até então desconsiderados, entre os quais as mulheres e as crianças. Nesse repensar do fazer historiográfico destaca-se também a redescoberta dos impressos. Outrora ignorados ou marginalizados, os periódicos, juntamente com uma gama de outras fontes, passam a ser considerados imprescindíveis na construção de uma história que deixou de ser essencialmente política, linear e episódica.

Temos, portanto, que as pesquisas históricas do século XX, notadamente na segunda metade, passaram a valorizar, de um lado, a criança enquanto objeto, e, de outro, o impresso enquanto fonte ou objeto. Na convergência desses eixos, tem-se, ainda que não de modo muito vigoroso, as pesquisas históricas que investigam as publicações voltadas às crianças.

No que toca aos impressos destinados ao público infantil, percebe-se, pois, que progressivamente o olhar e o interesse de muitos pesquisadores estão convergindo para sua análise. Nóvoa (1997), ao construir um repertório dos impressos educacionais portugueses, optou por alargar o *corpus* “imprensa pedagógica” para “imprensa de educação e ensino”, buscando abrir a pesquisa à educação não-formal, “nomeadamente no contexto da educação de adultos, da educação familiar, da educação da mulher, dos movimentos de juventude, dos jornais e revistas infantis, da educação física e desportos, da higiene e saúde escolar e da assistência e proteção a menores” (p. 16, grifo nosso).²

¹ Termo pelo qual ficou conhecido o movimento que se contrapôs ao paradigma da historiografia tradicional, dada a vinculação de seus principais nomes, Marc Bloch e Lucien Febvre, na publicação *Annales d'histoire économique et sociale*. A reorientação historiográfica da Escola dos Annales influenciou novas e variadas perspectivas do fazer histórico, entre as quais a História Cultural. Cf. Burke (1992), Le Goff (1992) e Bloch (2002).

² Convém observar, no entanto, que no amplo e diversificado leque constituído pelos impressos, a imprensa pedagógica, no que se refere à história da educação, vem merecendo, inegavelmente, os maiores esforços dos pesquisadores. A título de ilustração, temos os inventários construídos por Pierre e Pénélope Caspard (1997), Nóvoa (1993; 1997), Bastos (1997) e Catani (1997; 1999).

Chartier e Hébrard (1995) também elegeram os impressos infantis como foco de estudo. Investigando as condições de produção e as implicações dessas produções no contexto francês, os autores atentam para “um produto tão estratégico nas lutas de influência mercantil ou ideológica quanto a imprensa para adultos”:

[...] decidimos privilegiar um setor restrito mas vital, o dos periódicos infantis. Não se trata de um produto cultural sem passado porque desde o século XVIII há publicações destinadas à infância, e os editores que inventam, no século XIX, a literatura infantil – Hachette, Mame, Hetzel, etc. – não se esquecem de explorar esse suporte. Mas é no século XX, e mais particularmente depois da Segunda Guerra Mundial, que o número de títulos editados torna esse tipo de publicação um produto tão estratégico nas lutas de influência mercantil ou ideológica quanto a imprensa para adultos. (Chartier e Hébrard, 1995, p. 83).

No Brasil, os estudos dos impressos infantis centram-se, principalmente, naqueles produzidos na primeira metade do século XX. Especialmente publicações de inegável sucesso e representatividade, como as revistas *O Tico Tico* e *Sesinho*, já mereceram análises sólidas (Rosa, 2002; Brites, 2004). Os impressos compostos por histórias em quadrinhos também estão sendo investigados, merecendo destaque a abordagem do panorama que cercou essas publicações em meados do século passado construído por Gonçalves Junior (2004).

Nesse contexto, os cadernos ou suplementos infantis, objetos potencialmente ricos para pesquisas de perspectivas variadas, estranhamente não estão sendo focalizados pelo viés histórico. Alicerçadas na estrutura, nos recursos, na popularidade, no poder de alcance e na grande tiragem que caracteriza a grande imprensa escrita brasileira, essas publicações tiveram um grande peso dentro da produção cultural infantil.

Contudo, os suplementos infantis não têm merecido um olhar mais cuidadoso no campo da História da Educação, nem mesmo na área mais ampla da História ou da Educação. Quando acontece, a utilização dessas publicações se dá como fonte em pesquisas de temáticas diversas. Ressalta-se que, em muitos casos, os suplementos infantis são empregados, ao lado de outras fontes, para averiguar a circulação de representações de personagens ou assuntos (Carvalho, 2006; Fonseca, 2001; 2002; 2003; Funari, 2004; Vaz, 2006). Em outras ocorrências, o foco recai sobre a relação da criança com os impressos infantis, incidindo para as possíveis ligações entre o suplemento e a educação/escola (Corrêa, 2000; Fischberg, 2007).

Nota-se, sim, que essas publicações vêm sendo trabalhadas, com certa insistência, pela área de Comunicação. Nesse caso, muitos estudos foram e são incentivados pela pesquisa intitulada “Esqueceram de mim – jornais brasileiros ignoram o potencial pedagógico dos

cadernos infantis”. Realizada pela ANDI³, em parceria com o Ministério da Educação e com o apoio do Instituto Ayrton Senna e do Unicef, essa pesquisa analisou os cadernos ou suplementos infantis de 36 jornais brasileiros. A conclusão apontou para inúmeros problemas e equívocos apresentados por essas publicações, entre as quais: tratamento periférico destinado a esses cadernos pelas empresas jornalísticas, utilização de uma linguagem inadequada aos leitores infantis, indefinição do público-alvo, veiculação de valores que atendem a interesses mercadológicos, ausência de espaços reservados à interatividade com os leitores, escasso diálogo entre esses suplementos e as escolas, visão muito redutora das capacidades de “leitura” dos acontecimentos e das notícias pelas crianças.

Dialogando com essa pesquisa, muitos estudos surgiram, no campo da Comunicação, objetivando a problematização dos cadernos ou suplementos infantis atuais (Vianna, 2006; Ferreira, 2006; Palhares, 2006; Costa e Santana, 2007; Ferreira, 2007a; Ferreira, 2007b). De maneira distinta dos estudos citados, o presente trabalho focaliza, privilegiando a perspectiva histórica, o suplemento infantil *Gurilândia*, vinculado ao jornal *Estado de Minas*.

O primeiro número do *Gurilândia* data de 25 de janeiro de 1948. A partir dessa data inaugural, ainda que com problemas em sua periodicidade, o suplemento circulou até o ano de 1979. Nesse período, *Gurilândia* foi presença (quase) certa no exemplar de domingo do principal jornal de Minas Gerais. Passados 14 anos de ausência, o ano de 1993 marca o retorno desse suplemento infantil, que passa a circular aos sábados, e se faz presente até os dias atuais.

Nesse ponto, deve-se notar que o retorno do suplemento infantil do *Estado de Minas*, em 1993, retoma o título de *Gurilândia*. Longe de constituir uma mera coincidência ou uma opção aleatória, a escolha do nome evidencia a força e a popularidade que, tempos atrás, *Gurilândia* demonstrou. Provavelmente, o objetivo da decisão assentou-se no desejo de aglutinar, a uma proposta presente, o sucesso de uma empreitada passada. Essa possibilidade fica ainda mais evidente quando se percebe, como será visto ao longo do trabalho, que cinco títulos precederam o *Gurilândia* no *Estado de Minas*. No entanto, foi a ele que se recorreu na volta do espaço infantil do jornal, no objetivo, provável, de retomar uma trajetória já consolidada na história das publicações infantis mineiras.

³ Agência de Notícias dos Direitos da Infância. Cf. ANDI. A Mídia dos jovens: Esqueceram de mim – jornais brasileiros ignoram o potencial pedagógico dos cadernos infantis. Ano 6. n. 10, jun. 2002.

E foi essa consolidada trajetória que despertou o interesse desta pesquisa. A familiaridade com o suplemento, que atravessa gerações, constitui uma evidência de sua importância no estado mineiro.⁴ Outro ponto relevante de ser citado refere-se à especificidade dessa publicação, que se beneficiava de estar ancorada na estrutura, nos recursos e na popularidade do principal jornal de Minas Gerais.

Diante do percurso histórico do *Gurilândia*, foi necessário fazer um recorte temporal para viabilizar a sua análise. Assim sendo, foi definido, como *corpus* de análise, os números do suplemento infantil que circularam sob a direção de Celso Brant, ou seja, de 25 de janeiro de 1948 a 18 de março de 1956. Quantitativamente, isso representa 341 números da publicação.⁵

Deve-se salientar que esse recorte temporal privilegiou os primeiros anos de circulação do *Gurilândia*. Convergingo com Luca (1999), essa escolha “não ocorreu em razão de um hábito da profissão, marcada pelo fetiche das origens, mas porque ele recobre os anos decisivos para os nossos objetivos” (p. 33). Assim, confluuiu para a escolha a representatividade de Celso Brant no cenário cultural e político mineiro, bem como a especificidade do projeto editorial da publicação no período que esteve sob sua responsabilidade.

Convém observar que o *Gurilândia* já foi objeto de estudo de algumas pesquisas. Merecem destaque os trabalhos de Fonseca (2002), Carvalho (2006), D’Armada (1997), Corrêa (2000) e Palhares (2006).

Fonseca (2002) e Carvalho (2006) utilizam-se do suplemento infantil do *Estado de Minas* como uma das fontes para suas pesquisas. Focalizando a produção e circulação de imagens de Tiradentes na escola primária brasileira, Fonseca (2002) analisa as composições e desenhos de crianças publicadas no *Gurilândia*, especialmente nas décadas de 1940 a 60. Carvalho (2006), também atenta às representações de Tiradentes e da Inconfidência Mineira, estuda o conteúdo do suplemento infantil no período da ditadura militar brasileira (1964-1984). Nesses trabalhos, as autoras valem-se do *Gurilândia* enquanto fonte e não objeto, o que explica a ausência de preocupação quanto a seus aspectos históricos.

Em “Formação e Informação - estudo de casos dos suplementos infantis mineiros: *Gurilândia* e Programinha”, D’Armada (1997) aborda a produção desses títulos no mês de março

⁴ É instigante o comentário de Chartier e Hébrard (1995): “[...] o público da imprensa infantil, disputado em aguda concorrência, é também o mais fugidio de todos. Renova-se completamente a cada três anos em média, enquanto as publicações para adultos podem contar com uma fidelidade de pelo menos dez anos” (p. 84).

⁵ Todos estes números encontram-se disponíveis à pesquisa tanto na Hemeroteca Histórica de Minas Gerais quanto no arquivo do jornal Estado de Minas.

de 1997. Ainda que vinculado à área de Comunicação, a autora constrói um breve panorama histórico dos dois suplementos infantis.

No caso do *Gurilândia*, D'Armada (1997) tentou, por meio de entrevistas, compreender a criação dessa página infantil no jornal *Estado de Minas*. A autora valeu-se, principalmente, da entrevista com o próprio Celso Brant para constituir aspectos da história do suplemento:

De acordo com o jornalista Celso Brant (1997), fundador e primeiro editor do Gurilândia, o projeto de um suplemento infantil para o jornal Estado de Minas foi colocado em prática por volta de 1946. [...] Em seu conteúdo, o suplemento trazia críticas de arte, matérias sobre educação, cultura, comportamento. Além disso, também saíam naquelas páginas referências a lançamentos de livros e informações didáticas, a maioria não factuais, que tinham como objetivo dar sustentação às atividades escolares. Entre a História, a Geografia, a Ciência e as outras disciplinas escolares, o suplemento publicava matérias sobre pássaros, elementos da natureza. (D'Armada, 1997, p. 31).

Como se nota, e mesmo porque o viés histórico não é a principal intenção da autora, o trabalho traz um importante equívoco sobre a criação do *Gurilândia*: nas memórias de Celso Brant, teria ocorrido “por volta de 1946”. Apesar da imprecisão histórica, explicada pela restrição das fontes de informação a entrevistas, o trabalho de D'Armada constitui até o momento a principal referência sobre a história do *Gurilândia*.

Corrêa (2000), preocupado com as possibilidades didático-pedagógicas de três suplementos infantis de jornais brasileiros, vale-se do estudo de D'Armada para apontar que “surgido em 1946, o Gurilândia fazia parte do Suplemento Literário do *Estado de Minas*” (p. 72). Da mesma forma, Palhares (2006), analisando o universo cultural nos suplementos infantis, afirma que “fundado em 1946, o *Gurilândia* é o primeiro suplemento infantil de Minas Gerais” (p. 38).

É importante observar que incorreções dessa ordem não maculam as qualidades desses trabalhos, haja vista que a atenção de seus autores não estava voltada, prioritariamente, para a compreensão histórica do *Gurilândia*.

Nesse sentido, o presente estudo distingue-se dos trabalhos citados pois tem no *Gurilândia* seu foco de atenção, uma vez que o suplemento é objeto e fonte da pesquisa. Essa especificidade, como não poderia deixar de ser, orientou os aportes teóricos utilizados na pesquisa.

O diálogo com a área da História dos Livros, dos Impressos e da Leitura subsidiou a tentativa de compreensão dos aspectos da produção, circulação e uso do *Gurilândia*. Desse modo, a obra de Roger Chartier (1990; 1996; 1999; 2001) foi utilizada, principalmente, na investigação

da “arqueologia do objeto”; na distinção entre o “mundo do texto”, o “mundo do editor” e o “mundo do leitor”; e nas possíveis e prováveis apropriações dos conteúdos do suplemento pelos leitores. Nesse último aspecto, referente à apropriação, também foram empregadas as análises de Goulemot (1996), Eco (2002) e Paulino (2005).

Outra noção emprestada de Chartier (1990) foi *representação*. Ao lançar o olhar para o conteúdo veiculado no *Gurilândia*, atentou-se para os valores e as concepções de mundo social presentes, valorizados, ausentes e/ou desprezados.

A aproximação com a História da Infância se deu, principalmente, por meio da compreensão da produção cultural destinada a ela. Foram utilizados, de modo mais incisivo, os estudos de Arroyo (1968), Lajolo e Zilberman (1985), Rosa (2002), Gonçalo Junior (2004) e Gouvêa (2004).

Além do próprio conteúdo veiculado nos 341 números do *Gurilândia* que compõem o *corpus* de análise desta pesquisa, foram utilizadas outras fontes de informação, tais como: os espaços dedicados às crianças anteriores a esse título no jornal *Estado de Minas*; livros de autoria de Celso Brant, além da revista literária *Acaiaca*, também dirigida por ele; a *Revista do Ensino* de Minas Gerais, impresso pedagógico oficial desse estado; e uma biografia de Assis Chateaubriand, dono de um império de comunicação que incluía o jornal *Estado de Minas*.

Quanto a esta última fonte, trata-se do livro *Chatô: o rei do Brasil*, de autoria do jornalista Fernando Morais, que adquire um inegável peso no decorrer da investigação das relações complexas que marcam um veículo de comunicação. Interessa notar, contudo, que não se ignorou os problemas que cercam a construção de biografias, especialmente àquelas conduzidas por profissionais não alinhados à tradição das críticas (internas e externas) dos documentos históricos. Schimidt (1997) aponta algumas distinções formais e epistemológicas entre as biografias elaboradas no campo da História e no campo do Jornalismo, destacando que essas últimas, via de regra, privilegiam a fluidez da narrativa ao invés da precisão formal, apresentam um conteúdo ficcional maior e uma margem de invenção mais dilatada.

Contudo, apesar desses obstáculos, a opção pela utilização dessa biografia assentou-se na qualidade da obra em atribuir visibilidade ao ambiente marcadamente intricado dos veículos de comunicação, especialmente em meados do século passado. A intenção, portanto, longe de recair

na “história de camisola de dormir”⁶, repousou na tentativa de perceber a atmosfera complexa que cercava os jornais brasileiros naquele período, de que a trajetória de Chateaubriand talvez seja seu exemplo mais límpido.

Assim, os capítulos do trabalho em questão foram organizados do seguinte modo.

O primeiro capítulo, “A infância na página do principal jornal de Minas Gerais: percursos que levam ao *Gurilândia*”, destina-se a uma breve apresentação institucional do jornal *Estado de Minas*, privilegiando a figura de Assis Chateaubriand para a compreensão de sua história. Também são analisados alguns jornais, suplementos e revistas destinados à infância no Brasil, na tentativa de traçar as características gerais desse contexto de produção, de modo que fosse possível situar o *Gurilândia* no quadro dessas publicações.

A abordagem da história do *Estado de Minas* e do cenário de publicações infantis de meados do século XX assenta-se no entendimento de que os materiais impressos “não são materiais neutros, compreensíveis fora do acontecimento ou do designio subjacente à sua publicação e à sua difusão, estando sempre ligados a um denso emaranhado de tensões e conflitos que é necessário decifrar na sua particularidade” (Chartier, 1998, p. 15).

Buscando desembaraçar esse “emaranhado de tensões e conflitos”, o capítulo seguinte investiga alguns elementos que possibilitam um melhor entendimento do *Gurilândia*, como aspectos de sua produção e circulação, apreendidos por meio da especificidade que o caracteriza, a saber: sua associação com o jornal *Estado de Minas*. Intitulado “Produção, circulação e projeto editorial”, o segundo capítulo ainda lança o olhar para a trajetória de Celso Brant, diretor da publicação, e para as seções que compuseram o *Gurilândia*, o que permitiu visualizar reflexos da forma e sentido adquiridos pelo suplemento.

Nessa perspectiva, a problematização levada a cabo no segundo capítulo almejou decifrar a “arqueologia do objeto”, termo utilizado por Chartier (1990) para referir-se à investigação, na própria materialidade do impresso, dos aspectos de sua produção, circulação e uso.

“O leitor lendo o anúncio e o anúncio lendo o leitor”, título do terceiro capítulo, explora, quantitativa e qualitativamente, a publicidade veiculada no *Gurilândia*. Buscou-se, por meio do estudo dos anúncios, indícios da circulação do suplemento, tendo como pressuposto o fato de que se o leitor vê uma propaganda, a propaganda também vê um leitor. Tal como proposto por

⁶ Expressão cunhada por Corrado Augias para referir-se às obras que colocam em primeiro plano a intimidade dos biografados. Cf. Augias, 1980, p. 179 apud Levillain, 2003, p. 153.

Gouvêa e Paixão (2004), a análise procurou tratar a publicidade como “um documento histórico, capaz de expressar e conferir visibilidade ao cenário cultural em questão” (p. 353). Desse modo, longe de constituir um detalhe de pouco valor, a publicidade é encarada como um elemento que permite um melhor entendimento da produção, circulação e uso do suplemento, bem como das representações nele contidas.

No quarto capítulo, “As intencionalidades do *Gurilândia*: a escola, a Pátria e a Igreja”, as informações colhidas nos capítulos anteriores são englobadas na tentativa de compreender o suplemento infantil enquanto um conjunto orgânico, evidenciando suas características mais marcantes. Para além das intencionalidades presentes na publicação, problematizam-se as possíveis apropriações dos leitores, tendo em mente que a apropriação é sempre “invenção e produção de significados” (Chartier, 1999, p. 77).

Também é focalizado no quarto capítulo o conteúdo destinado aos professores, de teor marcadamente escolanovista. São demonstrados os pontos de convergência entre o suplemento e a *Revista do Ensino* e a *Escola de Aperfeiçoamento*, dois importantes instrumentos de formação do professorado mineiro naquele momento. Para tanto, são utilizados, principalmente, os estudos de Biccás (2008) e Prates (1989), aquele tratando da *Revista do Ensino* e este da *Escola de Aperfeiçoamento*.

Finalmente, nas “Considerações Finais”, retomam-se, de forma reflexiva, as questões colocadas nos capítulos anteriores. São ressaltadas algumas similaridades e rupturas da publicação com outras produções congêneres do mesmo período.

A combinação de um conteúdo *para* e outro *sobre* a criança, esse último mais evidente nas seções direcionadas aos educadores, conduziu ao título do trabalho: “*Gurilândia* (1948-1956): a formação de crianças e professores na página do *Estado de Minas*”.

Nota-se, pois, que o fato de eleger esse suplemento infantil como objeto de estudo assentou-se, especialmente, na potencialidade da publicação para o entendimento da produção cultural destinada às crianças em meados do século XX. A problematização das representações veiculadas, das intenções implícitas e explícitas, das condições de produção e circulação, das possíveis e prováveis apropriações por parte dos leitores, dos laços entre o impresso e as instituições escolares, permite, em conjunto, uma melhor compreensão do ambiente infantil e escolar mineiro.

Antes, porém, de passar ao primeiro capítulo, cabe ressaltar que, conforme ficará mais evidente ao longo da análise, o *Gurilândia*, no período pesquisado, ocupou ½, 1 ou 2 páginas do jornal *Estado de Minas*. De acordo com o Dicionário de Comunicação, de autoria de Rabaça e Barbosa (1987), a sua melhor definição seria o termo *seção*: “Parte de uma publicação (jornal ou revista) ou de um programa de televisão, rádio etc, onde se agrupam informações do mesmo gênero, ou sobre um mesmo tema. Ex: esportes, notícias internacionais, economia, política, cidade, polícia, artes etc.”(p. 528). No entanto, a utilização desse vocábulo acarretaria problemas na escrita e leitura deste trabalho, uma vez que o próprio *Gurilândia* era composto, de certo modo, por diversas seções.

Tendo isso em vista, optou-se por nomear o *Gurilândia* como *suplemento*, que no mesmo dicionário é assim definido: “Parte complementar de uma obra, publicada em volume separado. [...] Caderno (ou conjunto de cadernos) de uma edição de jornal, com matérias especiais sobre determinado assunto (suplemento literário, econômico, esportivo, feminino etc)” (p. 552). Cumpre esclarecer, contudo, que o *Gurilândia* não constituía um volume apartado do restante do jornal.⁷ A escolha do termo *suplemento* deveu-se ao fato de a publicação ser referida desta maneira, muitas vezes, dentro da própria publicação.

Nesses termos, utilizamos a mesma estratégia adotada por Lajolo (2005): “Ou seja, com o mesmo direito que Mário de Andrade usou para dizer ‘conto é tudo aquilo que autor achar que é conto’, pode-se dizer que juvenil é toda obra que assim for considerada pelo seu editor”. (p. 29).

⁷ Quando volta a ser publicado, no ano de 1993, *Gurilândia* já é um volume apartado, um suplemento.

I- A infância na página do principal jornal de Minas Gerais:

Percursos que levam ao Gurilândia

“Bilhete pros pequenos leitores do Estado de Minas
Pequenos leitores
Inauguramos hoje, no Estado de Minas, a ‘Pagina Infantil’, dedicada a vóces, que ainda não podem lêr os assumptos massudos e impertinentos, tão ao gosto das pessoas grandes. Esta página ficará sendo, todos os domingos, um encanto para os pequenos leitores de Minas”. (Estado de Minas, Pagina Infantil, 13/10/1929).

Este primeiro capítulo é destinado a uma breve apresentação institucional do jornal *Estado de Minas*, destacando Assis Chateaubriand como uma figura importante para sua compreensão. Nesse ponto, tentou-se, ainda que rapidamente, apreender o ambiente complexo que caracteriza um meio de comunicação através da trajetória do criador dos *Diários Associados*.

Também neste capítulo são analisados alguns jornais, suplementos e revistas destinados à infância no Brasil, na tentativa de traçar as características gerais do seu contexto de produção, de forma que fosse possível situar o *Gurilândia* no quadro dessas publicações. Assim sendo, o intuito não foi isolar o suplemento do *Estado de Minas*, mas compreendê-lo enquanto mais um elemento de um ambiente efervescente constituído pelas publicações infantis de meados do século passado.

1.1 – O Estado de Minas e o império de Chateaubriand: como conspirar sem um jornal em Minas?

Minas é um cemitério de jornais e jornalistas. Esse era o bordão que ecoava no início do século XX, fazendo referência à escassez de empreendimentos jornalísticos de sucesso naquele importante estado brasileiro. Apesar do grande número de jornais que nasciam e morriam em Minas Gerais, tendo como marco inaugural o *Compilador Mineiro*, criado em 1823 em Ouro Preto, o estado carecia de uma publicação que sobrevivesse às intempéries políticas e alcançasse longevidade.⁸

Nem mesmo a inauguração de uma capital, Belo Horizonte, planejada sob os pilares racionais do positivismo, em consonância com um ideal de modernização, conseguiu romper com

⁸ Sobre o início da imprensa no estado e no país, cf. Sodré (1966).

uma tradição de fracassos no campo jornalístico. A percepção de Belo Horizonte como a cidade que Gutenberg esqueceu, nas palavras de Moacir Andrade, popularizava-se diante da existência efêmera dos jornais que por ali surgiam.

Entre a inauguração da nova capital e o momento da fundação do *Estado de Minas*, assinala-se a aparição de aproximadamente 160 publicações, todas igualmente caracterizadas por uma existência efêmera. Elas foram criadas por políticos, religiosos ou intelectuais que buscavam, através de suas “folhas”, defender ou apoiar uma candidatura, causa ou idéia. (França, 1998, p. 102).

Essa famigerada situação da imprensa mineira vivenciou um sopro de esperança no ano de 1928. Desejosos de inaugurar uma fase moderna no jornalismo mineiro, Pedro Aleixo, Alvaro Mendes Pimentel e Juscelino Barbosa⁹ fundaram, em 7 de março daquele ano, *O Estado de Minas*. Apoiados por um grupo de intelectuais e políticos, entre os quais Milton Campos e Abílio Machado, o jornal passou a circular com uma tiragem inicial próxima a cinco mil exemplares.¹⁰

Contudo, os primeiros meses do jornal recém-criado indicavam que *O Estado de Minas* seguiria os passos de inúmeras publicações mineiras, que não conseguiam lograr êxito. Os obstáculos surgidos pareciam impedir uma carreira de sucesso para o jornal dirigido por Pedro Aleixo:

Apesar da notoriedade dos nomes que traziam seu apoio, as dificuldades econômicas logo ameaçaram o novo periódico. Ao sucesso da empresa, dois elementos se opunham nessa época: de um lado o fracasso sistemático das tentativas de desvincular a imprensa cotidiana da influência política oficial; de outro, a fragilidade do sistema produtivo (do mercado mineiro) que não propiciava o apoio publicitário necessário para sustentar a sobrevivência de um jornal autônomo. A venda avulsa não passava dos 50 exemplares; as assinaturas eram feitas a partir dos relacionamentos pessoais; a publicidade era obtida na maioria dos casos quase como um gesto de solidariedade. Além disso, era preciso cada vez mais enfrentar a concorrência dos jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo. (França, 1998, p. 105).

É curioso o fato de que, nesse período, o veículo de maior prestígio e popularidade entre os mineiros era o *Minas Gerais*, o diário oficial de responsabilidade do governo estadual. Também é digno de nota que, em outras três oportunidades, ocorreu a circulação de um jornal intitulado *O Estado de Minas*, todas sem sucesso.

Em um primeiro momento, *O Estado de Minas* circulou no ano de 1906, completando 54 números e sob a direção de Álvaro Viana. Na segunda oportunidade, circulou de 1911 a 1915, completando 777 números, sob a direção de José Viana Romanelli, Mendes de Oliveira e Felipe

⁹ Pedro Aleixo e Alvaro Mendes Pimentel eram jovens advogados que há haviam ingressado na carreira política, enquanto Juscelino Barbosa era diretor-geral do Banco Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais. Cf. França (1998).

¹⁰ Cf. França (1998).

Silviano Brandão. Em um terceiro momento, foi dirigido por Augusto Mário Caldeira Brant e Laércio Prazeres, tendo circulado de 1919 a 1922, findando com o número 987.¹¹

A quarta tentativa parecia repetir o infortúnio das anteriores, quando o efervescente ambiente político nacional contribuiu para Assis Chateaubriand desembarcar em terras mineiras. Embora jovem, o pernambucano já havia iniciado seu audacioso projeto de formar um império de empresas jornalísticas, que não poderia negligenciar Minas Gerais.¹²

Iniciando sua carreira jornalística em Recife, no *Jornal Pequeno* e no *Diário de Pernambuco*, Chateaubriand mudou-se para o Rio de Janeiro, onde, em 1924 e aos 32 anos de idade, adquiriu *O Jornal*, que se tornaria o embrião de um império de empresas de comunicação. A compra desse jornal, que inauguraria uma incontável expansão de veículos jornalísticos, é vista deste modo por Carneiro (1999):

Começava ali um império, não agrícola, industrial ou petrolífero, mas um ‘império de palavras’, na expressão feliz de David Nasser. Iniciava-se também o momento de destino, o movimento até então mais importante de um ‘homem severino’, como disse Menotti del Picchia, uma aventura humana estupefaciente e fascinante, puro reflexo de anseios, vivências, lições apreendidas e programas formulados por um gênio autêntico, em todas as suas acepções, significando, desde o mais alto grau de capacidade intelectual alcançável pela mente humana, até a excepcionalidade de pessoa que exerce influência sobre os destinos de uma coletividade e de uma nação. (Carneiro, 1999, p. 55).

Ressaltando o tom hiperbólico deste texto, não se pode negligenciar a importância da compra de *O jornal* e a representatividade desse veículo que inaugurou uma rede de comunicação que, indubitavelmente, exerceu “influência sobre os destinos de uma coletividade e de uma nação”. Como ilustração, basta notar que, posteriormente, a colossal rede de comunicações de Chateaubriand “se estendia do alto do rio Madeira, nos confins da selva amazônica, até Santa Maria da Boca do Monte, nas vizinhanças do Uruguai” (Moraes, 2002, p. 16).

Antes do ocaso da década de 1920, Chateaubriand já contabilizava cinco jornais e duas revistas.¹³ De olho no pleito de 1930, atento às turbulências políticas que ameaçavam sacudir o país e ciente das interferências políticas (para o bem e para o mal) que se fazem presentes em qualquer empresa jornalística, Chateaubriand não concebia que seu incipiente império de

¹¹ Cf. Linhares (1995).

¹² A fim de dimensionar o poder alcançado por Chateaubriand nas décadas seguintes, vale dizer que o pernambucano construiu um conglomerado de mais de uma centena de empresas, que incluía dezenas de jornais, dezenas de estações de rádio, dezenas de revistas, agências de notícias e propagandas, alguns museus, várias fazendas produtivas, indústrias químicas, laboratórios farmacêuticos e as principais estações de televisão do país.

¹³ *O Jornal* (RJ – 1924); *Diário da Noite* (SP – 1925); *Revista do Brasil* (SP – 1925); *Cruzeiro* (RJ – 1928); *Diário de S. Paulo* (SP – 1929); *Diário de Notícias* (RS – 1929); *Diário da Noite* (RJ – 1929).

comunicação não tivesse um representante em Minas. Para o jornalista, a chance de a Aliança Liberal, apoiada por ele, lograr êxito estava condicionada a um veículo de comunicação forte na capital mineira.¹⁴

Fica evidenciado, e talvez a trajetória de Assis Chateaubriand seja o principal expoente desse fenômeno, como as práticas jornalísticas e políticas, naquele momento em especial, estavam tão fortemente imbricadas. Ganha sentido a recordação da frase de Francisco Weffort, tão bem aplicada aos veículos de Chateaubriand: “Jornais não são partidos. Mas como se parecem às vezes” (Capelato, 1988, p. 37).

Com efeito, a ligação de Chateaubriand com o então deputado pelo Rio Grande do Sul, e, posteriormente, presidente Getúlio Vargas, ilustra o ambiente efervescente que caracteriza um jornal, com os interesses, estratégias, acordos e conflitos que marcam a relação de um meio de comunicação com o Estado, os governos, a elite econômica, os anunciantes, o corpo de jornalistas, os leitores e os concorrentes. Assim sendo, Moraes (2002) apresenta um encontro que teria ocorrido ainda em 1924:

Ao perguntar pelos planos de Chateaubriand para o futuro, Vargas ouviu-o dizer que nos próximos meses queria criar um vespertino novo no Rio de Janeiro e, logo em seguida, montar ou comprar um jornal em São Paulo e outro em Minas Gerais, dando início a uma cadeia nacional de informação. A pronúncia da palavra ‘nacional’ fez brilhar os olhos do deputado: ‘- Mais do que qualquer outra coisa, este país precisa de instituições que lhe dêem unidade. Cada estado brasileiro é uma ilha voltada de costas para as outras, como se fossem países diferentes. A cadeia de jornais que tu projetas pode ser um embrião da unidade nacional por que eu tanto luto. Se precisares de ajuda para a realização de seus planos, podes contar comigo’. (p. 145).

É assim que, em março de 1929, decidido a tomar partido na luta pelo poder que se estabelecia no Brasil e valendo-se da força adquirida pela Aliança Liberal e por Getúlio Vargas, Chateaubriand conquistava mais um exército para brigar por seus objetivos: o jornal *O Estado de Minas*.¹⁵ Com sérios problemas financeiros, o jornal criado um ano antes apresentava sinais claros de uma falência iminente.

Agora faltava Minas. ‘Como fazer uma conspiração sem Minas?’, indagava Chateaubriand a cada chefe aliancista que encontrava. ‘E como conspirar com Minas sem ter um grande jornal para defender essa conjura lá, atrás daquelas montanhas?’ Se a Aliança Liberal quisesse, o jornal estava prontinho, e para comprá-lo só faltava um detalhe: dinheiro. Era o *Estado de Minas*, que Pedro Aleixo, jovem professor de direito, montara um ano antes em sociedade com dois amigos, e cujas dívidas o estavam

¹⁴ Aliança Liberal é como ficou conhecida, em 1929, uma afortunada aliança política que se opôs à candidatura paulista de Júlio Prestes e apoiou o gaúcho Getúlio Vargas à Presidência da República.

¹⁵ É oportuno lembrar da definição, atribuída a Gutenberg, de que a imprensa seria um exército de 26 soldados que poderia conquistar o mundo. O fazer jornalístico de Chateaubriand ilustra, como poucos, tal definição.

levando à falência. O sinal verde foi dado pessoalmente por Getúlio Vargas, ao final de uma reunião da Aliança Liberal no Rio de Janeiro, e no dia seguinte Chateaubriand embarcou no trem Vera Cruz para Belo Horizonte junto com Milton Campos. (Morais, 2002, p. 202).

Chegando a Belo Horizonte, com o aval de Getúlio Vargas, Chateaubriand não teria dificuldades em conseguir o dinheiro para a compra do jornal, que, na sua visão, permitiria novo fôlego à conspiração da qual participava ativamente. Considerado por ele como o “Vaticano do crédito”, o estado mineiro já era habitual financiador dos projetos do jornalista.¹⁶ Nessa negociação em especial, o banqueiro Clemente de Faria teria sido o “papa” que possibilitou a aquisição de *O Estado de Minas*.¹⁷

Comprado o jornal mineiro, Chateaubriand o colocou nas mãos de cinco jovens: Pedro Aleixo (presidente da empresa, 28 anos); Dario de Almeida Magalhães (diretor, 21 anos); Milton Campos (redator-chefe, 29 anos); José Maria Alkmin (gerente, 28 anos); e Tancredo Neves (secretário de redação, 19 anos). A fim de ratificar a competência desses novos responsáveis pelo *O Estado de Minas*, Carneiro (1999) observa que “nas décadas posteriores, desse grupo sairiam um vice-presidente da República; um primeiro-ministro e presidente eleito; um ministro da Justiça; um ministro da Fazenda e um dos maiores juristas do país” (p. 135).

Ancorado em nomes dessa envergadura, fortalecido e fortalecendo a extensa rede de comunicações da qual passou a fazer parte, o jornal *Estado de Minas*¹⁸ construiu uma história de proeminência no campo jornalístico do estado, demonstrando uma popularidade que encontra raízes nos primeiros anos de sua circulação.

O Estado de Minas, editado em Belo Horizonte, é o principal jornal de Minas Gerais. Criado em 1928, num momento em que a imprensa mineira vivia uma fase apenas embrionária, foi a primeira e mais duradoura experiência efetiva de jornalismo em Belo Horizonte. Há décadas ele praticamente detém o monopólio do mercado jornalístico da Capital mineira e constitui, sem dúvida, a referência jornalística mais importante do Estado. Trata-se de um jornal eclético, que apresenta um conteúdo amplo – informações regionais, nacionais, internacionais, cadernos especializados – e se destaca sobretudo enquanto referência local, a partir das informações do dia-a-dia da cidade, da agenda de serviços e da publicação dos pequenos anúncios. (França, 1998, p. 16).

¹⁶ “Nem mesmo dos mineiros, famosos pela avareza, Chateaubriand podia se queixar. Ao contrário, costumava dizer que Minas Gerais era o seu ‘Vaticano do crédito’: lá o dinheiro era sempre pródigo, e, quando a vida o compelia ao pecado mortal do atraso no pagamento de uma letra, o perdão acabava vindo” (Morais, 2002, p. 177).

¹⁷ Cf. Carneiro (1999).

¹⁸ Ainda no ano de 1929, o jornal suprimiu o “O” inicial do título, passando a chamar-se *Estado de Minas*. Cf. França (1998).

Após a compra do *Estado de Minas*, Chateaubriand continuou obcecado pela continuidade da expansão de seu império. Foi inclusive em 1930, após, em um artigo, referir-se a sua rede de comunicação como “nossos diários associados”, que a expressão tornou-se nome oficial e registrado de seu grupo de empresas.¹⁹

Se no plano nacional assistia-se a um fortalecimento das empresas de Chateaubriand, Minas acompanhava e mesmo impulsionava esse crescimento: além da consolidação do *Estado de Minas* como principal veículo de comunicação do estado, passaram a fazer parte dos *Diários Associados* o jornal *Diário da Tarde* (1931), a rádio *Mineira* (1931) e a rádio *Guarani* (1936). A respeito desses três importantes veículos, sediados em Belo Horizonte, segue-se:

No começo do ano [1931] havia mais um jornal a reproduzir seus [de Chateaubriand] artigos: a rede tinha crescido com o lançamento, em Belo Horizonte, do *Diário da Tarde*. Repetindo a fórmula que no Rio e em São Paulo fizera tanto sucesso, Belo Horizonte, que já tinha um matutino ‘sério’, o *Estado de Minas*, passava a ter um vespertino ‘popular’, o *Diário da Tarde*. Como os dois jornais mineiros trabalhassem com máquinas obsoletas, Chateaubriand mandou Dario de Almeida Magalhães arrematar em leilão, no Rio, as rotativas de *O País*, ferrenho adversário da Aliança Liberal e da revolução que fora empastelado e incendiado por uma furiosa multidão logo após a vitória de outubro. Por 110 contos de réis os jornais de Belo Horizonte passaram a contar com equipamento ágil e moderno. (Morais, 2002, p. 260).

A primeira emissora de Belo Horizonte entrou no ar, oficialmente, em seis de fevereiro de 1931, instalada em poucos metros quadrados de um porão. Era daquele pequenino espaço que a fantasia se agigantava por intermédio dos microfones e ganhava vida para embalar os sonhos dos ouvintes da cidade. [...] Os grandes cartazes do mundo artístico brasileiro sempre que vinham a Belo Horizonte tinham passagem obrigatória pelos estúdios da Mineira. Assim é que lá se apresentaram Carmem Miranda, Orlando Silva e tantos outros, entre eles Noel Rosa [...]. (Campelo, 2005, p. 06).

No dia 10 de agosto de 1936, Belo Horizonte ganhava sua segunda emissora de rádio: a Guarani, uma estação de serviços, reconhecida pelo seu slogan “a voz do povo”, e que chegou a ser considerada a maior do gênero no Brasil. [...] Mas como as demais emissoras já existentes no País, a Guarani não abriu mão de ferramentas que garantiam sucesso junto ao público, e investiu também em outros formatos, tentando atingir tanto o público adulto, com programas como *Alma Portenha*, quanto o público infantil, com o programa *Gurilândia*. (Campelo, 2005, p. 07).

O evidente avanço dos *Diários Associados* em todo o país, de que Minas era testemunha e responsável, ocorria em um contexto político agitado. Uma vez tendo decidido apoiar a Revolução Constitucionalista paulista,²⁰ em 1932, Chateaubriand e Vargas construíram mais um capítulo de uma relação denominada por Moraes (2002) como “um casamento talhado a

¹⁹ Cf. Moraes (2002).

²⁰ Grosso modo, a Revolução Constitucionalista paulista foi um movimento, iniciado no estado de São Paulo, que exigia a “reconstitucionalização” do país, sendo rapidamente reprimido pelas tropas governamentais.

canivetadas” (p.254). Assim, se, ainda em 1927, Vargas era “um desses temperamentos de que tanto o Brasil precisa para restabelecer a harmonia da República” (Moraes, 2002, p. 175), após duas semanas do gaúcho na Presidência, em fins de 1930, Chateaubriand já o chamava de ditador e finalizava: “Maquiavel é pinto perto do sr. Getúlio Vargas” (Moraes, 2002, p. 253).

Outros tantos capítulos ainda seriam vivenciados pelos “cônjuges”, com Vargas ora financiando e protegendo as empresas de Chateaubriand, ora perseguindo-as. Merece nota a promulgação do Decreto-lei nº 5213, de 1943, assinado por Vargas e feito sob encomenda para beneficiar exclusivamente Chateaubriand,²¹ bem como algumas passagens do jornalista pela prisão, com o consentimento ou mesmo ordem do presidente.²²

Wainer (1987), personagem importante da história da imprensa em nosso país, advoga que a estreita ligação dos donos dos jornais com os governantes era indispensável à sobrevivência de qualquer veículo de comunicação. Observando que, até meados do século XX, a imprensa brasileira ainda carecia de anunciantes e que os recursos advindos das assinaturas e vendas em banca eram insuficientes, conclui que

os meios de comunicação precisavam valer-se de outras fontes de renda, utilizando como moeda de troca seu peso junto à opinião pública. Graças a esse trunfo, os barões da imprensa mantiveram relações especiais com o governo, que tanto lhes prestava favores diretos como beneficiava seus amigos – amigos que sabiam retribuir a ajuda recebida. (Wainer, 1987, p. 224).

De qualquer modo, fato é que, ao longo de sua trajetória, Chateaubriand sempre contou com aliados e adversários de peso. Apoiando e sendo apoiado por um governo, combatendo e sendo combatido por outro, o império do jornalista não parava de crescer. Mesmo com muitos veículos passando por dificuldades financeiras, a ânsia de Chateaubriand em aumentar os números de sua rede de comunicação não arrefecia.²³ Não seria gratuitamente que Chateaubriand

²¹ A “Lei Teresoca”, como ficou conhecida por permitir que Chateaubriand ficasse com a guarda de Teresa, determinava que o filho natural, enquanto menor, ficaria sob o poder do progenitor que o reconheceu e, se ambos o reconheceram, sob o do pai. A promulgação desta lei serviu para alimentar a fama de poder que acompanhava Chateaubriand.

²² Vale a observação de Capelato (1988): “Desde os seus primórdios, a imprensa se impôs como uma força política. Os governos e os poderosos sempre a utilizam e temem; por isso adulam, vigiam, controlam e punem os jornais” (p. 13). A título de ilustração, Sodré (1966) traz um exemplo destas ligações entre jornalismo e política: “É interessante assinalar que a ABI [Associação Brasileira de Imprensa] teve o seu patrimônio enriquecido e tornou-se entidade poderosa justamente numa fase ditatorial, a do estado Novo. Foi Getúlio Vargas quem mandou entregar à casa dos jornalistas os primeiros milhões de cruzeiros, quatro, para edificação da sede da Esplanada do Castelo; ali esteve, em 1931, quando foi proclamado presidente de honra da ABI”. (p. 354).

²³ A passagem seguinte ilustra a relação que Chateaubriand mantinha com seus jornais: “As conseqüências do *crack* da Bolsa de Valores de Nova York sobre a economia paulista acabariam repercutindo num jornal que tinha seus alicerces plantados na indústria e na cafeicultura de São Paulo. Um banqueiro a quem recorreu aconselhou-o ‘a agir

seria comparado, sucessivas vezes e até pela imprensa internacional, como “Hearst brasileiro” ou “Kane sul-americano”, numa referência ao magnata americano Willian Randolph Hearst, possuidor de uma poderosa cadeia de jornais, que teria inspirado Orson Welles no filme *Cidadão Kane*.²⁴

Contudo, a década de 1950 representou tanto o auge dos *Diários Associados* quanto o início de sua decadência. Essa decadência pode ser explicada por incontáveis motivos, sendo que entre os principais estão a desorganização financeira de seu criador e o aumento da concorrência no período. Assim sendo, Moraes (2002) defende que “o império começou a morrer antes de Assis Chateaubriand”.²⁵

Segundo Ortiz (1991), o dono dos *Diários Associados* pode ser definido como o tipo ideal do *capitão de indústria*, definição que englobaria a maior parte dos empresários culturais das décadas de 1940 e 1950, e que marcaria um tipo de empreendedor mais aventureiro e menos racional.

Ativo, empreendedor, seus biógrafos não deixam escapar os traços que o definem como um empresário moderno, criador, “homem-vô”, dinâmico, que viaja constantemente na obrigação de administrar o seu império. (...) Mas, ao mesmo tempo, um homem aventureiro, que busca nos acordos políticos a realização de suas propostas, e que se guia menos pelo cálculo racional que implica uma avaliação do mercado do que pelo empiricismo. (Ortiz, 1991, p. 58).

Utilizando-se de empreendimentos tipicamente aventureiros e sub-valorizando o trabalho metódico, o *capitão de indústria* seria substituído pelo *manager*, marcado pela preocupação com a organização técnica e administrativa dos empreendimentos.²⁶ Nesse caso, Ortiz (1991) justifica que a administração ao estilo “contabilidade de armazém” de Chateaubriand já era anacrônica na década de 1960, o que explicaria o colapso de seu império e o surgimento de outros reinados na área da comunicação, caracterizados pela administração mais racional que o contexto exigia.

A indústria cultural não escapa a esse processo de transformação; os capitães de indústria dos anos anteriores devem ceder lugar ao manager. O espírito empreendedor-aventureiro de Chateaubriand caracteriza toda uma época, mas ele é inadequado quando

como um bom capitalista: se uma empresa está deficitária, venda-a – faça isso com o Diário de S. Paulo’. Ele [Chateaubriand] arrepiou-se: Vender? Mas como é que o senhor quer que eu venda um jornal? O senhor seria capaz de vender um filho deficitário?” (Moraes, 2002, p. 263-264).

²⁴ A trajetória de Chateaubriand fica ainda mais rica quando, para além do império de comunicação erguido por ele, consideramos suas excentricidades, sua perspectiva do poder e suas outras atividades profissionais. Neste último ponto, deve-se destacar que Chateaubriand foi senador por duas oportunidades (1952 e 1957) e embaixador do Brasil em Londres (1957-1960).

²⁵ Chateaubriand faleceu em 04/04/1968.

²⁶ As denominações de *capitão de indústria* e *manager*, utilizadas por Ortiz (1991), foram empregadas por Fernando Henrique Cardoso no estudo sobre o empresário industrial em sociedades subdesenvolvidas.

se aplica ao capitalismo avançado. Nos anos 60 e 70, os grandes empreendedores do setor cultural são outros. (Ortiz, 1991, p. 134-135).

Dentro da rede criada por Chateaubriand, o jornal *Estado de Minas* conseguiu sobreviver e manter sua força e influência, mesmo nos momentos em que parecia certa a derrocada de todo o império construído pelo pernambucano. A distância do *Estado de Minas*, sediado em Belo Horizonte, de seu dono, instalado a maior parte do tempo no Rio de Janeiro, protegeu, em parte, a contabilidade desse jornal dos intempestivos avanços de Chateaubriand. Essa distância também permitiu que o *Estado de Minas* conseguisse se esquivar de disputas políticas acirradas, tão ao gosto do dono dos *Diários Associados*.

Como ilustração de uma trajetória pautada pela constante aproximação com o poder mineiro, convém mencionar que, em mais de 80 anos de história, o jornal *Estado de Minas*, apenas em um momento, fez oposição ao governo estadual.²⁷ Nas outras oportunidades, o jornal e o governo mantiveram uma associação que objetivava o beneficiamento mútuo. Essa orientação, presente ao longo de sua existência, leva à conclusão de que “um estudo da política mineira, da chamada ‘matreirice’ e da encenação do poder em Minas Gerais passa necessariamente pelos acordos de todo tipo celebrados com/através do jornal ao longo de sua história”. (França, 1998, p. 240-1).

Nesse sentido, tais aspectos contribuíram para a posição ocupada pelo jornal mineiro, expressa do seguinte modo por Carneiro (1999): “na paisagem brasileira dos Diários Associados, Minas Gerais é um oásis de estabilidade. Sempre foi assim, reflexo desta terra de administrações e gestões sensatas e equilibradas”. (p. 471). Comungando dessa afirmativa, França (1998) destaca:

No meio de várias outras experiências interessantes, a história do *Estado de Minas* aparece, sem dúvida, como a mais consistente, à medida que parece condensar de certa forma as características e a trajetória da própria imprensa mineira. Criado em 1928, ele manteve um desenvolvimento contínuo, linear, desprovido de grandes crises ou grandes momentos. Em um contexto onde a leitura era ainda pouco arraigada, apesar da criação de outros jornais, construídos em torno de outros projetos e de outros objetivos, o *Estado de Minas* foi pouco a pouco ganhando importância. Sobreviveu à concorrência e com um alto índice de preferência, ganhou a reputação de ser “o grande jornal dos mineiros”. (p. 101-102).

²⁷ O rompimento do jornal com o governo estadual ocorreu no mandato de Newton Cardoso (1987-1991). Cf. França (1998).

Assim, é com essa estabilidade e consistência que o *Estado de Minas* participou do processo de modernização da imprensa brasileira e esteve atento a uma nova fatia do mercado: o público infantil.

1.2 – Uma infância consumidora e leitora: os laços estreitos entre o impresso e a criança no século XX

A sociedade brasileira vivenciou importantes mudanças em meados do século XX, tais como as crescentes urbanização e industrialização, a redução da taxa de analfabetismo, a melhoria na rede de transportes, a expansão das camadas médias da sociedade e o desenvolvimento do setor terciário. Esses aspectos, em conjunto, contribuíram para a transformação do país em uma sociedade urbano-industrial. É também nesse período, segundo Ortiz (1991), que se pode considerar uma incipiente sociedade de massa no Brasil.

Contudo, deve-se ter claro que, desde o início do século, a imprensa escrita já experimentava evoluções significativas em sua produção e circulação. Data desse período a passagem da pequena à grande imprensa, como observa Sodré (1966):

A passagem do século, assim, assinala, no Brasil, a transição da pequena à grande imprensa. Os pequenos jornais, de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício de sua função. Se é assim afetado o plano da produção, o da circulação também o é, alterando-se as relações do jornal com o anunciante, com a política, com os leitores. Essa transição começara antes do fim do século, naturalmente, quando se esboçara, mas fica bem marcada quando se abre a nova centúria. [...] O jornal como empreendimento individual, como aventura isolada, desaparece, nas grandes cidades. (p. 315).

Considerando o ambiente cultural brasileiro em sua totalidade, incluindo, mas não se limitando à imprensa escrita, Ortiz (1991) aponta que é somente nas décadas de 1940 e 1950 que se pode falar em uma indústria cultural e em um mercado de bens culturais no Brasil. Mesmo assim, esse período representaria uma fase improvisada, que só se consolidaria nos anos 1960 e 1970, principalmente devido à televisão.

O lado objetivo da sociedade nos indica a realidade concreta das empresas de cultura: agências de publicidade, rádio, jornal, televisão, cinema; dados que apontam para a emergência de uma sociedade urbano-industrial e que introduzem, nos anos 40, um grau diferenciado de modernização. Mas as dificuldades financeiras, tecnológicas e materiais impõem uma resistência ao desenvolvimento desse mundo moderno. (Ortiz, 1991, p. 94).

O grau de dinamismo atingido pelas empresas de cultura na década de 1940 incluía a diversificação de produtos, que passaram a destinar-se a parcelas específicas da população. No caso particular da imprensa escrita, as publicações voltadas para o público infantil adquiriram cada vez mais importância, uma vez que, diante do elevado número de vendas que alcançavam, representavam uma fatia considerável dos lucros de suas empresas.

Nesse sentido, se acompanharmos o movimento do desenvolvimento da imprensa brasileira constataremos a progressiva consolidação da infância como um público leitor/consumidor de impressos. Assim sendo, o século XX, se não foi o período em que se estabeleceram os laços entre o impresso e a criança, foi, certamente, o período em que tais laços se intensificaram de forma mais claramente radicalizada. Tal fato pode ser explicado pelo avanço tecnológico atingido pelo impresso e pela incontestável aquisição de importância da idade infantil. Conjugados esses dois fatores e somados ao desenvolvimento atingido pelo nosso país em diversos âmbitos, resultou-se na diversificação e popularização de incontáveis impressos dedicados à leitura/consumo das crianças.

Gouvêa (2005) atenta para o fato de que o século XX vem sendo insistentemente proclamado e celebrado como o "século da criança" ou "século da infância", noção, em grande parte, tributária do vigoroso mercado de bens simbólicos destinado a esse público específico.²⁸ Sem olvidar que esse apogeu é oriundo de um processo histórico, a autora destaca:

É inegável a centralidade que a infância assumiu na cultura contemporânea, a ela sendo direcionado todo um mercado de bens simbólicos alicerçados na idéia da sua singularidade e distinção em relação ao adulto. Embora a afirmação da especificidade da infância resulte de uma longa construção histórica, foi no século passado que ganhou contornos mais precisos e definidos, tornando-se alvo de um conjunto de políticas de proteção e amparo e, por outro, de uma maciça produção cultural (p. 123).

A análise dos impressos brasileiros valida a afirmação de que o século passado seria o século da criança, tendo em vista as inúmeras publicações que se destinavam a ela: livros, revistas, almanaques, jornais, suplementos de jornais, folhetos, etc.

²⁸ Convém reiterar que o mercado de bens simbólicos é apenas um dos inúmeros elementos que permitem identificar o século XX como "século da criança". Kuhlmann Jr (2002) menciona como a infância foi alvo da preocupação e cuidado da sociedade, desde o final do século XIX, intensificando-se no século posterior: "A proteção à infância é o motor que a partir do final do século XIX impulsiona em todo o mundo ocidental a criação de uma série de associações e instituições para cuidar da criança, sob diferentes aspectos: da sua saúde e sobrevivência – com os ambulatorios obstétricos e pediátricos; dos seus direitos sociais – com as propostas de legislação e de associações de assistência; da sua educação e instrução – com o reconhecimento de que estas podem ocorrer desde o nascimento, tanto no ambiente privado, como no espaço público. Nesse processo, distribuem-se competências e atribuições do estado e da sociedade, delimitam-se os campos jurídico, médico, assistencial, educacional, assim como se debatem definições legais e normativas" (p. 464).

A particularização das publicações nacionais (destinadas especificamente às crianças, ou às mulheres, ou aos jovens, ou aos empresários, ou aos agricultores, ou à classe médica etc) dá uma dimensão da forma como os impressos buscam seus consumidores. Diante da enxurrada de publicações, destinadas a diferentes segmentos e utilizando-se de agressivas campanhas publicitárias, não fica difícil constatar que “nada há de mais corriqueiro do que tratar os membros das sociedades contemporâneas como ‘consumidores’” (Williams, 1990 apud Ortiz, 2003, p. 147).²⁹

Se, por um lado, a particularização de revistas e jornais sugere uma democratização do acesso aos bens culturais, por outro é necessário relativizar o consumo dessas publicações, uma vez que seria ingênuo supor uma facilidade de acesso a esses bens por toda a população. Sodré (1966) defende, inclusive, que a expressão *meios de massa* não se aplicaria à imprensa escrita em nosso país, visto que jornais e revistas não seriam de uso habitual da maior parte da população:

De alguns decênios a esta parte, tornou-se comum a referência, por todos os motivos importante, a *meios de massa*, tratando-se de veículos de comunicação. É preciso, desde logo, compreender e aceitar que a imprensa não é meio de massa, em nosso país. Como, aqui, por imprensa entende-se jornal e revista, é fácil constatar que esses meios não são de uso habitual em parcela numerosa, majoritária mesmo, do nosso povo. (Sodré, 1966, p. IX-X).

Essa é uma ressalva importante, uma vez que o termo *publicação infantil* produz uma falsa impressão de que seria destinada a todas as crianças. Deve-se ter claro, contudo, que não são todas as crianças, e muito menos no mesmo grau, que estão inseridas nessa vinculação com o mercado consumidor.

Esse alerta serve para as análises que lançam o olhar para as inúmeras publicações que, principalmente no século XX, eram destinadas a uma infância específica. Assim sendo, ganha destaque a ressalva de Gullestad (2005): “a meu ver, não deveríamos mais falar a respeito do estudo da infância, mas antes, e sempre, do estudo de infâncias específicas”. Atento a essa questão, o pesquisador português Sarmiento (2002) reitera o perigo de se encaixar, sob a mesma denominação de infância, realidades tão diversas:

(...) a criação do mercado de produtos para a infância (jogos, roupas, tênis e sapatos, vídeos, produtos informáticos, livros, serviços dos mais diversos, parques temáticos, rotas de turismo infanto-juvenil, guloseimas etc.) para além dos efeitos que produz na uniformização de gostos e estilos de comportamento e de vida, gera, pelos custos que a obtenção desses produtos implica nas famílias e pela apetência gerada pelo *marketing* e publicidade, novas estratificações, sendo as crianças pobres remetidas para a condição

²⁹ Williams, Raymond. *Publicité: le système magique*. Réseaux, n. 42, 1990.

de exclusão perante os seus pares, por menor acesso ao consumo. As desigualdades tendem, deste modo, a ser constituídas nas relações de pares, pela perversidade do fetichismo da mercadoria e pela inculcação dos valores do mercado nas gerações mais jovens. (p. 272).

Deste modo, a necessidade de especificação e de complemento que exige o termo infância fica evidente quando se pensa nas distintas realidades vivenciadas por diferentes crianças. Neste momento, em que passaremos à discussão das publicações que são voltadas para a infância, destacamos que, para cada publicação, para cada temporalidade, para cada espaço geográfico, além de outras incontáveis variáveis, existe uma especificidade, uma realidade única e intransferível de infância.³⁰

O pesquisador Leonardo Arroyo (1968), no que se refere à imprensa destinada à criança no Brasil, denominada por ele como imprensa escolar e infantil, aponta que, apesar de sua evidente afirmação ao longo do século XX, seus primórdios podem ser encontrados no século XIX:

Dela [imprensa escolar e infantil] já podemos encontrar os primeiros exemplos na primeira metade do século XIX na Bahia, onde a tipografia foi instalada em 1811, através do jornal denominado *O Adolescente*, cujo primeiro número circulou em 1831 [...] Mas aos 5 de julho de 1837, em Salvador, circula um jornal que não deixa dúvida sobre sua condição: referimo-nos ao *O Recompilador ou Livraria dos Meninos*, o mesmo ocorrendo com *O Mentor da Infância*, cujo primeiro número data de 4 de novembro de 1846, de Salvador. (Arroyo, 1968, p. 131).

Ainda referindo-se ao início de nossa imprensa infantil, Arroyo (1968) destaca a influência européia como decisiva no processo instituído em nosso país, ressaltando, notadamente, a preponderância de França e Espanha:

É verdade que da Europa já nos vinham os ensinamentos sobre a imprensa infantil. O *Le Magasin d'Education et Récréation*, de Paris, onde aliás colaboravam Júlio Verne, Madame de Stael, entre outros escritores para a infância, servia quase sempre de modelo para nossos jornais. [...] Não seria estranha a profunda influência da imprensa infantil espanhola, por exemplo entre nós, disputando com a francesa essa preferência. A Espanha tem a glória de ter sido dos primeiros países do mundo a cuidar da imprensa infantil. (p. 132).

Analisando o cenário dos impressos no final do século XIX e início do XX em nosso país, Rosa (2002) destaca que “as tentativas de publicação de revistas dedicadas à infância constituíam

³⁰ Importante a advertência de Azevedo (2003): “É preciso lembrar o óbvio: uma criança é um ser humano e não uma categoria abstrata e lógica. Logo, está exposta a inúmeros fatores: contextos sociais e familiares, seu próprio temperamento, acasos e acidentes, sentimentos, experiências concretas de vida, traumas, concepções culturais, entre outros fatores” (p. 80).

experiências tímidas, isoladas, de duração efêmera e de alcance limitado”. (p. 12). Para ela, embora houvesse tentativas na imprensa para se dedicar espaços cada vez maiores a temas específicos (como a mulher no lar, a educação da infância, a formação de professores, as correntes literárias), essas iniciativas não vingavam. Nesse sentido, os impressos infantis continuavam sendo uma seara muito pouco visitada: “a publicação de revistas infantis, por exemplo, se constituía num campo ainda intato, pois não se tinha muito claro o que oferecer à criança como leitura”. (Rosa, 2002, p. 22).

Assim sendo, procuraremos, a partir de agora, mostrar como, ao longo da primeira metade do século XX, as publicações destinadas à infância deixam de se constituir em um “campo intato” para se projetar como um ramo importante da imprensa brasileira.³¹ Cabe reiterar que, longe de almejar a construção de um inventário exaustivo, nosso objetivo é apenas compreender como, em meados do século XX, o cenário de publicações infantis estava tão consolidado e diversificado.

Embora aborde uma publicação que não se insere nas grandes redes comerciais, que constituem o principal objeto desta pesquisa, é conveniente abordar o estudo de Casasanta (1939) a respeito de jornais e revistas escolares.³² O autor, que coordenava exposições de imprensa escolar no estado mineiro, contabiliza a presença, em Minas Gerais, de 328 títulos no ano de 1934 e 409 títulos no ano de 1935. Vale citar, a fim de que se tenha uma noção da importância dessa espécie de publicação no cenário mineiro, que Casasanta calculou em 600.000 o número de exemplares impressos no ano de 1934. (Casasanta, 1939, p. 93).

Em seu livro, lançado pela Companhia Editora Nacional, Casasanta (1939) também aborda inúmeros aspectos relacionados aos jornais e revistas escolares, tais como: escolha do nome, participação dos alunos e professores, seções, cabeçalhos, temas das composições, financiamento, circulação, valores, objetivos etc. Ao elencar as inúmeras contribuições da imprensa escolar, tanto para o desenvolvimento dos alunos como para o funcionamento da

³¹ É interessante notar que enquanto o jornalismo progressivamente vai se voltando para o público infantil, a educação do início do século XX é marcada pela centralidade da criança no processo de ensino-aprendizagem. Esse aspecto será tratado no quarto capítulo.

³² Segundo Biccás (2008), “Guerino Casasanta foi professor e Diretor da Escola Normal de Ouro Fino. Atuou como Inspetor da Instrução Pública na gestão de Olegário Maciel. Católico fervoroso, teve um papel fundamental na relação entre o Estado e o clero mineiro num período bastante conturbado em que os ‘pioneiros’ ganhavam destaque no cenário nacional lutando por uma escola, gratuita, universal e leiga. Foi responsável pelo primeiro curso realizado pela Escola de Aperfeiçoamento especialmente dirigido às religiosas das principais congregações instaladas em Minas Gerais. Além disso foi o criador e o principal divulgador do trabalho dos ‘jornais escolares’ nas escolas mineiras [...]”. (p. 58).

instituição de ensino, o autor estabelece um paralelo entre esses impressos e as publicações vindas de fora do ambiente escolar. Deve-se notar que na sutileza do discurso de Casasanta já é possível verificar a semente de uma grande celeuma que se instauraria no país: o caráter meramente recreativo de muitas publicações infantis, que não tinham vínculo com as escolas.

Existem, presentemente, sob o nome de suplementos ilustrados, muitas revistas destinadas á infancia. Por melhores que sejam tais publicações, trazem em si o pecado original de atuarem como forças externas, agindo sobre a criança, sem despertar-lhes todas as energias. Servem como meios recreativos. Mas, nunca é demasiado repetir, a criança não quer apenas recrear-se. Nas revistas feitas, o interesse é confinado pela ausencia da ação, o interesse é incolor, por ser perifericamente despertado. Vistas as figuras, está lida a revista. Quando, entretanto, a criança participa do trabalho, o interesse se mantém vivo, a sua atitude sai enriquecida pela ação, a sua personalidade sai acrescentada pelo exercicio. (Casassanta, 1939, p. 90-91).

Por seu turno, e restrito às publicações belorizontinas, Joaquim Linhares³³ catalogou, entre 1895 e 1954, 52 jornais ou revistas que foram classificados como “estudantis/escolares” e 5 classificados como “infantis”. Em referência à primeira categoria, Linhares (1995) observou que “quase todos os estabelecimentos de ensino primário ou secundário estão representados neste trabalho com um jornalzinho” (p. 429), embora saliente, repetidas vezes, os entraves encontrados na busca por informações de impressos, o que pode justificar a ausência de alguns títulos em sua catalogação. No que se refere à categoria “infantis”, deve-se notar que se trata de cinco revistas, uma vinculada ao Minas Tênis Clube³⁴, outra associada ao Serviço Estadual do Trânsito, e três independentes.³⁵

Merece incontestável destaque no cenário nacional de publicações infantis a revista *O Tico Tico*, datada de 1905. Fundada por Luis Bartolomeu de Souza e Silva,³⁶ essa revista circulou por 54 anos, alcançando enorme popularidade. Publicando histórias em quadrinhos, contos, textos sobre a história do Brasil, fábulas, quebra-cabeças, adivinhações e passatempos, a revista tornou-se referência para o aparecimento de publicações congêneres que buscavam uma fatia de seu mercado, seja por meio de simples imitações ou contrapondo-se ao seu modelo.³⁷ Rosa (2002)

³³ Joaquim Nabuco Linhares reuniu 839 títulos de jornais e revistas publicados em Belo Horizonte de 1895 a 1954. A obra do colecionador foi publicada em 1995, sendo acompanhada por um estudo crítico levado a cabo pela pesquisadora Maria Ceres Pimenta S. Castro. Cf. Linhares (1995).

³⁴ Uma das principais instituições sociodesportivas de Belo Horizonte, o Minas Tênis Clube foi fundado em 1935 e, desde então, caracteriza-se como espaço de recreação da elite belorizontina.

³⁵ Trata-se, respectivamente: O Saci, O Pisca-Pisca, O Saci (2º), Caretinha e Era uma vez...

³⁶ Luis Bartolomeu de Souza Silva nasceu em Rio Preto (MG), tendo iniciado sua atividade jornalística nos jornais *O País* e *A República*. Em 1902, fundou a revista ilustrada *O Malho* e, em 1905, a revista *O Tico Tico*. Cf. Rosa (2002).

³⁷ A influência de *O Tico Tico* pode ser visualizada por meio das publicações que, através de seus títulos, buscavam uma associação com a revista criada por Luis Bartolomeu de Sousa e Silva: “O Periquito, o Beija-Flor, O Picapau, O

aponta que a revista “se constituiu em uma manifestação cultural que, por mais de cinquenta anos, criou novos hábitos e respondeu a diferentes necessidades de entretenimento de crianças, pretendendo exercer, também, uma ação pedagógica informal” (p. 07).³⁸

No final da década de 1920 e, principalmente, nos anos 1930, os jornalistas e editores da grande imprensa passaram a perceber, com mais clareza, as vantagens de se cativar o público infantil. Desejando a renovação de seu público, os jornais atinaram que os suplementos infantis eram uma forma de preparar e cultivar futuros leitores. É com essa mentalidade que, em 1929, nasce *A Gazetinha*, encartado ao jornal *A Gazeta*, dirigido por Cásper Líbero.³⁹ Convém destacar que, segundo Gonçalves Junior (2004), este teria sido o primeiro suplemento infantil da imprensa brasileira, de circulação conjunta ao restante do jornal.

A Gazetinha começou como suplemento infantil de *A Gazeta*. Fazia parte de um amplo projeto do jornalista Cásper Líbero de renovar os leitores do jornal. Como ele mesmo fazia questão de dizer, com *A Gazetinha*, buscou cativar o público infantil e prepará-lo para, na idade adulta, ler *A Gazeta*. (Gonçalves Junior, 2004, p. 48).

Nesse período, dois personagens tiveram papel de destaque na percepção da criança como consumidora: os jornalistas Adolfo Aizen e Roberto Marinho. O primeiro foi responsável pelo lançamento do *Suplemento Infantil*, além de se destacar como defensor e propagador das histórias em quadrinhos, enquanto o último teve no sucesso de *O Globo Juvenil* uma das principais alavancas do império em que se transformou a marca *O Globo*.

A figura de Aizen merece realce, pois, muito mais que responsável pelo *Suplemento Infantil*, de retumbante sucesso, foi ele quem, se não criou, provou a viabilidade dos suplementos infanto-juvenis. Após uma passagem pelos Estados Unidos, onde verificou que os suplementos destinados a públicos específicos aumentavam substancialmente as vendas dos diários, Aizen convenceu o jornal *A Nação*, de João Alberto Lins de Barros, a publicar um suplemento por dia: Humorístico, Infantil, Policial, Feminino e Esportivo. Incluindo jogos, palavras cruzadas, textos

Juriti, O Simplício, O Tatuzinho, O Grilo foram alguns títulos de publicações para a infância. Em 1933, por ocasião de uma exposição de jornais escolares na Biblioteca Pública de Belo Horizonte, foram mostrados cerca de 350 títulos trazendo, em sua maioria, nomes de pássaros, evidenciando a marcante influência de *O Tico Tico* nesse gênero de publicação”. (Rosa, 2002, p. 43).

³⁸ A respeito do papel desempenhado por *O Tico Tico* no cenário nacional de publicações infantis, escreve Arroyo: “Evidentemente, a produção de revistas para a infância entre nós não ficou na glória de *O Tico-Tico*. Mas nenhuma, depois dela, pode-se afirmar com certeza, cobriu área tão grande de interesse, embora hoje sejam numerosas as publicações dedicadas à infância”. (Arroyo, 1968, p. 141).

³⁹ Formado em Direito, Cásper Líbero (1889-1943) trabalhou nos jornais *Última Hora* e *O Estado de S. Paulo* antes de assumir a direção de *A Gazeta*, em 1918.

didáticos sobre a história do Brasil e muitos quadrinhos, o suplemento dedicado às crianças foi publicado, pela primeira vez, em 14 de março de 1934:

Perto do terceiro mês de vida dos suplementos, já se notava claramente que o pico de vendas de *A Nação* acontecia na quarta-feira, quando saíam as tais “historietas em quadrinhos” do *Suplemento Infantil*. Naqueles dias, a tiragem do jornal passava dos 60 mil exemplares por edição – três vezes a circulação normal do diário antes dos cadernos. Nas ruas, podia-se notar um fenômeno interessante. De repente, um jornal sisudo, de temática quase exclusivamente política, era disputado no meio da semana por crianças e adolescentes em todos os pontos-de-venda do Rio de Janeiro.[...] A aceitação do tablóide de Aizen foi tão grande que era comum a molecada se dirigir ao jornaleiro toda semana para pedir o caderno de uma forma peculiar: - Por favor, moço, quero o suplemento que está aí no jornal. (Gonçalo Junior, 2004, p. 33).

A grande imprensa mineira não esteve alheia a esse contexto de valorização da criança enquanto leitora/consumidora. Além do *Estado de Minas*, cujos espaços destinados à infância serão aqui analisados, outros jornais também dedicaram atenção ao público infantil. Merece destaque, entre outras, a página infantil do jornal católico *O Diário*, intitulada *Diário do Pequeno Polegar*, que entre 1948 e 1961 foi dirigida pela educadora e escritora Alaíde Lisboa (fig. nº 01).

Ex-aluna da Escola de Aperfeiçoamento, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, escritora de livros infantis e didáticos, primeira vereadora de Belo Horizonte (1950), Alaíde Lisboa de Oliveira privilegiou, na página infantil d’*O Diário*, um conteúdo vinculado à literatura nacional:

Impresso em preto e branco, “O Diário do Pequeno Polegar” era composto, basicamente, de muita literatura infantil, dicas e algumas notícias – como de lançamentos de livros infantis, peças de teatro e filmes para a criança. Eram publicadas também histórias populares do folclore brasileiro, antigas ou da época. Entre os textos selecionados para a publicação, haviam poesias e contos de autores como Cecília Meireles, Henriqueta Lisboa e Carlos Drummond de Andrade. [...] Outra sessão de “O Diário do Pequeno Polegar” que, segundo Alaíde Lisboa, fazia bastante sucesso era a de charadas, onde eram lançadas perguntas “construtivas” que buscavam instruir e despertar o interesse e o raciocínio dos leitores. (D’Armada, 1997, p. 28).

Fig. nº 01 – Exemplar de O Diário do Pequeno Polegar, dirigido por Alaíde Lisboa. (O Diário, 03/10/1948).

Assis Chateaubriand, que em meados do século passado era o maior empresário brasileiro na área de comunicações, não ignorou o sucesso das publicações infantis dos concorrentes. Desejando abocanhar uma fatia do importante mercado consumidor que se consolidava, o jornalista lança, em 1940, a revista *O Guri*, que apresentou o ineditismo de ser a primeira revista em quadrinhos totalmente impressa em quatro cores no Brasil. Aproveitando as vantagens de ser membro dos *Diários Associados*, a revista foi anunciada pelos veículos do grupo em todo o país: “Do Oiapoque ao Chuí, todos lêem *O Guri*” (Gonçalo Junior, 2004, p.93). Deve-se mencionar, também, que alguns jornais da extensa rede comandada por Chateaubriand apresentavam seções ou suplementos dedicados ao público infantil, como é o caso que será focalizado neste trabalho.

Nessa época, as revistas e os suplementos infantis e juvenis, ao veicularem histórias em quadrinhos estrangeiras, sofreram forte oposição de educadores, padres, pais e políticos. É ilustrativo o estudo realizado, em 1944, pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), vinculado à época ao Ministério da Educação e Saúde, e levado a cabo por uma comissão de professores e orientadores educacionais:

Além das teses da dominação cultural e do estímulo à violência promovido pelos quadrinhos, o INEP trouxe uma preocupação a mais aos pais: segundo aquela pesquisa, quem lia quadrinhos ficava com preguiça mental e avesso a livros. O instituto dissecou nove revistas para identificar as ‘funções’ deseducativas nos quadrinhos. Os especialistas concluíram que era ‘alarmante’ a porcentagem de cenas de crimes, acidentes ou desastres nas histórias. [...] Numa pesquisa entre estudantes do ensino primário, o INEP considerou absurdo que seis personagens de quadrinhos figurassem entre as vinte personalidades relacionadas como as mais conhecidas da história brasileira. Heróis ‘inventados’ como Flash Gordon, O Fantasma e Brucutu apareciam na frente de nomes reais como Osvaldo Cruz, barão do Rio Branco, Olavo Bilac, almirante Tamandaré e o pintor Pedro Américo (Gonçalo Junior, 2004, p. 114-115).

Outros inúmeros problemas foram apontados pelo INEP, entre os quais: personagens femininas que apareciam de modo “inconveniente”, elevada taxa de “estrangeirismos”, traduções incorretas, erros gramaticais e ortográficos, abuso da gíria. A conclusão do estudo não deixava dúvidas de que os quadrinhos provocavam “graves prejuízos à formação moral dos moços, os quais repudiam o livro normal pelas historietas em quadrinhos” (Gonçalo Junior, 2004, p. 115).

O autor de *A Guerra dos Gibis* evidencia que a celeuma em torno das histórias em quadrinhos não foi privilégio brasileiro. Na França, finda a Segunda Grande Guerra, os quadrinhos estrangeiros eram tidos como uma invasão cultural e também apontados como motivadores de crimes juvenis. Radicalizando, na Itália, em 1938, foi criada uma lei que baniu do país os personagens e histórias em quadrinhos estrangeiros. Nos Estados Unidos, a frente de

resistência aos quadrinhos conseguiu que, em 1948, quatorze importantes editoras de revistas criassem um código comum de auto-regulamentação, visando acabar com os excessos das publicações. Merece destaque, no caso norte-americano, a figura do psiquiatra Fredric Wertham, que buscava provar que as histórias em quadrinhos estavam por trás do crescimento da criminalidade naquele país.

A credibilidade alcançada pelo médico [Fredric Wertham] fez com que a Justiça de Nova York lhe encomendasse um estudo psiquiátrico sobre os detentos e condenados da cidade. Suas conclusões impressionaram a todos. Havia, disse ele, um ponto em comum entre os criminosos menores de idade: o hábito de ler quadrinhos. Ou seja, os delinquentes se inspiravam nas revistinhas para cometer crimes. (Gonçalo Junior, 2004, p. 124-125).

Tendo em vista essa querela, fica evidenciado que os suplementos e revistas que insistiam na publicação, quase exclusiva, de histórias em quadrinhos estrangeiras construíram um caminho distinto daquelas publicações que, cientes da oposição que os quadrinhos enfrentavam, buscaram legitimidade e credibilidade na veiculação de conteúdos tidos como “saudáveis”. Nesse ponto, a aproximação com o que era ofertado nas escolas era a forma mais garantida de fugir da censura e da rejeição do Estado, da Igreja, de pais e professores. Como veremos nos capítulos subseqüentes, o último caminho foi o escolhido e traçado pelo *Gurilândia*.

De qualquer forma, esses episódios explicitam a força adquirida pelas publicações infantis no Brasil, que encontraram um terreno fértil para seu crescimento em meados do século passado. Também se deve ressaltar que, ao lado da criação de inúmeros produtos e serviços voltados para a criança, também se estabeleceu uma preocupação com os efeitos dessa atmosfera no desenvolvimento infantil. A história dos impressos infantis ilustra esse período e é representativa da construção sócio-histórica da noção de infância em nosso país.

Isso posto, convém destacar que é no interior desse cenário, mais complexo do que o aqui apresentado, que se insere o suplemento infantil *Gurilândia*.

1.3 – O espaço infantil no Estado de Minas: precursores do Gurilândia

Embora breve, o panorama das publicações infantis construído no tópico anterior permite compreender em que contexto se encaixa o suplemento infantil *Gurilândia*. Nesse sentido, busca-se escapar dos perigos da hiper-especialização, fenômeno comum no conhecimento científico contemporâneo e especialmente evidente no campo historiográfico.

O oceano da historiografia acha-se hoje povoado por inúmeras ilhas, cada qual com a sua flora e a sua fauna particular.[...] O historiador das últimas décadas do século XX viu-se assim autorizado, tanto pela tendência à hiper-especialização do homem moderno como pelas novas modas historiográficas, a cuidar zelosamente do seu pequeno canteiro, como se nada mais importasse além de uma rosa rara. (Barros, 2004, p. 18 e 21).

É tendo esse alerta em vista que, antes de desembocarmos na análise do *Gurilândia*, faremos um breve histórico dos espaços dedicados à infância que o antecederam nas páginas do *Estado de Minas*.

Fundado, como vimos, em março de 1928, e incorporado à rede de Chateaubriand em maio do ano seguinte, o jornal *Estado de Minas* já destinava, em 13 de outubro de 1929, um espaço à leitura das crianças: *Pagina Infantil* (fig. nº 02). Entre essa primeira experiência até a chegada do *Gurilândia*, em 1948, o espaço infantil do jornal foi ocupado por mais quatro títulos: *Pagina da Creança*, *Secção Infantil*, *Pequeno Mundo da Gente Nova*, e *Malazarte*.

Importa assinalar que nenhum desses títulos apresentava qualquer informação a respeito de seus diretores, editores ou responsáveis. Tal fato poderia nos conduzir à dedução de que uma prática comum na literatura infantil também se fazia presente nessa modalidade de jornalismo.

As relações da literatura infantil com a não-infantil são tão marcadas, quanto sutis. Se se pensar na legitimação de ambas através dos canais convencionais da crítica, da universidade e da academia, salta aos olhos a marginalidade da infantil. Como se a menoridade de seu público a contagiasse, a literatura infantil costuma ser encarada como produção cultural inferior. (Lajolo e Zilberman, 1985, p. 11).

Essa ausência de identificação poderia supor que o mesmo estigma da literatura infantil também marcava o jornalismo dedicado à infância. Talvez esse jornalismo ainda se ressentisse de uma carência de legitimação que, séculos antes, impediu Charles Perrault de assinar a primeira edição de *Contos da Mamãe Gansa*, datada de 1697, preferindo atribuir a seu filho a autoria de uma obra destinada às crianças (Lajolo e Zilberman, 1985).

Contudo, a explicação mais plausível para essa falta de identificação reside no fato de que esta era uma prática comum no ambiente jornalístico do período. Longe de constituir uma especificidade das publicações infantis, vários editoriais, colunas e reportagens, de temáticas distintas, não eram assinados ou identificados. Assim sendo, a ausência de identificação dos responsáveis pelos espaços infantis no jornal *Estado de Minas* não deve ser encarada como uma especificidade dessa publicação, uma vez que também marcava outros setores do jornal, sendo uma prática corriqueira naquele período.

De qualquer forma, *Pagina Infantil* inaugurou o espaço do jornal dedicado às crianças. Circulando majoritariamente aos domingos, conseguimos identificar 65 números dessa seção, assim distribuídos, por ano: 10 em 1929, 13 em 1930, 3 em 1933, 8 em 1943, 28 em 1944, 2 em 1945, 1 em 1947. Ocupando, inicialmente, ½ folha, passa, em 1943, a ocupar a totalidade de uma folha. Grosso modo, podemos observar que o conteúdo desse título era, preponderantemente, ligado à literatura, notadamente fábulas e contos infantis. As publicações de composições dos leitores também gozaram de certa permanência. É digno de nota, principalmente nos primeiros números, a presença marcante de temas ligados ao escotismo.

O primeiro espaço destinado à infância no principal jornal do estado foi apresentado do seguinte modo:

Bilhete pros pequenos leitores do Estado de Minas

Pequenos leitores

Inauguramos hoje, no Estado de Minas, a “Pagina Infantil”, dedicada a voces, que ainda não podem lêr os assumptos massudos e impertinentos, tão ao gosto das pessoas grandes.

Esta página ficará sendo, todos os domingos, um encanto para os pequenos leitores de Minas.

Assim o esperamos. Porque voces ainda não se occupam de politica, que costuma ser, entre os homens a causa de muitas contrariedades.

De moda, talvez voces não entendam também. Cabe á querida mamãe ler a “Pagina Feminina” e fazer, então, roupinhas bonitas para voces, sem que isto lhes custe a mais leve contrariedade e a mínima preocupação.

Mas, quando dissemos que este canto do jornal será um encanto, deixamos subentendido: - si os pequenos leitores quizerem. Neste trecho do Estado de Minas suas ordens serão cumpridas. Poderão mandar e desmandar.

A petizada não nos negará o seu auxilio.

Depois, publicaremos, trabalhos de todos. Contos, desenhos, poemas, o que lhes parecer mais commodo e mais de accordo com as tendencias de cada um. É só nos enviar, que serão atendidos.

Não gostando, é só escrever reclamando. Na verdade, vocês são os donos desta pagina inteirinha, pequeninos leitores a quem desejamos todo o bem.

Agora, uma pergunta.

-Voce já é escoteiro? (13/10/1929).

Vale observar, nesta apresentação da *Pagina Infantil*, as representações dos interesses de leitura de homens e mulheres. Enquanto os primeiros são representados como interessados em política, as mulheres teriam o interesse voltado para a moda. De qualquer forma, ambos se interessariam por “assumptos massudos e impertinentos”, visto que seriam “tão ao gosto das pessoas grandes”. Também é interessante que, já nessa apresentação, a menção ao escotismo se faz presente, presença que seria evidenciada nos números posteriores.

Convém assinalar que o escotismo esteve presente em várias publicações infantis do período, influenciadas, seguramente, por *O Tico Tico*. Rosa (2002) aponta que, em 1916, essa revista já orientava os leitores na fundação de núcleos de escoteiros, explicitando os princípios básicos de sua organização. A autora defende uma harmonia entre os objetivos do escotismo e de *O Tico Tico*:

O desenvolvimento de um comportamento baseado em valores éticos, por meio do trabalho de equipe, da atividade comunitária, da iniciativa pessoal e da liberdade com responsabilidade, que constituía o pressuposto fundamental do escotismo, esteve sintonizado com as preocupações dos responsáveis pela revista quanto à formação do caráter da criança. (p. 91).

Em 1931 e em 1932 circulou, na grande maioria das vezes aos domingos, *Pagina da Crença*, sem fugir do direcionamento iniciado pela *Pagina Infantil*. Totalizando 16 números, dos quais 13 em 1931 e 3 em 1932, destacam-se, como autores de textos recorrentes nessa página: Coelho Netto, Nelly de Mattos e Malba Tahan. Deve-se mencionar, também, a seção intitulada “As creanças e a moda”, assinada por Gilda Loureiro (fig. nº 03).

Seguindo esse trajeto histórico do espaço ocupado pela infância no *Estado de Minas*, percebe-se que no ano de 1933 circulou *Secção Infantil*, totalizando apenas 5 números (fig. nº 04). A curta duração, a falta de especificidade em relação aos títulos anteriores e o pequeno espaço ocupado impedem observações mais aprofundadas deste título.

Já no final de 1934 circulou, em 5 números, *Pequeno Mundo da Gente Nova* (fig. nº 05). De especial, deve-se dizer que este título ocupava 2 páginas, enquanto seu antecessor ocupava $\frac{1}{4}$ ou $\frac{1}{3}$ de página. Esse dado revela-se ilustrativo de uma vitalidade e de uma importância progressiva dos espaços infantis no *Estado de Minas*, que se mostrará mais patente com *Malazarte*. Merece relevo em *Pequeno Mundo da Gente Nova* a presença de um autor cuja popularidade com as crianças ainda hoje é inigualável em nosso país: Monteiro Lobato.

Por fim, devemos focalizar *Malazarte* (fig. nº 06), do qual identificamos 359 números, assim distribuídos, por ano: 4 em 1934, 50 em 1935, 45 em 1936, 50 em 1937, 51 em 1938, 41 em 1939, 37 em 1940, 61 em 1941, 19 em 1942, e 1 em 1946. Pelo período extenso que circulou, bem como pela alta quantidade de números, *Malazarte* permite alguns apontamentos importantes para a compreensão do *Gurilândia*, principalmente pela presença de intenções, seções e personagens semelhantes ou mesmo idênticos.

Malazarte, em um aspecto comum aos seus antecessores e até mesmo a seu sucessor *Gurilândia*, apresentou uma predominância de textos literários, com frequência de autores como Brant Horta, Cecília Meirelles, Coelho Netto, Lindolfo Gomes, Malba Tahan, Monteiro Lobato, Olavo Bilac, Viriato Correia.⁴⁰ Algumas seções presentes em *Malazarte* também marcam presença em *Gurilândia*, com pequenas alterações nos nomes, mas com similaridade no conteúdo, tais como: “Aprenda a Desenhar”, “Carta aos Amiguinhos”, “Colaboração dos amiguinhos de ‘Malazarte’”, “Concurso de Natal”, “Conversas do Tio Sergio”, “Correio do Malazarte”, “Correio do Tio Sergio”, “Ficha do leitor”, “Os grandes homens”, “Os grandes vultos da nossa história” e “Para você colorir”. Mais um ponto que deve ser destacado refere-se à “Columna da Guryzada”, seção de razoável importância no *Malazarte* e que se utilizava da variante do termo *guri* para se referir aos pequenos leitores do suplemento.

Entre as semelhanças de *Malazarte* e *Gurilândia*, que ficarão mais patentes após a análise desse último, deve-se ressaltar o personagem Tio Sergio, que está para o primeiro como Tio Mario está para o segundo. Esses personagens funcionavam como a “voz” dos suplementos, apresentando seções novas, aconselhando as crianças em seu relacionamento com os pais e com a escola, orientando as composições e os desenhos feitos pelos leitores, etc.

⁴⁰ Deve-se mencionar que todos estes autores, de frequência recorrente em *Malazarte*, também o são em *Gurilândia*, como será visto posteriormente.

UM DOIDO AJUIZADO CHERUBIM E O CASAL

A black and white line drawing of a landscape. In the foreground, there are several trees with rounded canopies. A fence or path runs horizontally across the middle ground. In the background, there are more trees and a small, arched structure, possibly a bridge or a gate. The drawing is simple and stylized.

— Mas, pelo nome de Deus! disse

— Oh! que gostosa!
Vou tirar mais outra.

do . . .

MAIZENA
DURYEA

se as muitas ilustrações que se

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____
ESTADO _____

Fig. nº 06 – Exemplar de *Malazarte*, título que contou com 359 números, alcançando uma estabilidade de que *Gurilândia* se beneficiaria. (08/08/1937).

Um problema latente em todos esses espaços infantis do *Estado de Minas* refere-se à periodicidade irregular. Os títulos infantis apareciam e desapareciam com muita naturalidade. Assim sendo, alguns números apresentaram justificativas para essa irregularidade, como a seção “Correspondência de Janjão”, presente em *Pagina Infantil*:

Correspondência de Janjão

Meus amigos, para falar a verdade, eu já estava meio desiludido de voltar. Tudo indicava que a “Pagina Infantil” não seria publicada tão cedo, por causa da guerra, que dificulta a chegada do papel. Entretanto, as coisas aconteceram de modo diferente e hoje, todo o pessoalzinho (eu, Xandoca e Tisiu) aqui está, para conversar com os amigos que temos em todo o estado.

Espero que vocês se lembre de nós e nos recebam com carinho. Nada de cara feia, nem de beijo caído. Passamos este tempo todo sem conversar com vocês, mas a nossa amizade continuou a mesma. E, de agora em diante, muito maior será essa amizade, porque a “Pagina”, segundo me prometeram aqui no jornal, sairá com regularidade absoluta. (10/12/1944).

A promessa feita a Janjão, de que *Pagina Infantil* sairia com regularidade absoluta, não foi cumprida. Também no final de 1946, Tio Sergio justificou a ausência de *Malazarte* com o mesmo argumento (dificuldades referentes ao papel) e fez a mesma promessa, que, igualmente, não se cumpriria.

Conversa com Tio Sergio

Queridos sobrinhos

Há quanto tempo, tanto! O Malazarte dorme caladinho na gaveta do Estado de Minas...

A Guerra, a dificuldade de transporte, a crise de papel não deixaram que nossa pagina infantil continuasse aparecendo todo domingo, como antigamente. Quem se lembra?

Os anos passaram, tanta coisa mudou, mas Tio Sergio é o mesmo de antes. O mesmo, não. Ficou muito mais velho, mais tremulo e a cabeça cheia de cabelos brancos. Mas o coração, isto não mudou. É o mesmo coração amigo das crianças. [...]

E agora, uma surpresa. Sabem quem vai voltar muito brevemente? E vai trazer uma infinidade de coisas bonitas, historias, charadas, desenhos e perguntas para vocês? Quem é capaz de adivinhar? É o ... Malazarte? Gostaram?

Tio Sergio (25/12/1946).

Cabe ressaltar que não se distinguem propostas muito divergentes nos espaços infantis que antecederam o *Gurilândia* no *Estado de Minas*. É claro que, analisando a trajetória dos cinco títulos, percebem-se mudanças sutis que, acumuladas, culminam, no *Malazarte*, em um projeto mais claramente associado à infância (mais ilustrado e com uma linguagem que, paulatinamente, vai ganhando em especificidade, distanciando-se da utilizada com interlocutores adultos).

Malazarte também se beneficia de um espaço que vem sendo conquistado, gradualmente, a partir de 1929, com *Pagina Infantil*. Neste ponto, vale observar que *Gurilândia* inicia, em janeiro de 1948, respaldado por uma já consolidada tradição presente no *Estado de Minas*. Sendo

o sexto título infantil do jornal, o suplemento dirigido por Celso Brant é o continuador de uma história que já creditava 450 números. Portanto, é tendo toda essa história como alicerce, que *Gurilândia* constrói sua trajetória de 1948 a 1979, retornando em 1993 e permanecendo até os nossos dias.

E é esse suplemento que será analisado a partir de agora.

II – Produção, circulação e projeto editorial

“Tio Mario aos seus sobrinhos

Meus queridos sobrinhos

A partir de hoje, volta o ESTADO DE MINAS a apresentar, todos os domingos, esta pagina que é dedicada a vocês e através da qual vocês poderão manifestar as suas opiniões e mostrar as suas habilidades”. (Apresentação do primeiro número de Gurilândia, 25/01/1948).

Este capítulo explora alguns elementos que possibilitam um melhor entendimento do *Gurilândia*, como aspectos de sua produção e circulação, apreendidos por meio da especificidade que o caracteriza, a saber: sua associação com o jornal *Estado de Minas*. O total de números publicados e os números de páginas, ao longo do período de 1948 a 1956, permitem visualizar seus momentos de maior estabilidade, sua periodicidade irregular, bem como o lugar deste suplemento no interior do jornal *Estado de Minas*.

Nessa perspectiva, a problematização do vínculo do suplemento infantil com o jornal do qual faz parte, bem como a análise da periodicidade e do número de páginas, almeja a compreensão da “arqueologia do objeto”, termo utilizado por Chartier (1990) para referir-se à investigação, na própria materialidade do impresso, dos aspectos de sua produção, circulação e uso.

A figura de Celso Brant, diretor do *Gurilândia*, também será explorada, buscando, em sua trajetória e em seu círculo de amizades, elementos que facilitem o entendimento de seu papel frente ao suplemento.

A última parte deste capítulo é reservada ao mapeamento das seções veiculadas no *Gurilândia*, o que permite a visualização do projeto editorial da publicação. As seções serão analisadas com o objetivo de conhecer quais eram as temáticas que estavam presentes no suplemento, de que modo e com que força. Assim sendo, buscar-se-á, por meio das seções, as principais permanências e transformações do suplemento, o que, em seu conjunto, compõem o sentido do *Gurilândia*.

É importante ressaltar que não entendemos o *Gurilândia* como a soma exata das seções que o compuseram. Advertidos de que o todo é mais que a soma das partes, acreditamos na possibilidade de, por meio dos fragmentos representados pelas seções, perceber reflexos da totalidade do suplemento.

2.1 – O responsável pelo *Gurilândia*: as múltiplas faces de Celso Brant

Conforme já justificado, o *corpus* de análise escolhido para este estudo privilegiou os primeiros anos de circulação do *Gurilândia*, momento no qual o suplemento foi dirigido por Celso Brant. Confluiu para tal escolha a representatividade de Brant no cenário cultural e político mineiro, bem como a especificidade do projeto editorial da publicação no período que esteve sob sua responsabilidade.

Importa observar que a assinatura de Celso Brant como diretor do *Gurilândia* só aparece, expressa formalmente, entre 03/08/1952 e 18/03/1956. No entanto, a proeminência de Tio Mario como responsável pelo suplemento e a identificação deste personagem com Celso Brant, ocorrida de modo explícito tanto pelo próprio jornalista quanto pelas cartas publicadas dos leitores, permitem inferir, com segurança, que o *Gurilândia* foi dirigido pelo diamantinense desde o primeiro número, datado de 25/01/1948 (fig. nº 07), estendendo-se até março de 1956.⁴¹

Ao referir-se a Celso Brant como “o responsável” pelo *Gurilândia*, este estudo pode transmitir a sensação de que considera o suplemento infantil como resultado dos esforços e capacidades de um único homem. Convém, contudo, rechaçar essa falsa impressão.

Deve-se, inicialmente, compreender que *Gurilândia* era uma página infantil, presente em um importante jornal, que, por sua vez, formava, ao lado de inúmeras outras empresas, uma rede de veículos de comunicação intitulada *Diários Associados*. Nesse simples esquema nota-se a rede hierárquica que permitia, ou não, a tomada de decisões referentes ao suplemento infantil.

⁴¹ O estudo de D’Armada (1997) também defende que Celso Brant dirigiu o suplemento desde sua criação até o ano de 1956.

Pensando na produção de uma revista, em uma análise que pode ser estendida para os jornais, Sirinelli (1996) a encara como um ambiente dinâmico e plural, marcado por forças de adesão (“pelas amizades que as subentendem, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem”) e de exclusão (“pelas posições tomadas, os debates suscitados, e as cisões advindas”). Desse modo, o autor advoga que “em suma, uma revista é antes de tudo lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade” (p. 249). Pensando no espaço de sociabilidade e nas interferências que o encontro de itinerários individuais acarretam em um periódico, Luca (2005) defende

a importância de se identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos, que dão conta de intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores. Igualmente importante é inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros, aí incluídos os de caráter publicitário. Ou seja, à análise da materialidade e do conteúdo é preciso acrescentar aspectos nem sempre imediata e necessariamente patentes nas páginas desses impressos. (p. 140).

No caso do *Gurilândia*, dificulta a presente pesquisa o fato de inexistir qualquer informação, quer seja no próprio impresso ou junto à Gerência de Documentação e Informação do Sistema Estaminas de Comunicação,⁴² a respeito do coletivo responsável pelo suplemento infantil. No entanto, o exercício proposto por Luca (2005) será realizado na compreensão da figura de Celso Brant enquanto homem com uma história familiar, com convicções políticas e filiações partidárias, e com um protagonismo na cena cultural mineira. Todas essas facetas serão tratadas, a partir de agora, na busca de compreender seu círculo de amizades e o contexto intelectual e político em que estava inserido.

Visto isso, a utilização do termo “responsável” para identificar Celso Brant não significa que é exatamente desse modo que o consideramos, mas é uma forma de dar relevo ao nome que, durante anos, assinou a direção do *Gurilândia*. O realce à figura de Celso Brant assenta-se, também, no fato de que, durante todo o período pesquisado, é o único nome que aparece vinculado à direção do suplemento. Reitera-se, portanto, que não negamos, com isso, a existência de outras pessoas que também foram responsáveis por constituírem o *Gurilândia* tal e qual o pesquisaremos.

⁴² A Gerência de Documentação e Informação do Sistema Estaminas de Comunicação (Gedoc) é a área de documentação e informação ligada ao jornal *Estado de Minas*. Além de disponibilizar todos os números desse jornal, também compõem o acervo da Gedoc todos os números do jornal *Diário da Tarde* e a coleção completa da revista *O Cruzeiro*. Todo o material disponível para pesquisa está microfilmado.

Assim sendo, antes de centrar a análise na figura de Celso Teixeira Brant (1920-2004), convém mencionar alguns episódios da família Brant, ressaltando que esse sobrenome teve, anteriormente, destacado papel ligado à imprensa e às publicações infantis.

Primeiramente, é digno de nota o livro *Minha Vida de menina*, escrito por Alice Dayrell Caldeira Brant, com o pseudônimo de Helena Morley.⁴³ Nascida em Diamantina, a autora publicou, em 1942, o que seria seu diário entre os anos de 1893 a 1895, quando teria de 13 a 15 anos. Transformado em livro, esse diário já foi traduzido para o inglês e o francês, além de ser sucesso de venda no Brasil.

Importa também assinalar a figura de Augusto Mário Caldeira Brant.⁴⁴ Também diamantinense, Augusto Mário exerceu a profissão de banqueiro, empresário, advogado e jornalista. Quanto a essa última, dirigiu, em Belo Horizonte, entre 1919 e 1922, o jornal *Estado de Minas*, em sua terceira fase, como visto no capítulo anterior. A respeito deste jornal, escreve Linhares (1995):

O *Estado de Minas* foi fundado pelo Dr. Augusto Mário Caldeira Brant, que o dirigiu durante quase todo o período de sua existência. Já no fim teve por substituto o Dr. Laércio Prazeres. O dia 15 de julho de 1919 assinala o início de suas atividades. Sem embargo de sua sólida organização, não conseguiu vencer, contra geral expectativa. [...] Não padece a mínima dúvida de que foi o *Estado de Minas* que aqui lançou as bases do jornal moderno, plantando, destarte, o marco divisório de duas eras de nossa Imprensa – a antiga e a moderna. (p.192).

Irmão de Augusto Mário e cunhado de Alice Dayrell, cabe destacar a figura do também diamantinense Cícero Brant.⁴⁵ Segundo inventário da imprensa escolar e infantil brasileira, levado a cabo por Leonardo Arroyo, Cícero foi responsável pelo jornal intitulado *Ensaio Infantil*.⁴⁶ A este respeito, escreve Arroyo (1968): “Outro jornal da época foi o *Ensaio Infantil*, então dirigido por Cícero Brant. Esse jornal duraria oito meses e, embora de pouca duração, como seria a característica principal da imprensa escolar, ainda assim demonstra que por todos os lados do Brasil eles existiam”. (p. 151).

⁴³ Alice era prima da mãe de Celso Brant, Maria Amália Teixeira Brant.

⁴⁴ Casado com Alice Dayrell Cadeira Brant, Augusto Mário era primo do pai de Celso Brant, José Ferreira de Andrade Brant.

⁴⁵ Cícero era primo do pai de Celso.

⁴⁶ Deve-se ressaltar que, nas memórias de João Edmundo Caldeira Brant, o autor se coloca, ao lado do próprio Cícero, de Sales Mourão e de Jacinto Leite, como responsável por *Ensaio Infantil*. (Brant, s/d, p. 57).

Apesar de insuficientes, essas informações evidenciam uma aproximação da família Brant com o mundo das letras, da leitura, da imprensa e do ensino. Tais evidências permitem inferir um prestígio da família no cenário diamantinense e mineiro.

Quanto a Celso Brant, sua vida anterior e posterior à criação do suplemento são dignas de análise.⁴⁷ Nascido em Diamantina, no ano de 1920, Brant cursou o primário e o secundário em Belo Horizonte, aquele no Grupo Escolar Dom Pedro II e este no Colégio Arnaldo.⁴⁸ Posteriormente, Celso Brant cursou Direito na Universidade de Minas Gerais (atual Universidade Federal de Minas Gerais), onde depois lecionou. Além de advogado e professor, Brant também atuou como jornalista, literato, musicógrafo, economista e político.

O ano de 1955 marca o início da trajetória política de Celso Brant, quando aceita o convite do então governador Clóvis Salgado para ser seu secretário particular e, posteriormente, chefe do Executivo.⁴⁹ No ano seguinte, com a vitória nas eleições presidenciais de Juscelino Kubitschek e a conseqüente nomeação de Clóvis Salgado como Ministro da Educação e Cultura, Brant passa a ser seu Chefe de Gabinete, posto que ocupa até 1958. Cumpre destacar que, entre abril e outubro de 1956, coube a ele substituir interinamente Clóvis Salgado à frente do Ministério.

A trajetória de Celso Brant na política ainda incluiu, entre outros: um mandato de deputado federal (1958), a cassação de seus direitos políticos pelos militares (1964), a fundação do Partido da Mobilização Nacional (1985), a disputa pela Presidência da República (1989), um mandato de vereador em Belo Horizonte (1992) e a função de subsecretário do Trabalho no governo estadual de Itamar Franco (2000).

Reflexo das diversas atividades que exerceu ao longo da vida, Celso Brant publicou 24 livros, de temáticas diversas. Assim, tem-se desde livros de poesia de influência indiana ou indígena até reflexões sobre política internacional, passando por manifestos políticos de

⁴⁷ As informações relativas a Celso Brant foram colhidas junto a Vera Brant, sua irmã, e também retiradas dos seguintes sites: www.celsobrant.pro.br/; www.trespontas.mg.gov.br/estrutura/celsobrant.htm; www.novainconfidencia.com.br e <http://portal.mec.gov.br/index2.php>.

⁴⁸ Merece destaque o fato de que os dois estabelecimentos de ensino onde estudou Celso Brant são instituições tradicionais de Belo Horizonte, que têm na grandiosidade de seus prédios testemunhos arquitetônicos de sua importância. Em relação ao Colégio Arnaldo, principalmente, podem ser citados como ex-alunos: Abgar Renault, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Gustavo Capanema e Rubem Braga. Cf. Cançado (1999).

⁴⁹ Clóvis Salgado era vice de Juscelino Kubitschek e assumiu o governo do estado com a renúncia deste em virtude da disputa pela Presidência da República em 1955.

orientação marcadamente nacionalista.⁵⁰ Deve-se notar que, antes de assumir a direção do *Gurilândia*, em 1948, Brant já havia publicado três livros, todos vinculados à literatura, e também já assinava uma coluna no jornal *Estado de Minas*, “Vida Artística”, de temática ora musical, ora literária. Com menos de 30 anos de idade, Celso Brant também acumulava o prestígio de dividir a primeira página da segunda seção do mais importante jornal de Minas Gerais com nomes já consagrados, tais como: Eduardo Frieiro, Otto Maria Carpeaux, Alphonsus Guimarães, Gilberto Freire e Jair Silva.

Corroborando esse prestígio de Celso Brant, vale a pena observar que uma certa aura de intelectual precoce, de homem das letras e das artes o acompanhava.⁵¹ É invocando essa imagem que Nelson Thibau, radialista e político mineiro, se refere a Brant, com quem dividia a apresentação do programa *Espelho da cidade*, que ia ao ar pela *Rádio Mineira* no final da década de 1940: “o programa era muito moderno, falava sobre arte, culinária e moda; fazia entrevistas com gente da sociedade, dava notícias dos bailes. Muita coisa inspirada por Celso Brant, um intelectual no rádio” (Martins, 1999, p. 56). Contribuiu para essa imagem de intelectual o domínio de vários idiomas que, desde jovem, Brant cultivava.⁵² A fim de tornar mais explícita essa aura ligada a Brant, é revelador o testemunho do jornalista Sebastião Nery:

⁵⁰ Livros de autoria de Celso Brant, por ordem de publicação: Fatores genéticos da literatura (1939), A poesia ameríndia (1940), Baladas do outono (1940), Fábulas do Tio Mario (1951), O estado moderno e o direito internacional (1951), Teoria geral do serviço público (1951), Arte e religião (1955), Canção do trabalho obscuro (1955), Conceito de cultura (1956), Bach: o quinto evangelista (1957), O bicho-de-pé (1958), Poetas da Música (1958), A mobilização nacional (1982), O grande despertar (1984), A revolução brasileira (1985), Teologia da libertação versus teologia da submissão (1985), Poder constituinte e soberania (1986), Quem tem medo da moratória (1986), A guerra do Golfo Pérsico e o futuro do petróleo (1992), Projeto Tiradentes (1994), A nova Inconfidência (2003), As mais belas estancias do Sakuntala de Kalidasa: segundo os mais conhecidos tratados de alankara (s.d), Os índios e a Bíblia (s.d), Terceiro Mundo, Terceiro Caminho, Terceiro Milênio (s.d).

⁵¹ Diante dessa aura de intelectual que acompanhava Celso Brant, reforçada pela grande produção do jornalista, de que os 24 livros publicados são a maior evidência, é difícil não recorrer à analogia de Tocqueville apresentada por Sirinelli (1996): “A abundância da documentação também é própria do campo estudado e constitui um obstáculo extra. Quem trabalha com a história dos intelectuais é ameaçado pelo que se poderia chamar de síndrome do mineiro, de tal forma a abundância de material a ser tratado torna atuais estas frases de Tocqueville: ‘Eu era como o minerador de ouro sobre cuja cabeça a mina tivesse desabado: estava esmagado sob o peso de minhas notas e não sabia mais como sair dali com meu tesouro’”. (p. 244-245)

⁵² Neste ponto, merece destaque a tradução do texto da ópera *O Sertão*, encenada com grande sucesso em 1954, que demonstra, para além de sua habilidade com os idiomas, seu trânsito no centro da cultura mineira. A respeito dessa ópera, nos informa o pesquisador Jorge Fernando dos Santos e a atriz Lady Francisco, respectivamente: “O Sertão estreou no dia 22 de novembro de 1954, no Teatro Francisco Nunes, sendo manchete nacional na revista *O Cruzeiro* (a maior publicação semanal daquela época [...]). A letra original da ópera foi traduzida do francês para o português pelo jovem Celso Brant, que mais tarde se tornaria político, candidatando-se à Presidência da República” (Santos, 1995, p. 127); “Na prática, minha vida teatral começara três anos antes, quando participei da encenação histórica de ‘O sertão’, ópera de Fernand Jouteux, dirigida por Otávio Cardoso e tendo como colegas de elenco os barítonos Edison Macedo e Assis Pacheco, além de Evandro Vidigal, Guilherme Moraes, o pianista e mestre Walter Cardoso e Lia Salgado, mulher do então Vice-Governador de Minas, Clóvis Salgado. Levou [Jouteux] quase 40 anos pra

Três candidatos disputavam a cátedra de Teoria Geral do Estado na Faculdade de Direito de Minas, naquele começo de 1952. Era uma festa da cultura. Auditório lotado, total silêncio, como numa catedral. [...] Disputavam a cátedra Onofre Mendes Júnior, procurador-geral do Estado, professor Carvalho, procurador da Prefeitura, e ele jovem, bem jovem, uns 30 anos, cabelos revoltos, com cara de gênio rebelde. Celso Brant deu um show. Citava os franceses em francês, os italianos em italiano, os alemães em alemão, numa argumentação seca, segura, ritmada, galopante. A banca, de sisudos mestres das Faculdades de Direito do Rio, São Paulo e Minas, ouviram-no entre fascinados e irritados diante daquela petulância juvenil. No final, no último dia, o catedrático examinador de São Paulo lhe disse:- O senhor tem talento e cultura, saber e exposição. Mas lhe falta idade. O senhor não vai querer entrar aqui, como catedrático, de calças curtas. (Nery, 2004).

Reforçando ainda mais seu protagonismo no ambiente cultural, político e intelectual mineiro de meados do século passado, Celso Brant dirigiu o jornal *Universitário* (1940) e a revista *Acaiaca* (1948-1955).⁵³ A respeito deles, informa-nos Linhares (1995), respectivamente:

Seu corpo de direção esteve entregue a distintos membros da classe, como se segue: diretores, Srs. Luís Gonzaga e Oliveira e Odair de Oliveira e, mais tarde, também o Sr. Paulo Gomes, antes redator; secretários, Srs. Celso Teixeira Brant e Wilson Veado e redatores, diversos acadêmicos. Ótimo jornal, de escolhida matéria, como estudos sociais, literatura, artigos sobre palpitantes assuntos de interesse geral, etc. Enfim, uma das publicações mais destacadas de nosso meio universitário. (p. 384).

Cuidadosa e fina impressão das oficinas da Imprensa Oficial, em ótimo papel e profusamente ilustrada com a reprodução de obras de arte. Numeroso e destacado quadro de colaboradores, constantes dos mais representativos nomes de nossa cultura, em suas diferentes modalidades. [...] Prosa, verso, história, artes, tudo, enfim, se encontra nesta publicação. É uma revista de inegável valor. Para que fosse fielmente descrita seria necessária uma remissão completa, número por número, fato que destoaria da orientação imprimida a este trabalho. Sua elevada tiragem é bem um índice revelador da posição que ocupa em nossos círculos culturais. (p. 463-464).

Quanto à revista *Acaiaca* (fig. nº 08), que segundo Linhares (1995) ocupou uma posição de destaque no ambiente literário mineiro da época, chama atenção a proeminência de alguns de seus colaboradores e redatores: Abgar Renault, Abílio Barreto, Edgar de Godoi da Mata Machado, Eduardo Frieiro, Gilka Machado, Geraldo Teixeira da Costa, Godofredo Rangel, Jair Silva, José Maria de Alkmin, Juscelino Kubitschek, Milton Campos e Otacílio Negrão de Lima. Diante do peso desses nomes, que validam a imagem de Celso Brant como figura de trânsito fácil

escrever e montar o trabalho, levado ao palco pela primeira vez em novembro de 54, graças à dedicação de artistas mineiros e do então Governador, Juscelino Kubitschek, que liberou 50 contos de réis pra produção. Fosse na Europa, 'O sertão' teria se tornado um clássico. Traduzido por Celso Brant, teve a regência de Hostílio Soares, que recrutou os jovens músicos da recém-criada Orquestra Sinfônica da Polícia Militar" (Francisco, 2004, p. 48-49). É digno de nota que Brant assinou muitas traduções de textos publicados no *Gurilândia*.

⁵³ Celso Brant também participou da criação da revista *Paisagem* (1947), mas retirou-se de sua direção logo após o primeiro número. Cf. Linhares (1995).

no mundo político e cultural mineiro, não causa espanto a pretensão expressa no primeiro número dessa publicação:

Num momento em que Minas volta a interessar-se profundamente pelas coisas do espírito, nada mais compreensível que a atitude de um grupo de escritores que, com o objetivo de levar o pensamento e a cultura de Minas a outros rincões do país, fundou a revista ACAIACA, cujo primeiro número agora aparece.

Depois de ter sido um dos maiores núcleos de cultura do país, na época colonial, Minas foi, pouco a pouco, deixando empalidecer o sagrado lume. [...] Acaiaca foi criada justamente para servir de pregoeira de um movimento de rejuvenescimento das nossas letras. Acreditamos na literatura e na arte como meios de aprimoramento do homem e de esclarecimento do povo. E estamos dispostos a tudo fazer para recriar em Minas o verdadeiro amor pelas coisas do espírito e pelas suas expressões duradouras. [...].

Somos especialmente gratos aos Srs. Governador Milton Campos e prefeito Otacílio Negrão de Lima pela fidalguia com que nos acolheram, prontificando-se imediatamente a colaborar conosco na difícil obra que agora iniciamos e que havemos de levar avante, sem para isso medir lutas e sacrifícios. A Direção. (Revista Acaiaca, 1948, s/p).

Fig. nº 08 – Capa e frontispício da *Revista Acaiaca* (Janeiro de 1950).

Visto isso, importa sublinhar que a trajetória familiar de Celso Brant, bem como sua formação acadêmica, suas convicções políticas e preferências culturais, além de seu círculo de amigos, irão influenciar nos objetivos e no conteúdo do *Gurilândia*, dirigido pelo diamantinense de 1948 a 1956.

2.2 – Periodicidade e circulação

Publicado no jornal *Estado de Minas*, que por sua vez integrava uma rede de veículos de comunicação nacional - *Os Diários Associados*, a compreensão do *Gurilândia* não pode passar ao

largo dessas contingências. Como visto anteriormente, no estado mineiro essa rede comandada por Assis Chateaubriand incluía, na década de 1940, dois importantes jornais (*Estado de Minas* e *Diário da Tarde*) e duas estações de rádio de sucesso (*Rádio Mineira* e *Rádio Guarani*). Como seria de se esperar, esses veículos formavam um circuito de cooperação entre si, objetivando um fortalecimento do conjunto que tinha como causa e efeito o fortalecimento individual de cada veículo.

O suplemento infantil do *Estado de Minas* também se inseriu nessa prática. Convém observar, pois, que no final da década de 1930 surgiu um programa infantil na *Rádio Guarani* alcançando grande popularidade: *Gurilândia*. Transmitido ao vivo nas manhãs de domingo, o programa era dirigido por Rômulo Tavares Paes, figura de relevo no cenário cultural mineiro daquele período.⁵⁴

Assim, em 1948, o programa da *Rádio Guarani* destinado à “petizada” já era um sucesso consolidado quando o homônimo do *Estado de Minas* foi criado. Muito provavelmente, a escolha do mesmo nome se deu em uma estratégia para transferir para o suplemento recém-criado o sucesso e o público do programa mais antigo.⁵⁵ Confirma essa hipótese a parceria entre as duas produções, principalmente relacionada ao “Concurso Gurilândia”, realizado mensalmente pelo suplemento do *Estado de Minas* cujos sorteados recebiam os prêmios no programa da *Rádio Guarani*.

As passagens seguintes jogam luz à parceria entre os programas homônimos:

Teve a melhor aceitação em Gurilândia [rádio], o mais completo programa infantil do Brasil, o aparecimento desta nossa página dedicada às crianças, que também tem o título de Gurilândia. Muitos prêmios foram distribuídos aos que responderam certo ao nosso teste. No clichê acima vemos, em pleno programa Gurilândia [rádio], um grupo de crianças entregues, umas à leitura das nossas histórias, outras a colorir o desenho do “Campeão dos Campeões”. (01/02/1948).

Em combinação com esta página [jornal], o programa Gurilândia da Radio Guarani promoverá interessante “Concurso de Musica Folclórica” cuja finalidade é divulgar o notável tesouro nacional guardado pelo folclórico nacional e tão pouco conhecido

⁵⁴ Mineiro de Paraguaçu, Rômulo Paes, embora formado em Direito, fez do jornalismo e da música seu principal ofício. Radialista e compositor, tornou-se famoso por duas criações. A primeira diz respeito a uma marchinha de carnaval, de sua autoria, em que está presente um distico que ficou muito popular em Belo Horizonte: “Minha vida é esta: subir Bahia, descer Floresta”. A segunda refere-se ao nome de um tradicional prato mineiro e é assim relatada por Martins (1999): “Uma noite, o jornalista e compositor Rômulo Paes, freqüentador do Palhares, deu nome ao prato predileto da boemia noturna: Kaol – cachaça, arroz, ovo e lingüiça; cachaça com k, para ficar diferente” (p. 63).

⁵⁵ A proximidade entre o programa da *Rádio Guarani* e o suplemento infantil do *Estado de Minas*, ambos pertencentes à cadeia de empresas capitaneada por Chateaubriand, parece-nos a explicação mais convincente para a denominação de *Gurilândia* para a página dirigida por Celso Brant. Outra alternativa possível para explicar essa denominação advém da revista infantil “O Guri”, também pertencente a Chatô, de circulação nacional desde 1940.

mesmo dos brasileiros. (...) Solicitamos às professoras dos diversos grupos da capital que contribuam para maior brilhantismo do certame enviando os seus alunos dotados de qualidades artísticas à rádio Guarani, onde lhes serão ensinadas canções folclóricas, a fim de que possam participar do concurso. (09/05/1948).

Com relação à vinculação do suplemento *Gurilândia* com o jornal *Estado de Minas*, deve-se sublinhar que o destaque adquirido pelo suplemento no cenário de publicações infantis do estado não se assenta, exclusivamente, na pujança do jornal a que estava vinculado. A estabilidade do tempo de circulação, o poder dessa circulação e a popularidade do *Gurilândia* não podem ser resumidos meramente pelo *Estado de Minas*. Nesse sentido, podem ser mencionados os cinco títulos infantis anteriores ao *Gurilândia* que, beneficiando-se igualmente do principal jornal de Minas, não lograram a mesma longevidade do suplemento em questão.

Indubitavelmente, o vínculo com o jornal garante ao *Gurilândia* uma especificidade que não pode ser ignorada. Enquanto a sobrevivência de outros impressos infantis se faz pela lógica do lucro, em que o rendimento adquirido com os anúncios, as assinaturas e as vendas avulsas representa, diante do custo da publicação, a condição para sua viabilidade ou não, a lógica do suplemento do jornal *Estado de Minas* é distinta. Uma vez que não era vendido separadamente, pode-se afirmar que o *Gurilândia* não trabalhava com a pressão de lucro/venda que caracteriza o mercado editorial. Cabe ressaltar que inexistiam mecanismos para avaliar quantos compravam o jornal exclusivamente devido a seu suplemento infantil, também por causa do suplemento, independente do suplemento ou, até, apesar do suplemento.

Embora diante da impossibilidade da percepção da fatia de venda/lucro do jornal *Estado de Minas* em decorrência de sua página infantil, temos alguns indícios que nos permitem sustentar que a veiculação do *Gurilândia* resultava rendimentos em anúncios, assinaturas e vendas avulsas do jornal. De outra maneira, não teríamos a enxurrada de publicidade que buscou diálogo com as crianças e seus pais,⁵⁶ nem se justificaria o seguinte anúncio de assinaturas, que apela aos “pequenos leitores da página Gurilândia”:

Os sobrinhos do tio Mario que enviarem um pedido de assinatura do Estado de Minas, acompanhado de nome e endereço e da importância de Cr\$ 130,00 para Wagner Sarchetto Gomes, neste jornal, receberão o recibo de assinatura acompanhado de um livro de “Mandrake, o mágico”, que será enviado inteiramente grátis. Assim todos os pequenos leitores da página Gurilândia serão beneficiados com o prêmio de interessante livro, e ainda com a leitura diária do jornal. (11/09/1949).

⁵⁶ Os aspectos referentes à publicidade serão discutidos de modo detalhado no terceiro capítulo.

Essa existência distinta em relação às outras publicações infantis pode ser observada no que se refere à tiragem e à circulação do *Gurilândia*. Parte integrante do jornal, o suplemento infantil valia-se dos números de tiragem e do poder de alcance do *Estado de Minas*, que chegava a quase todas cidades mineiras e a importantes cidades do país. Essa observação acarreta uma dificuldade para apreender os leitores do *Gurilândia*. Desse modo, se a compreensão da figura do leitor constitui, para o historiador, um problema de difícil solução, no caso do *Gurilândia* esse problema ganha contornos ainda mais complexos, uma vez que não faz sentido associar o número de jornais vendidos com o número de leitores.⁵⁷ Essa dificuldade é assim abordada por Soares (2001):

O pesquisador que, na área da história da leitura, busca encontrar o *leitor*, não o *autor* ou o *texto*, deve transpor consideráveis obstáculos, porque o tempo esconde e dificulta muito mais a recuperação daquele que destes. Um primeiro obstáculo que é preciso enfrentar, em pesquisas históricas que buscam o *leitor*, é a dificuldade de captar, em momentos temporalmente distantes do pesquisador, as formas de acesso ao impresso, os usos que eram feitos dele, os contextos e as situações de leitura, os modos de ler, as reações aos textos. (p. 08).

Focalizando um contexto distinto do aqui pesquisado, Jarouche (2000) atenta para a necessidade de se relativizar a equação simples que vincula o número de leitores de um jornal ou livro com o número de jornais/livros vendidos ou mesmo com o índice de alfabetizados. Assim, o pesquisador, estudando o Brasil do século XIX, argumenta que

A circulação dos folhetins brasileiros, no entanto, talvez não se restringisse a apenas dois ou três mil leitores, pois nada impedia que se emprestassem exemplares a parentes e amigos ou que alguém os lesse em voz alta para outros, por exemplo – multiplicando assim o círculo de receptores, isto é, de pessoas que travavam contato com a obra. (Jarouche, 2000, p. 31).

Assim sendo, tem-se que a associação entre o número de publicações vendidas e o número de leitores, problemática em qualquer situação, é totalmente descabida de sentido para o nosso caso. Deve-se ter em conta, portanto, a impossibilidade de determinar o número de leitores do *Gurilândia* pelo número de exemplares vendidos do *Estado de Minas*, uma vez que nos faltam

⁵⁷ Abreu (2005, p. 184) identifica o leitor como “bicho arisco, que se esconde e que não costuma deixar marcas por onde passa”. Já Lajolo (2005, p. 33) trata os leitores como “temíveis desconhecidos”. Por seu turno, Darnton (1996, p. 143) é enfático: “A leitura de antigamente quase sempre escapa-nos”.

elementos para assegurar, ou mesmo fantasiar, em qual medida a venda do jornal se transformava na leitura de sua página infantil.⁵⁸

Ao se tratar de um suplemento como *Gurilândia*, os aspectos relacionados à sua circulação e ao seu uso não podem ser dissociados dos conteúdos que eram veiculados por ele. Assim, deve-se observar que uma parte do conteúdo não necessitava de codificação lingüística (como as seções “Para você colorir” e “Aprenda a desenhar”), e também não se pode ignorar a possibilidade de que os inúmeros contos e fábulas poderiam ser lidos pelos alfabetizados para aqueles que ainda não o eram. Como será tratado posteriormente, o diálogo construído entre esse suplemento e as instituições escolares acarreta, seguramente, uma circulação que de certo modo é mediada pela escola, o que implica em um direcionamento de seu uso.

Visto isso, convém abordar outros aspectos que ajudam na caracterização do *Gurilândia*, tais como sua periodicidade e seu número de páginas.

A periodicidade de uma publicação, a interrupção ou não de sua circulação e a quantidade de páginas de cada número são aspectos-chave para a caracterização de um periódico. Analisando a Revista do Ensino, impresso pedagógico oficial do governo de Minas Gerais, Biccás (2008) aponta a importância de esses aspectos serem focalizados, uma vez que são imprescindíveis para a apreensão do ciclo de vida de um impresso.

Pois o fato de uma revista sair quinzenalmente, mensalmente, bimensalmente, trimestralmente, de ficarem vários meses sem circular, além do fato de ocorrer a publicação de muitos números em um mesmo exemplar, pode de um lado, ser indício de que o impresso está se consolidando, que está alcançando uma estabilidade. Por outro lado, tudo isso pode também indicar prioridades, disputas e problemas [...]. (p. 83).

Inicialmente, cabe levar em conta a distribuição, por ano, dos 341 números do *Gurilândia* que constituem o *corpus* de análise desta pesquisa. Para além da simples distribuição anual dos números do suplemento, deve-se estabelecer um paralelo entre o número de edições publicadas e o número total possível. O gráfico apresentado a seguir apresenta essas duas vertentes de análise:

⁵⁸ Optou-se por não estabelecer relação entre o valor do jornal com valores de outros bens/serviços, o que permitiria uma referência do peso do *Estado de Minas* em um orçamento familiar. Tal escolha assentou-se na grande variação do preço do jornal e de sua assinatura ao longo do período pesquisado.

Gráfico 1 - Gurilândia (1948-1956): Número anual de edições publicadas frente ao total possível

Assim sendo, o Gráfico 1 ajuda a dimensionar a periodicidade do *Gurilândia*. Convém mencionar que o número de edições possíveis foi obtido por meio da soma do número de domingos de cada ano.⁵⁹ A fim de tornar mais explícita essa relação (edições publicadas *versus* edições possíveis), tem-se o Gráfico 2:

⁵⁹ A variação nos anos de 1948 e 1956 pode ser explicada pelo recorte temporal da pesquisa (25/01/1948 a 18/03/1956).

Gráfico 2 - Gurilândia (1948-1956): Razão entre as Edições Publicadas e o Número Anual de Edições Possíveis (%)

Esse gráfico é elucidativo da maior periodicidade do *Gurilândia* nos anos de 1948, 1949, 1950, 1953 e 1956. Nesses anos, a razão entre as edições publicadas e as edições possíveis ficou acima dos 90%. A linha de tendência do gráfico evidencia uma queda dessa razão, que chega ao ponto mais baixo no ano de 1952 (44,2%), para retomar um crescimento que se mostra menos intenso que sua queda inicial.

Tendo em vista os dados apresentados, percebe-se como os três primeiros anos do suplemento, de 1948 a 1950, demonstram uma estabilidade alcançada pelo *Gurilândia*. Nesse período, o suplemento deixou de circular por apenas quatro domingos. Por outro lado, nos anos de 1951 e 1952, assiste-se ao momento de maior instabilidade da publicação, quando a média de circulação foi de quase 50%. O suplemento não circulou de 19 de agosto de 1951 a 27 de julho de 1952. Rompendo com uma tendência de queda, o ano de 1953 atinge um nível muito alto de edições (98,1%).

Igualmente eficiente para a compreensão do ciclo de vida de um periódico, é a análise que focaliza o número de páginas da revista, jornal, suplemento ou outra publicação. No caso específico do *Gurilândia*, essa análise permite compreender seus momentos de culminância, bem

como os momentos de crise. São esses aspectos, portanto, que o gráfico apresentado a seguir evidencia:⁶⁰

Os dados do Gráfico 3 não deixam dúvida da queda, mais acentuada em alguns anos que em outros, que caracteriza o suplemento a partir de 1950. Os anos de 1951 e 1952, notadamente, apresentam uma queda mais vigorosa. Importa assinalar que o baixo número de páginas publicadas nos referidos anos pode ser explicado, em parte, pela ausência de circulação do suplemento em alguns meses desses anos. Contudo, mesmo quando circulava, o suplemento nessa época ocupava um espaço menor, principalmente quando comparado aos três primeiros anos de sua publicação, quando vários números ocupavam duas páginas (fig. nº 09).

Uma vez que, como visto anteriormente, a circulação do *Gurilândia* não pode ser entendida ignorando sua vinculação com o *Estado de Minas*, também a análise da estabilidade e da produção desse suplemento não pode negligenciar tal vínculo. Diante disso, buscaremos

⁶⁰ É importante ressaltar que, nesse gráfico, como em alguns posteriores, optou-se por excluir o ano de 1956. Tal atitude mostrou-se necessária uma vez que, devido ao recorte temporal realizado (janeiro de 1948 a março de 1956), o número reduzido de edições de *Gurilândia* nesse ano poderia acarretar em uma falsa tendência do gráfico, o que, em última análise, poderia ocasionar interpretações equivocadas. Cumpre anotar, contudo, que o total de páginas publicadas em 1956 foi de 11.

[illegible]

57

2.3 – O lugar do *Gurilândia* no Estado de Minas

A justificativa apresentada para a interrupção na circulação do *Gurilândia* e o anúncio de seu retorno, em agosto de 1952, fornece-nos elementos para uma compreensão do lugar ocupado pelo suplemento no jornal *Estado de Minas*. Quando da veiculação do texto, completavam-se 10 meses que o suplemento não circulava (maior período sem circulação). Vale ressaltar que o texto foi apresentado na seção “Conversas do Tio Mario”, que era de responsabilidade do próprio diretor da publicação, Celso Brant:⁶¹

Tio Mário estava domingo passado, no escritório, quando ali entraram Paulo, Marisa e Joaozinho, que acabavam de chegar da missa.
-Tenho uma boa notícia para vocês – disse tio Mário, consertando os óculos, sob os quais brilhavam os seus olhos, alegres e brincalhões.
-Qual é? – perguntaram, em coro, os três garotos.
-No próximo domingo, voltaremos a publicar a nossa página infantil.
Que bom! – exclamou Joaozinho. Quer dizer que não há mais falta de papel para o Estado de Minas?
-O papel anda escasso – explicou tio Mário. E o seu abastecimento para um jornal de grande tiragem como o Estado de Minas não é fácil. Mas os diretores do nosso jornal estão interessados em fazer voltar *Gurilândia*, para alegria da criançada, ela voltará. (03/08/1952).

Um primeiro ponto que merece ser focalizado nessa passagem refere-se ao modo como o retorno do *Gurilândia* é tratado pelo próprio responsável pelo suplemento. Para Tio Mario/Celso Brant, os diretores do *Estado de Minas* estavam interessados em fazer voltar o suplemento infantil do jornal. Evidencia-se, assim, que a circulação ou não do *Gurilândia* estava para além da vontade de Celso Brant. A justificativa apresentada para a ausência do suplemento, “o papel anda escasso”, demonstra que existiam decisões relativas ao *Gurilândia* que só cabiam aos diretores do *Estado de Minas*.

Convém mencionar que o conflito da Segunda Guerra Mundial representou um grande entrave para a imprensa brasileira. Naquele momento o país era inteiramente dependente do papel importado, principalmente da Finlândia, país que sofreu invasão dos alemães. Restou, portanto, recorrer aos produtores canadenses, que, aproveitando do mercado favorável para a venda, aumentaram os preços substancialmente. Reféns desse cenário internacional, a imprensa brasileira padecia com o racionamento de papel que lhe foi imposta. É ilustrativo desse ambiente

⁶¹ Demonstrando a convergência e a mútua influência entre as publicações infantis, coube a um personagem familiar ser o principal referencial da publicação. Em *O Tico Tico* e *Sesinho* eram nas seções “Lições de Vovô” e “Palestra de Vovô Felício”, respectivamente, que a direção se expressava.

de crise o fato de que até o *Diário Oficial*, inteiramente custeado pelo governo federal, amargou uma redução de tiragem e de número de páginas.⁶²

Essa situação de crise mais intensa ocorreu durante o conflito da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).⁶³ Data dessa época, inclusive, que os espaços infantis do jornal *Estado de Minas*, como *Malazarte* e *Pagina Infantil*, deixaram de circular sob essa alegação. No entanto, o período de queda do número de páginas do *Gurilândia*, como pode ser visualizado no Gráfico 3, ocorre a partir do ano de 1951. Nesse período ocorreu, como demonstram as memórias de Samuel Wainer, outro momento de crise no abastecimento do papel. Deve-se ressaltar, no entanto, que esse segundo momento não se compara, nem em intensidade nem em duração, ao período dos combates da Segunda Grande Guerra.

Durante algum tempo, tive de comprar papel no mercado negro. Naquela época, a produção brasileira de papel era insignificante e o país tinha no Canadá seu único fornecedor. Durante a Segunda Guerra, o Brasil deixara de receber papel de suas fontes habituais, todas baseadas na Escandinávia, e passara a recorrer ao Canadá. Alguns anos depois, os donos dos jornais brasileiros descobriram que a Escandinávia poderia voltar a supri-los a preços baratos, e resolveram romper os contratos assinados com os canadenses, a menos que estes concordassem em reduzir o que cobravam. O Canadá limitou-se a repassar para os Estados Unidos os excedentes gerados pela atitude brasileira e a colocar o nosso país na lista negra dos maus devedores. Pouco depois que o Canadá deixou o mercado [início da década de 1950], os escandinavos elevaram o preço do papel. Como os brasileiros figuravam na lista negra dos canadenses, ficamos em má situação. (Wainer, 1987, p. 148).

De qualquer modo, e mesmo que se aceite a justificativa da escassez de papel dada por Tio Mario/Celso Brant, é possível inferir que o espaço infantil quase sempre foi o lado mais frágil entre as temáticas que compõem um jornal. No caso particular do *Estado de Minas*, sempre que se justificava a ausência da página infantil por motivo de falta de papel, percebe-se que os espaços dedicados à política, economia, esporte, anúncios, bem como a “Página Feminina” e a “Secção Agrícola”, continuavam inalterados. Assim sendo, tem-se que a escassez atingia alguns espaços e não outros, evidenciando as prioridades dos editores e donos do jornal.

Desse modo, não é difícil concluir que, na complexa rede que compõe um veículo de informação, alguns setores são tratados, dentro da própria empresa de comunicação, com mais responsabilidade e compromisso que outros. É oportuno observar, nesse momento, para fins de ilustração do espontaneísmo (que beirava o descaso) que, via de regra, regia a atividade daqueles

⁶² Cf. Moraes (2002).

⁶³ Vale observar que a *Revista do Ensino*, publicação oficial do governo de Minas, não circulou no período de 1940 a 1946, pelos motivos explicitados. Cf. Biccás (2008).

que cuidavam dos suplementos e revistas infantis, o caso do jornalista e dramaturgo Nelson Rodrigues:

Tendo trabalhado no *Globo Juvenil*, *O Guri* e *Detetive*, Nelson era responsável por traduzir os balões das histórias que eram compradas no estrangeiro. Como não sabia outra língua a não ser a portuguesa, inventava histórias pelo que os desenhos lhe sugeriam. A esse respeito, escreveu Ruy Castro: “como poderia imaginar que Nelson era o mais acabado monoglota da língua portuguesa – senhor de todos os mistérios da sua língua e incapaz de dizer gato em qualquer outra?” (Castro, 1992, p. 345).

É bastante improvável que uma demonstração de espontaneísmo de tal grandeza também ocorresse em outros setores da imprensa.

Diante do exposto, é permitido concluir que o *Gurilândia* apresentou problemas relacionados a uma periodicidade irregular. Embora não raros, tais problemas não foram suficientes para abalar uma progressiva consolidação do suplemento, de que sua circulação até 1979 é testemunha. Cumpre destacar também que esses problemas só podem ser compreendidos à luz de toda uma engrenagem (jornal) de que o suplemento é apenas uma peça. Essa afirmativa fica evidente quando, após deixar de circular, o responsável pelo *Gurilândia* justificou sua ausência pela escassez de papel e atribuiu seu retorno às decisões dos diretores do *Estado de Minas*.

Desse modo, se por um lado, o suplemento se beneficiava de toda estrutura e credibilidade do jornal ao qual estava vinculado, por outro lado o suplemento era preterido em relação a outros segmentos do jornal. A prova desse fato reside na não circulação do *Gurilândia* sob alegação de uma de crise no abastecimento do papel, ao passo que outras temáticas do jornal permaneceram com seu espaço inalterado.

Por fim, e aproveitando a imagem do *Gurilândia* como parte de um todo que é o jornal *Estado de Minas*, não se pode escapar das conseqüências dessa imbricação na sua produção. A esse respeito, é conveniente um olhar mais atento aos interesses e preocupações que caracterizavam o *Estado de Minas*, uma vez que o suplemento infantil estava, inevitavelmente, em diálogo com o restante do jornal. De certa forma, a compreensão do lugar ocupado pelo *Gurilândia* no *Estado de Minas* só se concretiza, de fato, após a compreensão do lugar ocupado pelo próprio jornal na sociedade mineira.

Segundo França (1998), existe uma certa noção, uma imagem simbólica que caracterizaria o “ser mineiro”. Ricamente ilustrada em manifestações culturais, notadamente na literatura,⁶⁴ essa noção da especificidade da população de Minas Gerais foi denominada de *mineiridade* por Gilberto Freyre e propagou-se como uma espécie de estereótipo do povo mineiro.⁶⁵

Há uma “aura” em torno do nome de Minas. Quer se trate de montanhas, de sua história, de seus mitos de origem, de seus casos ou do comportamento normal de sua gente; há em todo canto uma espécie de “alma mineira” sobre a qual muito já se falou, e a partir da mesma recortou-se e construiu-se uma noção: a *mineiridade*. (França, 1998, p. 69).

Essa imagem simbólica entendida como *mineiridade*,⁶⁶ cristalizada pela cultura popular, articula-se, de acordo com França (1998, p. 73), em torno de três características principais: “a astúcia; a reserva (um misto de prudência e desconfiança); a sobriedade”. A essas três características principais somar-se-ia “uma dose de misticismo, uma religiosidade rústica, alimentada pelo culto dos santos, do sobrenatural, o gosto pelos rituais” (França, 1998, p. 73).

Considerando que um jornal traz mais que informações, uma vez que exprime um certo padrão de sociabilidade, consolidando valores e imagens presentes em determinado momento de uma sociedade, França (1998) advoga a estreita vinculação do jornal *Estado de Minas* com essa noção de *mineiridade*. Entrevistando funcionários e leitores, além de analisar a história e algumas reportagens desse jornal, a autora encontrou um forte laço entre essa *mineiridade* e o jornalismo praticado pelo *Estado de Minas*.⁶⁷ Talvez seja o conservadorismo de ambos um dos principais responsáveis por essa proximidade, como demonstram as falas de dois jornalistas do *Estado de Minas*:

⁶⁴ É célebre a formulação do “ser mineiro” por Fernando Sabino: “Ser mineiro é esperar pela cor de fumaça. É dormir no chão para não cair da cama. É plantar verde para colher maduro. É não meter a mão em cumbuca. Não dar passo maior que as pernas. Não amarrar cachorro com lingüiça. Porque mineiro não prega prego sem estopa. Não dá ponto sem nó. Mineiro não perde trem. Mas compra bonde. Compra. E vende pra paulista”. (França, 1998, p. 73).

⁶⁵ De acordo com França (1998, p. 69), o termo *mineiridade* foi cunhado pela primeira vez por Gilberto Freyre, em uma conferência proferida em 1946 em Belo Horizonte.

⁶⁶ Importa ressaltar que França (1998) não encara a *mineiridade* como uma noção acabada e destacável, pelo contrário: “Ela [a noção de mineiridade] não é fixa ou homogênea e só existe a partir do momento em que os mineiros se sentem mineiros. Difusa e mutante no tempo, ela reflete e alimenta simultaneamente uma sociabilidade mineira. Encontramos a mineiridade na(s) imagem(ns) que funda(m) a existência de uma sociedade em Minas. Nessa perspectiva, essas imagens não são nem atemporais, nem arbitrárias (de acordo com o gosto dos políticos, dos intelectuais etc), mas enraizadas em uma experiência de vida. É por isso que a mineiridade não pode ser isolada. Afirmamos que ela não pode ter existência independente, pois é justamente no domínio da experiência, das relações sociais e dos pequenos acontecimentos do cotidiano que ela pode ser encontrada” (p. 96).

⁶⁷ Ilustrativa desta *mineiridade* presente no *Estado de Minas* é a passagem colhida em uma entrevista com um funcionário do jornal: “Milton Campos também foi diretor do jornal; quando entrava pessoa nova no *Estado de Minas*, ele perguntava a quem indicou a pessoa: ‘É um rapaz de boa formação?’”. (França, 1998, p. 164).

Não existe na imprensa mundial um jornal que seja tão vinculado à região onde ele circula, com tanta influência quanto o *Estado de Minas*. Então a realidade mineira tradicional que nós vivemos até 70 fez do *Estado de Minas* um jornal conservador, sumamente conservador, dentro dessa ligação que existe entre o *Estado de Minas* e Minas. (...) O Estado de Minas nasceu mineiro e esse é o vínculo, eis aí a ligação principal dele. Se Minas é conservadora, ele é conservador. Se Minas é moralista, ele é moralista. (p. 169).

Essa “inter-relação” é muito curiosa; há uma simbiose. E nunca se sabe onde termina Minas Gerais e começa o *Estado de Minas*, e vice-versa. (p. 170).

França (1998), tendo em vista a história desse jornal, defende que “o *Estado de Minas* sempre se afirmou como o jornal dos mineiros” (p. 169). Em seu apego às coisas de Minas, no enraizamento em sua localidade, o jornal encontraria “refúgio e legitimação no sentimento mineiro, em algo oculto sob a noção de Minas” (p. 182). Essa vinculação entre um jornal e um povo traduzir-se-ia em um “olhar mineiro” nas páginas do *Estado de Minas*:

Assim o *Estado de Minas* se distancia dos outros jornais e do discurso da objetividade jornalística, como tradução neutra dos fatos, leitura “objetiva” do real. Ele se apresenta como papel de “guia da opinião sábia e equilibrada dos mineiros”, através da discussão “serena” dos fatos, segundo os interesses que fundamentam a vida social em Minas. Nesse sentido, há uma certa leveza nas relações fatos-informações, e o processo é conduzido menos pela preocupação de neutralidade que pela perspectiva de seu olhar (um olhar dito “mineiro”). (p. 237).

Isso posto, França (1998) enfatiza a impossibilidade de compreensão do *Estado de Minas* sem se remeter a Minas Gerais e à *mineiridade*. Considerando esse aspecto, a autora define o *Estado de Minas* como “um jornal tradicional – tanto por sua linha editorial como por sua identificação com setores mais conservadores da sociedade” (p. 16).⁶⁸

Como se pode observar, e uma vez que o suplemento infantil não está imune aos aspectos que caracterizam o jornal do qual faz parte, a análise do *Gurilândia* não pode se esquivar de questões importantes para a compreensão do jornal *Estado de Minas* como um todo. Portanto, uma vez que a noção de *mineiridade* ocupa um lugar de particular importância no projeto do jornal *Estado de Minas*, tal aspecto não pode ser desconsiderado na análise de seu suplemento infantil.

⁶⁸ Essa orientação, seguramente, tem raízes nos primeiros anos do jornal: “Como empresa capitalista que surgia e se modernizava, integrada ao grande grupo dos *Diários Associados*, dirigido pelo empresário Assis Chateaubriand, o jornal *Estado de Minas* funcionou como canal de expressão do desejo de mudanças dos novos agentes que surgiam na sociedade brasileira, principalmente da burguesia emergente, das classes médias urbanas, dos profissionais liberais e de funcionários públicos. No entanto, a maioria de seus jornalistas, repórteres, diretores e redatores eram “filhos” das tradicionais famílias mineiras, plenamente inseridos na política do café-com-leite da velha política da República brasileira” (Soares, 2005, p. 181-2).

Assim sendo, sem olvidar esses aspectos, que serão retomados ao longo do trabalho, passaremos à análise das seções que, em seu conjunto, compõem o sentido do *Gurilândia*.

2.4 - O projeto editorial do *Gurilândia* revisto pelas seções

Diversas foram as seções que configuraram o *Gurilândia*. Algumas de características semelhantes, outras de conteúdos distintos, umas ligando-se mais à recreação, outras de caráter mais educativo/didático, muitas destinadas à leitura infantil, algumas dedicadas explicitamente aos professores, grande parte com participação dos leitores, outra parte com apelos humorísticos, outras ainda com um teor mais informativo.... Enfim, as seções que constituíram o suplemento infantil do *Estado de Minas* são marcadamente heterogêneas. A análise desse suplemento, contudo, não pode se furtar de lançar um olhar sobre elas, nem que seja de modo mais geral e focalizando as mais representativas, uma vez que é por meio das seções que o *Gurilândia* ganha forma e sentido.

Tendo isso mente, construímos uma tabela onde estão contidas as presenças e ausências de cada seção do *Gurilândia* ao longo do período pesquisado. Convém esclarecer, contudo, que essa construção não foi tarefa simples, uma vez que o suplemento caracterizou-se pela volatilidade de suas seções. Assim, são poucas as seções que permanecem, com o mesmo título, ao longo dos anos. Também dificultou a tarefa o fato de que muitos textos aparecem desvinculados de qualquer seção.

Deste modo, a tabela reuniu o conteúdo do *Gurilândia* em 30 categorias. Algumas categorias carregam o título de uma única seção; outras, referentes a seções com conteúdos iguais e títulos diferentes, carregam o título mais ilustrativo ou de maior ocorrência. Outras categorias, ainda, foram criadas para reunir conteúdos similares. Nesse último caso, como exemplo, temos as categorias “Textos literários” e “Textos informativos”, que englobam textos que não se vincularam a nenhuma seção, sendo publicados em espaços não-fixos ao longo do tempo.

A construção dessa tabela permitiu conceber alguns grupos de seções. Nesse sentido, a tabela nos forneceu a visualização de seções importantes nos primeiros anos do *Gurilândia*, que não o foram nos últimos anos pesquisados. Inversamente, temos o surgimento de seções nos anos de 1952 e 1953 que se tornaram referência na publicação. Por outro lado, algumas seções são altamente freqüentes e relevantes em todo ou quase todo período pesquisado. E, por último, temos a presença de seções pontuais ou de presença tímida no conteúdo da publicação.

É importante assinalar, como visto anteriormente, que os anos de 1951 e 1952 foram os de mais baixa estabilidade do suplemento, dada a periodicidade irregular e a ausência de circulação de 19 de agosto de 1951 a 27 de julho de 1952. Tal fato nos sugeriu a abordagem das seções sob a ótica de duas fases, a inicial (1948 a 1950, principalmente) e a final (1953 a 1956, principalmente). Por outro lado, temos um grupo de seções de frequência constante e incisiva em todo o período pesquisado, e outro grupo de seções de frequência restrita ou discreta. Deste modo, verifica-se na tabela a presença de quatro grupos de seções: seções com maior frequência na fase inicial (azul); seções de frequência e relevância em todo período (rosa); seções de frequência restrita ou tímida (amarela); seções com maior frequência na fase final (verde).

Tabela 01 – Seções do Gurilândia (1948 – 1956)

Seções	1948	1949	1950	1951	1952	1953	1954	1955	1956
Conversas do Tio Mário	48	49	10	-	21	-	-	-	-
Tio Mário aos seus sobrinhos	48	49	02	-	-	-	-	-	-
Correspondência do Tio Mário	26	29	09	-	-	-	-	-	-
Álbum do Tio Mário	45	18	03	01	-	-	-	-	-
Quadro de Honra	06	07	-	-	-	-	-	-	-
Charadas	29	45	25	-	-	-	-	-	-
Teste Gurilândia	49	51	21	-	-	-	-	-	-
Perguntas da Semana	23	49	24	-	-	-	-	02	-
Concursos de composições	06	19	-	-	01	-	-	01	-
Escola	08	22	11	02	-	05	01	01	-
História em quadrinhos	62	45	34	-	02	09	13	-	02
Colaborações dos sobrinhos	45	48	43	08	01	06	08	02	01
Concurso Gurilândia	41	52	49	29	21	51	27	34	-
Enciclopédia Infantil	32	42	10	-	13	38	35	30	08
Textos literários	136	55	113	-	74	178	123	159	45
Textos informativos	118	69	55	-	27	38	29	39	11
Anúncio/Propaganda	52	115	65	06	49	121	68	67	27
Curiosidades	02	-	12	01	06	02	-	-	-
Aprenda a desenhar	05	-	06	-	-	-	03	02	-
Para você colorir	07	01	02	-	-	-	13	09	06
Regras de higiene	-	-	-	-	-	03	-	-	-
Sagradas Escrituras	-	-	05	-	-	-	-	-	-

Artes dramáticas e ciências naturais	-	-	-	-	-	-	01	-	-
Biblioteca	-	-	07	-	-	03	-	-	-
Palavras Cruzadas	-	-	-	-	-	-	01	02	-
Riqueza do Brasil	-	-	-	-	-	-	-	04	-
Grandes homens	02	-	-	-	-	02	01	12	-
Faça seu brinquedo	01	-	-	-	-	03	09	02	01
História das músicas	02	-	-	-	01	04	05	12	06
Ciências Naturais	-	-	-	-	14	43	32	24	04

2.4.1 – Seções com maior frequência na fase inicial

Fazem parte deste grupo as seções que tiveram uma relevância maior na fase inicial do *Gurilândia*, principalmente no período de 1948 a 1950. Chama atenção neste grupo a presença constante do personagem Tio Mario, o que representa uma presença igualmente constante de Celso Brant.

Tendo ciência que a frequência, a popularidade, o espaço ocupado e a localização na página são decisivos para o grau de importância adquirido por cada seção, analisaremos, com maior profundidade, quatro categorias deste grupo: “Conversas do Tio Mário”; “Tio Mário aos seus sobrinhos”; “Teste Gurilândia” e “Escola”. Vale ressaltar que esta escolha buscou contemplar as seções igualmente importantes e representativas do projeto editorial do *Gurilândia*.

Em “Conversas do Tio Mario” eram recorrentes as presenças de Paulo, Mariza e Joaozinho, tidos como sobrinhos do personagem que dá título à seção. Era sempre em uma trama protagonizada pelas três crianças que Tio Mario apresentava e discutia uma temática marcadamente didática. Na maioria das vezes, o pretexto para as informações veiculadas nascia de alguma atividade escolar dos sobrinhos. Interessante frisar que, como Tio Mario era um personagem criado por Celso Brant, as temáticas dessa seção tratavam de temas caros ao diamantinense: literatura (principalmente os escritores brasileiros e, mais particularmente, os mineiros), história geral e história do Brasil (também com destaque para os personagens mineiros). A ênfase a aspectos de Minas Gerais converge, como vimos, para a proximidade que caracteriza a relação do jornal *Estado de Minas* com os mineiros. Outra informação importante diz respeito à localização espacial dessa seção: no alto e à esquerda, o que evidencia certo grau de importância.

A seção “Tio Mario aos seus sobrinhos” funcionou como uma espécie de editorial do *Gurilândia*, contribuindo para esse entendimento sua localização espacial (sempre no alto e ao

centro) e o fato de que era assinado por Tio Mario, pseudônimo do diretor do suplemento.⁶⁹ Era nessa seção que o personagem: orientava os leitores quanto às suas colaborações para a publicação (especialmente desenhos e composições), divulgava o aparecimento de novas seções e aconselhava os leitores em suas relações sociais, como filhos e alunos.

Vinculada à seção “Conversas do Tio Mário”, “Teste Gurilândia” era constituída de perguntas sobre o assunto tratado naquele espaço. Os leitores poderiam encaminhar as respostas ao Tio Mario e as melhores eram premiadas. Uma vez que os temas abordados em “Conversas do Tio Mario” apresentavam forte vinculação com os conteúdos escolares, essa seção funcionava como um questionário sobre o assunto em questão. Desse modo, “Teste Gurilândia” era visto como uma das seções mais educativas do suplemento, como demonstra a passagem: “Na parte educativa, vem merecendo os melhores referenciais o nosso ‘Teste Gurilândia’, para o qual chamamos a atenção da petizada” (14/03/1948).

A categoria “Escola”, embora presente em quase todo o período pesquisado, teve, certamente, sua frequência acentuada nos anos de 1948 a 1950. Essa categoria reunia: informes sobre atividades desenvolvidas em instituições escolares, divulgação de visitas de Tio Mario a escolas e colégios, notas sobre turmas de alunos que visitavam Tio Mario na redação do *Estado de Minas* e informes sobre a criação de “clubes de leitura”, muitos deles homenageando Tio Mario. Conforme se nota, essa categoria demonstra, de modo mais explícito, a aproximação entre o suplemento infantil e as escolas, tendência que será melhor analisada posteriormente.

De modo breve, convém assinalar a característica marcante das outras seções desse grupo: “Correspondência do Tio Mario” (respostas às diversas cartas endereçadas a Tio Mario ou Celso Brant, no mais das vezes agradecendo presentes ou palavras lisonjeiras dos leitores); “Album do Tio Mario” (seção que consistia na publicação de uma foto do leitor do *Gurilândia*, tratado como “sobrinho”, ao lado de seu nome, nome dos pais, e, ocasionalmente, da escola e da professora); “Quadro de Honra” (espaço onde os autores das melhores composições ou desenhos publicados no suplemento tinham seus nomes publicados); “Charadas” (onde eram veiculadas charadas, tipo de atividade também comum em revistas de variedade, constituindo passatempo de sucesso entre os adultos); “Perguntas da semana” (seção onde se apresentava perguntas para serem respondidas

⁶⁹ Sobre editorial, escreve Sousa (2004): “Em princípio, é no editorial que se dá conta do posicionamento colectivo de um jornal sobre um determinado assunto problemático da actualidade. Por isso, um editorial é sempre da responsabilidade da direcção do órgão jornalístico ou de alguém da sua inteira confiança. [...] O posicionamento do editorial no jornal costuma refletir o seu carácter nobre entre todos os géneros jornalísticos. Habitualmente, é posicionado logo na primeira página [...]” (p. 99-100).

pelos leitores, especialmente de temática associada a história, gramática e ciências naturais); e “Concursos de composições” (seção que consistia no envio de redações para Tio Mario, sendo que os autores das melhores produções eram contemplados com prêmios diversos).

Fig. nº 10 – Conversas do Tio Mario; Concurso de Composições sobre Monteiro Lobato; Album do Tio Mario e Quadro de Honra de Gurilândia. (14/11/1948; 01/08/1948; 14/11/1948 e 01/08/1948).

2.4.2 – Seções de relevância em todo o período

Ao longo do período pesquisado, chama atenção a presença constante e incisiva de algumas seções e categorias, cuja frequência e relevância podem ser verificadas tanto na fase

inicial quanto na fase final do suplemento. Devido a essa importância, tais seções e categorias merecem uma análise mais aprofundada.

Antes, porém, convém mencionar que as seções desse grupo configuram o *Gurilândia* desde sua fase inicial, quando era marcante a presença e influência de Celso Brant. Ao contrário do grupo anterior, as seções deste grupo não se extinguiram quando do enfraquecimento da presença de Tio Mario/Celso Brant, permanecendo relativamente constantes até 1956.

Na categoria “Histórias em quadrinhos” encaixam-se várias histórias dessa modalidade divulgadas pelo suplemento. Cabe ressaltar que as histórias em quadrinhos veiculadas no *Gurilândia* apresentavam características distintas das encontradas nos “gibis”⁷⁰ do período, uma vez que abordavam temáticas nacionais e não recorriam aos populares heróis americanos. Entre as histórias presentes no suplemento infantil, destacam-se as protagonizadas por Tiziu: “Macaquices do Tiziu”, “Aventuras do Tiziu”, “Aventuras do Tiziu e Bicanca” e “Sonhos do Tiziu”. De autoria de Mangabeira, essas histórias tinham como enredo as “trapalhadas” de um menino negro.⁷¹

Ao lado de “Anúncios/propaganda”⁷², “Colaborações dos sobrinhos” é a única seção que foi veiculada todos os anos, reunindo publicações de composições e desenhos dos leitores do suplemento, que eram acompanhados do nome, cidade, idade e, em alguns casos, escola e professora.⁷³ Uma vez que as colaborações, tanto as redações quanto os desenhos, eram publicadas com a idade dos autores, temos um importante elemento para considerar acerca da faixa-etária dos “sobrinhos”. Um olhar geral sobre essa seção permite situar a faixa etária média

⁷⁰ Este trabalho segue a orientação de Gonçalo Junior (2004) que utiliza o termo gíbi para referir-se às revistas, bastante populares em meados do século XX, que veiculavam histórias em quadrinhos importadas, sobretudo dos Estados Unidos, e que sofreram forte reação de autoridades políticas e educacionais no Brasil, principalmente pela temática tida como violenta e pela linguagem informal. Essas publicações serão exploradas no último capítulo.

⁷¹ As seções envolvendo Tiziu serão tratadas no quarto capítulo, uma vez que veiculam uma representação de criança importante a ser analisada.

⁷² A essa categoria, presente em todo o período analisado, será dedicado um estudo mais consistente, presente no capítulo seguinte.

⁷³ Sobre atividades de composição e desenho nas escolas deste período, observa Gomes (2008): “Evidencia-se [nas escolas], ao longo dos anos 40 e 50 uma seleção de atividades que indicam uma predominância de práticas de escrita de composição” (p. 129); e “A escolarização do aluno através de práticas relacionadas à expressão do desenho mostra a preocupação com o caráter estético que deveria nortear as atividades escolares” (p. 131). Temos, então, mais um exemplo da aproximação entre o suplemento e os saberes e práticas escolares, que ficará mais evidente no decorrer do trabalho.

dos “colaboradores” entre 8 e 12 anos, ainda que tenham sido encontrados autores de desenho e/ou composições com 4 anos, no limite mínimo, e 17 anos, no limite máximo.⁷⁴

“Concurso Gurilândia” era um concurso mensal que alcançava grande popularidade, feito em parceria com o programa infantil homônimo da *Rádio Guarani*. O concurso consistia em decifrar uma pergunta, muitas vezes associada a história, literatura ou geografia nacional, e encaminhar uma carta ao Tio Mario. Dentre as respostas corretas, eram sorteados variados prêmios, que eram entregues durante o programa *Gurilândia da Rádio Guarani*. Por meio dessa seção temos importantes indícios da circulação em ambiente escolar do suplemento, como atesta a passagem: “Muitas professoras e diretoras de grupos da capital e do interior levaram para as suas próprias classes o nosso concurso” (14/03/1948). Essa circulação no ambiente escolar é reforçada pela necessidade do preenchimento, pelos participantes do concurso, do nome da escola onde estudam. A temática do concurso também sugere um diálogo entre o suplemento e os conteúdos escolares.⁷⁵

“Enciclopédia Infantil”, por seu turno, veiculava informações curtas a respeito de diversos temas, entre os quais as ciências naturais eram marcadamente mais frequentes. Como ilustração, temos: “O Brasil possui perto de 5.000 espécies de mamíferos, ou seja um pouco menos de 10 por cento dos mamíferos que existem no mundo” (10/10/1948); “As dalias, crisântemos e outras plantas de jardim não têm ‘batatas’, e sim rizomas. Rizoma é uma haste subterrânea e ‘batata’ é um tubérculo” (23/10/1955).

A categoria “Textos literários”⁷⁶ incluiu todos os textos literários que não se vincularam a nenhuma seção, totalizando 883. Essa grande quantidade de textos ainda não transmite a real importância da literatura no *Gurilândia*, uma vez que várias outras seções eram compostas por textos literários, ou tinham a literatura como tema central ou periférico. Assim sendo, a proeminência da literatura no suplemento nos permite inferir que ele era dedicado a uma criança-leitora. É importante ressaltar que a grande maioria dos textos literários não apresentava autoria.

⁷⁴ Vale justificar que não foi feita nenhuma exploração mais sistemática no que se refere à faixa-etária desses “colaboradores”. A longevidade da seção e a enorme quantidade de “colaborações” impediram um empreendimento dessa ordem, que necessitaria de um tempo considerável para ser viabilizado.

⁷⁵ Nota-se que, na fig. nº 11, os leitores são desafiados a identificar as fisionomias de importantes personagens da história e da literatura nacional. Também a geografia nacional foi tema de perguntas.

⁷⁶ Essa categoria foi composta dos seguintes textos: narrativas, poemas e fábulas. A esse respeito, partilhamos da convicção de Rangel (2005): “Aceitamos, com facilidade talvez excessiva, a idéia de que o texto literário tem características – o mais das vezes entendidas como essencialmente *formais* – diferentes dos demais. Podemos discordar em relação a quais seriam as características essenciais, responsáveis diretas por essa distinção; mas, em geral, não discordamos quanto à existência e a possibilidade de localizar e descrever essa diferença”. (p. 128).

Para os textos que eram assinados, destacaram-se os seguintes autores: Anita Fonseca, Brant Horta, Celso Brant, Clemente Luz, Djalma Andrade, Gustavo Barroso, Ivan Krilov, Lindolfo Gomes, Monteiro Lobato, Nair Starling, Olavo Bilac, Tolstoi, Vicente Guimarães, Vinicius Meyer, Viriato Correia.

Por último, temos a categoria “Textos informativos”, que acumularam um total de 347 aparições. Vale mencionar que foram encaixados nessa categoria todos os textos com uma intenção informativa, distintos dos textos literários, e que estavam “soltos” no suplemento, não tendo vínculo com nenhuma seção. A importância dessa categoria ultrapassa os 347 textos identificados, já que, como no caso dos textos literários, os textos informativos também foram base para diversas seções do suplemento. Convém anotar que pouquíssimos desses textos apresentavam autoria ou mesmo fonte e que os principais temas foram história e ciências naturais.

Reitera-se, assim, a relevância das seções e categorias deste grupo, uma vez que, dada a frequência constante e incisiva, exerceram um papel central na configuração do projeto editorial do suplemento. Merecem destaque as categorias “Textos literários” e “Textos informativos” que, em conjunto, constituíram a marca indelével do *Gurilândia* e a imagem do seu destinatário: a criança-leitora.⁷⁷

⁷⁷ Utilizando a classificação proposta por Solé (1998) dos objetivos ou finalidades da leitura, podemos identificar, no caso dos textos literários, a predominância de uma leitura por prazer, e, no caso dos textos informativos, a predominância de uma leitura para aprender. A autora salienta, contudo, que “em maior ou menor grau, sempre aprendemos algo com a leitura” (Solé, 1998, p. 46).

Fig. nº 11 – Concurso Gurilândia e Colaborações dos sobrinhos (03/07/1949, 04/01/1953, 19/12/1948 e 03/07/1949).

2.4.3 – Seções de frequência restrita ou tímida

Neste grupo encontram-se as seções que tiveram uma presença discreta ao longo do período pesquisado. É possível identificar as seções que, embora timidamente, tiveram uma presença constante por um período significativo. Nesse caso, temos “Curiosidades”, “Aprenda a Desenhar” e “Para você colorir”. Interessa notar como essas seções vinculam-se a interesses recreativos, uma vez que a primeira trata de informações ligadas à temática humorística e as duas últimas associam-se a atividades mais lúdicas.

A título de curiosidade, vale observar que nos quatro primeiros números de *Gurilândia* a seção “Para você colorir” publicou quatro desenhos, respectivamente: galo, coelho, raposa e tigre. Convém mencionar que os quatro clubes de futebol profissional de Belo Horizonte da época eram: Atlético (simbolizado pelo galo), América (coelho), Cruzeiro (raposa) e Sete de Setembro (tigre). Esses desenhos foram assinados por “Mangabeira”, pseudônimo do conhecido desenhista Fernando Pieruccetti, que, além de trabalhar por um longo período no *Estado de Minas* e ser autor de outras ilustrações no *Gurilândia*, tornou-se célebre por criar os símbolos dos principais clubes de Minas. Torna-se oportuno, neste momento, frisar que, já nos primeiros números, o suplemento infantil buscou tratar de uma temática cara aos mineiros (os clubes de futebol de Belo Horizonte). Como visto no capítulo anterior, a estreita vinculação entre o jornal e a sociedade mineira é a marca registrada do *Estado de Minas*, donde pode-se concluir que uma certa *mineiridade* também se fez presente no *Gurilândia*, além da exploração de temas históricos e literários ligados a Minas Gerais.

Outras seções desse grupo tiveram uma presença que, apesar de contundente em algum momento, restringiu-se a apenas um ano ou dois anos. São os casos de “Regras de Higiene” (3 aparições no ano de 1953), “Sagradas Escrituras” (5 aparições no ano de 1950), “Artes dramáticas e ciências naturais” (única aparição em 1954), “Biblioteca” (7 aparições no ano de 1950 e 3 em 1953), “Palavras Cruzadas” (1 aparição em 1954 e 2 em 1955) e “Riquezas do Brasil” (4 aparições em 1955).

É difícil imaginar o que levou à veiculação e imediata suspensão da seção “Regras de Higiene”, que focalizava a postura corporal e as virtudes da ginástica, e de “Sagradas Escrituras”, composta por citações bíblicas. O mesmo vale para as seções “Artes dramáticas e ciências naturais” – constituída por uma orientação para que os professores utilizassem a arte dramática no ensino de ciências naturais - “Palavras Cruzadas” e “Riquezas do Brasil”, essa última contendo informações de produtos produzidos em larga escala em nosso país (cacau, café, cana-de-açúcar, carvão e milho).

No caso da categoria “Biblioteca”, caracterizada pela propaganda disfarçada de apresentação de livros para as crianças, deve-se mencionar que as aparições do ano de 1953 coincidem com o período em que o suplemento foi patrocinado pela Cia. Melhoramentos.⁷⁸ Merece nota o fato de que todos os livros apresentados naquele ano pertenciam à editora paulista.

⁷⁸ A vinculação do *Gurilândia* com a Cia. Melhoramentos será analisada no próximo capítulo.

Uma vez que o vínculo entre o *Gurilândia* e a Cia. Melhoramentos não se estendeu, essa seção não mais se fez presente.

De qualquer modo, embora restrita ou tímida, as seções deste grupo também contribuíram para a forma adquirida pelo projeto editorial do *Gurilândia*. Se individualmente as seções “Curiosidades”, “Aprenda a Desenhar” e “Para você colorir” tiveram uma presença tímida, no conjunto elas constituíram um espaço importante do suplemento, mais voltado à recreação. Da mesma forma, a relevância de seções que se restringiram a um ou dois anos não pode ser negligenciada. Mesmo sendo diluídas quando se olha para todo o período pesquisado, deve ser ressaltado que, num determinado momento, essas seções foram relevantes e ocuparam um grande espaço na publicação.

Nesse sentido, a categoria “Sagradas Escritas” evidencia um caráter religioso que esteve presente, como será abordado posteriormente, no suplemento de um modo geral. Por seu turno, a indicação de livros presentes na categoria “Biblioteca” corrobora a imagem de uma criança-leitora visualizada pelo suplemento. Também “Riquezas do Brasil”, embora de pouca incidência, é uma seção qualitativamente importante, já que evidencia um ufanismo que caracteriza o suplemento, e que será melhor analisado no último capítulo.

Fig. nº 12 – “Para você colorir” e “Riqueza do Brasil (25/01/1948 e 30/10/1955).

2.4.4 – Seções com maior frequência na fase final

Principalmente a partir de 1952 e 1953, após o momento de instabilidade do suplemento, ocorre o (re)surgimento de algumas seções que ocupam um lugar de centralidade na fase final do período pesquisado.

Neste grupo, temos o caso das categorias “Grandes homens”, “Faça seu brinquedo” e “História das músicas”, que tiveram uma ocorrência tímida no ano de 1948 e retornaram, de forma mais contundente, em 1953.

Na seção “Faça seu brinquedo” foram veiculadas regras de brincadeiras infantis e também modos de se confeccionar brinquedos artesanais. Já na categoria “Grandes Homens” encaixaram-se várias seções que, apesar dos títulos distintos, encerravam o mesmo objetivo: valorizar os feitos nobres de personalidades nacionais, em maior número, e também internacionais. Nesse sentido, temos as seções: “Brasileiros notáveis”, “Brasileiros ilustres”, “Brasileiros que devemos admirar”, “Grandes vultos das letras”, “Grandes homens de origem humilde”, “Vidas que inspiram” e “Vultos de Diamantina”. Convém destacar que, entre as inúmeras personalidades mencionadas, apareceram, repetidas vezes, as figuras de D. Pedro II, Olavo Bilac, Princesa Isabel, Rui Barbosa e Tiradentes.

No que diz respeito à “História das músicas”, deve-se notar que essa categoria incluiu quatro títulos de seções: “Canções Brasileiras”; “História das músicas”; “Precocidades musicais” e “Enciclopédia musical”. Na grande maioria das vezes, essas seções eram assinadas por Tio Mario ou Celso Brant. Conhecendo a trajetória do diretor do *Gurilândia*, tal fato não causa surpresa.

Convém mencionar que essa seção privilegiou o tratamento da música clássica, raramente abordando alguma música ou autor associado à cultura popular. Sem desconsiderar as advertências quanto à *circularidade cultural*, proposta por Ginzburg (1987), cabe ter em conta que as décadas de 1940 e 1950 assistiram, de acordo com Ortiz (1991), uma interpenetração entre as esferas eruditas e populares de que a produção de massa do período é testemunha:

É necessário mostrar que a interpenetração da esfera de bens eruditos e a dos bens de massa configura uma realidade particular que reorienta a relação entre as artes e a cultura popular de massa. Esse fenômeno pode ser observado com clareza quando nos debruçamos nos anos 40 e 50, momento em que se constitui uma sociedade moderna incipiente e que atividades vinculadas à cultura popular de massa são marcadas por uma aura que em princípio deveria pertencer à esfera erudita da cultura. (p. 65).

Contudo, “Ciências Naturais” é a principal seção da fase final do período pesquisado. Corrobora essa constatação, além da frequência incisiva entre 1952 e 1956, o grande espaço ocupado pela seção. Também o fato de ser dirigida ao professorado agrega importância a esta seção, haja vista que esse aspecto reforça um dos principais objetivos da publicação: a aproximação com as instituições escolares.

Assinada pelo professor H. Marques Lisboa,⁷⁹ chama atenção em suas 117 ocorrências a valorização dos ideais da Escola Nova, de que a metodologia apresentada por Lisboa não deixa dúvidas: ênfase nos trabalhos manuais e nos trabalhos em equipe, relação horizontal entre alunos e professor, concepção do aluno como observador/pesquisador, etc. Objetivava-se, através dessa seção, uma formação dos professores em harmonia com os pressupostos escolanovistas. Para viabilizar esse objetivo, eram veiculados planos de aula, com indicação da série a que eram destinados, repletos de roteiros de observação e questionários a serem aplicados aos alunos.

Fig. nº 13 – Ciências Naturais (03/10/1954 e 06/09/1953).

⁷⁹ Henrique Marques Lisboa foi professor de História Natural Médica, Microbiologia e Patologia Geral na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, mais tarde Universidade Federal de Minas Gerais. Prates (1989) aponta que Marques Lisboa colaborou nas Classes Anexas da Escola de Aperfeiçoamento: “Em ciências naturais, por exemplo, é apontada como constante e enorme a contribuição do Dr. Henrique Marques Lisboa, médico e professor da Faculdade de Medicina. Ele trabalhava diretamente com os alunos: em dissecações, estudavam as aves, os animais; em caminhadas, coletavam material para estudo da água, plantas, etc. [...] Marta Guimarães, ex-aluna das Classes Anexas, formada na 4ª série em 1935, relembra essas aulas do Dr. Henrique como “memoráveis”, afirmando terem sido elas capazes de despertar o mais alto interesse e a mais profunda aprendizagem nos alunos não só pela cientificidade do conhecimento transmitido como também pelo prazer que provocavam no aluno: aprender daquela forma era ‘agradável e fácil’” (p. 183). A respeito da movimentada trajetória de Marques Lisboa, conferir as memórias de Pedro Nava (1985; 2001).

2.5 - As seções no *Gurilândia*: a heterogeneidade que constrói o sentido do suplemento

Diante da análise das seções, faz-se necessário reiterar alguns pontos que alicerçaram o sentido adquirido pelo suplemento no período pesquisado.

Um primeiro ponto que merece destaque diz respeito à assiduidade das seções vinculadas ao Tio Mario nos primeiros anos do suplemento, e o seu desaparecimento nos anos seguintes. Uma vez que Tio Mario era um personagem criado por Celso Brant, é conveniente atentar para a trajetória do diretor do suplemento, em busca do entendimento desse ocorrido. Nesse ponto, deve-se mencionar a revista *Acaiaca*. Criada no final de 1948, Celso Brant atuou, até janeiro de 1950, como secretário da revista. No entanto, a partir desse ano Brant passa a responder pela direção da publicação. Diante do sucesso da revista na qual o jornalista se manteria na direção até 1955, pode-se inferir que esta publicação passou a dividir a atenção e o empenho de Celso Brant com o suplemento *Gurilândia*. Não é difícil concluir o que foi privilegiado e preterido pelo jornalista.

Outro ponto a ser mencionado refere-se ao elevado número das categorias “Textos literários” e “Textos informativos”. A primeira acumulou um total de 883 ocorrências, enquanto a segunda atingiu 347. Diante do peso desses números elevados, nota-se que essas duas categorias acabaram por dimensionar a característica marcante do *Gurilândia*: os textos de leitura, quer sejam literários ou informativos. De certo modo, a predominância desses textos marca o modelo de público visado pela publicação: a criança-leitora.

Também merecem destaque as ilustrações presentes no *Gurilândia*.⁸⁰ Sem se prender a nenhuma seção específica, e povoando a maioria delas, deve-se ter em conta que o espaço ocupado pelas ilustrações indica um certo grau de relevância desse recurso.

Frade (2000) defende que a análise da imagem deve ser conjugada com a análise do texto escrito, uma vez que “uma certa dicotomia entre texto e imagem pode dificultar análises mais complexas das mensagens” (p. 142). Ao proceder a uma análise desse tipo,⁸¹ encarando alguns textos literários presentes no *Gurilândia* e suas respectivas ilustrações, percebe-se que essas

⁸⁰ Utiliza-se o termo ilustração como uma modalidade de imagem, essa última definida por Frade (2000) como “formas visuais e não-verbais de representação e como configuração final de um produto dado a ver ou ler”. (p.141).

⁸¹ Não ignoramos o caráter exploratório dessa abordagem. Contudo, vale observar que a presença de ilustrações ao longo de todo o período pesquisado inviabilizou uma abordagem de mais fôlego, mais sistematizada. Não obstante tal fato, acredita-se que a análise das ilustrações aqui realizada contribui para a compreensão global do suplemento infantil em questão.

últimas ocupam um lugar secundário em relação aos primeiros. Em certo sentido, a ilustração parece estar a serviço do texto escrito, sendo ancorada por ele. Contribui para essa constatação o fato de que, via de regra, as imagens cumprem uma função redundante, ao apresentarem informações já descritas nos textos escritos.⁸²

Fig. nº 14 – Textos literários ilustrados (04/01/1953, 06/09/1953, 03/10/1954 e 11/04/1948).

Utilizando-se de uma classificação de Jean-Marie Charon a respeito das imagens em revistas, Frade (2000) conjuga três funções principais que podem ser transportadas para a análise das ilustrações no *Gurilândia*: informar, guiar e dar prazer. A ilustração seria informativa ao apresentar uma riqueza de informações, ao passo que teria a função de guia ao conduzir uma leitura entre outras alternativas. Por último, a ilustração teria a função de dar prazer no momento em que “se vê encarregada de seduzir, de mobilizar emoções” (p. 150). Nesse caso, a ilustração exerceria o papel de “convite ao jogo”. Dentre as três funções, a missão de “dar prazer” parece ter sido a mais presente no *Gurilândia*, atuando no sentido de despertar o interesse para o texto escrito.

No entanto, é importante observar que essa função de “convite ao jogo” desempenhada pelas ilustrações não está aprisionada à sua relação com o texto escrito. É bastante improvável que a linguagem da imagem não tenha seduzido um público não alfabetizado. Nesse sentido, a

⁸² É forçoso salientar que essa subordinação da imagem ao texto escrito fica explícita na apresentação de textos literários. Os anúncios publicitários veiculados no suplemento, como mostrará o próximo capítulo, reservaram um grande protagonismo às ilustrações.

função da imagem predominante no suplemento, vinculada ao prazer e ao convite ao jogo, é ainda mais eficiente, visto que as ilustrações, certamente, constituíram uma primeira ponte de diálogo entre a publicação e seu público. O “convite ao jogo” funcionaria como um passaporte para a interação com o *Gurilândia*, não necessariamente com o universo de textos escritos que também o constituíam.

Por fim, vale ressaltar que os primeiros anos do *Gurilândia* apresentaram um maior número de seções em relação aos últimos anos analisados. Aprofundando essa observação, percebemos que o número de “textos literários” não acompanhou essa sensível queda do número de seções. Uma vez que se verifica uma queda brusca no número de páginas do suplemento a partir de 1950, era esperado que o número de seções refletisse essa queda e apresentasse uma redução. E foi o que ocorreu. O número de “textos literários”, no entanto, ainda que com a queda do número de páginas do suplemento, mantém, e até acentua, seu número de ocorrências.

Nesse ponto, é preciso entender que, com o passar dos anos, o *Gurilândia* vai deixando de se constituir por seções “fechadas”, para apresentar um conteúdo mais “solto”, menos vinculado às seções. Concomitante a esse processo, pode-se observar um aumento da categoria “Textos Literários”, que passou a ocupar o espaço das seções que não eram mais publicadas.

Isso posto, fica claro que a análise das seções do *Gurilândia* permite compreender que corpo a publicação vai tomando ao longo do tempo. A permanência de determinadas seções é um indício importante de quais são as questões primordiais para o suplemento. São essas permanências, que passam imunes a tantas alterações sofridas pelo *Gurilândia*, que vão constituir seu sentido mais marcante.

Há que se observar que, apesar das constantes alterações nas seções ao longo do tempo, não se verificou nenhuma modificação significativa no projeto editorial da publicação, que permaneceu almejando, em maior ou menor grau, em todo período pesquisado uma aproximação com os saberes escolares, uma interlocução com uma criança-aluno ou criança-leitora, uma formação de um leitor comprometido com a pátria, e um diálogo com a *mineiridade* – verificado, entre outros, pelo destaque à religiosidade e à valorização das coisas locais, como a literatura e a história mineira.

Desse modo, encerrada a análise das seções tem-se uma compreensão geral das temáticas que eram veiculadas, de qual modo, para quem e com que grau de relevância. Assim sendo, percebe-se que o sentido do suplemento é constituído pela soma proporcional das diversas seções

que o compõe, uma vez que, pela intensidade e duração, as seções adquirem graus de importância distintos.

Destarte, a fim de tornar mais claro esse sentido adquirido pelo *Gurilândia*, é que se focalizará, no quarto capítulo, os objetivos e o efeito do projeto desse suplemento, que ganha forma por meio do agrupamento de suas seções. Antes, porém, faz-se instigante a análise da publicidade veiculada no *Gurilândia*, que nos fornecerá elementos imprescindíveis para a compreensão do leitor do suplemento, além de jogar luz sobre aspectos de sua produção.

III – O leitor lendo o anúncio e o anúncio lendo o leitor

“Que sera seu filho amanhã?
Advogado, engenheiro, médico ou ...?
Seu futuro depende do presente – da sua capacidade
para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que
o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança”.
(Anúncio do *Tônico Infantil*, Gurilândia, 25/01/1948).

Concebida em um sentido amplo, propaganda pode ser entendida, segundo Rabaça e Barbosa (1987), como um “conjunto de técnicas e atividades de informação e persuasão, destinadas a influenciar as opiniões, os sentimentos e as atitudes do público num determinado sentido” (p. 378). Assim sendo, *lato sensu*, o termo propaganda associa-se a uma ação que busca a divulgação das qualidades e da superioridade de “um produto, de um serviço, de uma marca, de uma idéia, de uma doutrina, de uma instituição etc.” (p. 378). Incluem-se, assim, finalidades que ultrapassam os fins meramente comerciais.

Em uma concepção mais restrita, o termo propaganda pode ter seu sentido vinculado a aspectos exclusivamente comerciais. Desse modo, *stricto sensu*, propaganda pode ser empregada no sentido comercial, sendo preteridas, quando assim for, as finalidades ideológicas, políticas ou de outra ordem.

Visto isso, cumpre destacar que, neste capítulo, o termo propaganda será analisado em seu sentido mais restrito, o comercial. Outra observação importante refere-se ao fato de que os termos propaganda, publicidade e anúncio serão utilizados aleatoriamente, uma vez que serão tomados como sinônimos, em uma utilização que é, inclusive, tratada por Rabaça e Barbosa (1987).

Assim sendo, este capítulo explora, quantitativa e qualitativamente, a publicidade veiculada no *Gurilândia*. Também se buscou, por meio do estudo dos anúncios, indícios de por quais mãos circulava o suplemento, tendo como pressuposto o fato de que se o leitor vê uma propaganda, a propaganda também vê um leitor. Tal como proposto por Gouvêa e Paixão (2004), a análise que se segue procurou tratar a publicidade como “um documento histórico, capaz de expressar e conferir visibilidade ao cenário cultural em questão” (p. 353). Desse modo, longe de constituir um detalhe de pouco valor, a publicidade é encarada como um elemento que permite um melhor entendimento da produção, da circulação e do uso do suplemento, bem como das representações nele contidas.

3.1 – A Publicidade no suplemento infantil: aspectos quantitativos e qualitativos

Na análise do conteúdo do *Gurilândia*, percebe-se que os anúncios ocuparam um espaço importante ao longo do período pesquisado. Os dados apresentados no Gráfico 4 são elucidativos dessa importância.⁸³

Gráfico 4 - Gurilândia (1948-1956): Total de Publicidade em Cada Ano

Diante do gráfico apresentado, fica claramente perceptível a presença de anúncios de 1948 a 1955. Convém mencionar que o ano de 1951, pelo baixo número de publicações (29) e pelo baixo número de páginas publicadas (14,5), arrasta o gráfico para baixo, fato que não apaga a constatação da forte presença da publicidade no suplemento.

Nesse ponto, importa observar a crítica presente na seção “Tio Mario aos seus sobrinhos”, em agosto de 1952, sobre a quantidade de anúncios em detrimento de “coisa para a gente ler”. Segue a passagem:

⁸³ Por motivos já justificados, os dados referentes ao ano de 1956 foram excluídos. Cumpre anotar, contudo, que o total de publicidade neste ano foi de 27.

Todo domingo, pela manhã, depois que voltam da missa, Paulo, Marisa e Joaozinho se põem a conversar sobre o que lêem em Gurilândia.

-Hoje saíram muitos anúncios e pouca coisa para a gente ler – comentou Paulinho.

[...] Nesse momento, Tio Mario vinha chegando. Entrou na conversa dos garotos e começou a fazer perguntas sobre Gurilândia na sua nova fase.

[...] Tio Mario ouviu, ainda, outras sugestões dos sobrinhos, anotando-as cuidadosamente e prometendo pensar sobre elas. Elas serão aproveitadas, aos poucos, juntamente com novas sugestões que lhe forem enviadas. Dessa forma, acredita Tio Mario poder agradar a quantos acompanham com vivo interesse as realizações de Gurilândia. (17/08/1952).

Uma vez que essa seção era escrita por Celso Brant, a passagem pode ser analisada como uma crítica do próprio diretor do suplemento ao excessivo espaço ocupado pela publicidade. Sendo assim, pode-se concluir que o grande número de propagandas acontecia à revelia da vontade do diretor do *Gurilândia*. Tal fato é esclarecedor da lógica que rege a composição de um jornal ou uma revista, visto que existem importantes decisões que passam ao largo do poder de quem assina um suplemento, caderno ou coluna.

Sobre as relações hierárquicas presentes em uma empresa jornalística, Capelato (1988) observa:

A propósito da relação jornalista assalariado/donos de jornal, considero oportuno lembrar a metáfora utilizada por Barbosa Lima Sobrinho para definir a imprensa. ‘Ela é a peça indispensável de um maquinismo forçado ao movimento de outras peças e ela própria fazendo girar outras rodas’. O dono do jornal e os que estão a seu serviço integram-se nessa intrincada engrenagem. A metáfora não explicita o movimento contraditório que permeia as relações de trabalho na máquina-jornal e tampouco as existentes no mecanismo maior – a sociedade. A reflexão crítica permite discernir e compreender essa dinâmica complexa. (p. 66).

Também tratando dessas relações hierárquicas, em uma reflexão marxista, Sodré (1966) identifica três camadas sociais que compõem uma empresa jornalística: os proprietários (burguesia), os trabalhadores intelectuais (classe média ou pequena burguesia) e os operários (classe operária). Os trabalhadores intelectuais, segundo ele, sofreriam as “injunções e vacilações de sua posição intermediária” (p. 478). Ilustrativa dessas injunções e vacilações é o depoimento de David Nasser, que usufruiu como poucos, para o bem e para o mal, da estreita convivência com seu patrão Assis Chateaubriand:

Eu resolvi me emancipar porque cheguei à seguinte conclusão: no Brasil, nunca houve, na realidade, liberdade de imprensa. O que existe e sempre existiu é a opinião do dono do jornal. Ora, a minha opinião nem sempre coincidia com a do meu patrão e eu era despedido. Então eu resolvi ser rico, para poder ter opinião como jornalista. No jornalismo como vocês sabem, só se faz fortuna sendo picaréta ou então alugando a opinião. (Sodré, 1966, p. 479).

Diante dessas relações complexas que marcam o ambiente de uma publicação jornalística, é conveniente ressaltar a defesa que Chartier (1996) faz, pensando na história da leitura, da necessidade de se estudar e distinguir o que ele denomina de “mundo do texto”, “mundo do editor” e “mundo do leitor”, tendo consciência de que cada um desses “mundos” contém interesses e características próprias. No caso específico do *Gurilândia*, a figura de Celso Brant não parece monopolizar as decisões referentes ao “mundo do editor”, uma vez que o jornalista deixa transparecer contingências que fogem de suas mãos e que até são contrárias às suas vontades. A queixa quanto ao excessivo número de anúncios no suplemento é ilustrativa de um jogo de interesses que compõe o “mundo do editor”, alterando o “mundo do texto” e influenciando o “mundo do leitor”. Assim, temos que decisões essenciais na produção do suplemento ficaram a cargo dos diretores do jornal *Estado de Minas*, e não nas mãos do diretor do *Gurilândia*.

Apesar de ser bastante improvável que a insatisfação de Celso Brant tenha chegado ao dono dos “Diários Associados”, não deixa de ser interessante, a fim de compreendermos melhor as relações de hierarquia que constituem um jornal, dois relatos de Samuel Wainer, um enquanto funcionário de *O Jornal*, comandado por Assis Chateaubriand, e outro como proprietário de *Última Hora*:

Como dono de jornal, [Chateaubriand] mantinha um estilo imperial. Mesmo sabendo que a edição estava praticamente pronta, mandava trocar fotos, legendas, manchetes, jogava artigos fora. Era impiedosamente desrespeitoso. Logo ao chegar, chamava-me para saber as últimas notícias. Depois, telefonava para ministros, governadores, empresários, banqueiros, trocando informações. Ele acordava qualquer pessoa no meio da noite. (Wainer, 1987, p. 103).

Não era fácil lidar com os colunistas da *Última Hora*, até porque o sucesso do jornal rapidamente os transformava em celebridades nacionais. Costumava dizer-lhes que não teriam liberdade para escrever; liberdade era algo que só o dono do jornal poderia ter. O que eu lhes assegurava era independência. Explicava-lhes que jamais seriam obrigados a escrever alguma coisa que contrariasse seus pontos de vista, mesmo em artigos ou reportagens não-assinados. Em jornalismo, independência é isso. Mas eu não poderia permiti-lhes que escrevessem algo que afetasse os interesses da empresa; essa espécie de liberdade eles não teriam. (Wainer, 1987, p. 246).

De qualquer modo, a crítica do diretor do *Gurilândia* ao excessivo espaço ocupado pela publicidade aparece em um ano em que o número de anúncios veiculado foi, em números absolutos, baixo (49). No entanto, levando em conta o número de páginas igualmente baixo deste período, esses anúncios ocuparam um espaço proporcionalmente significativo. O ano seguinte à crítica (1953) apresentou o maior número de publicidade do período pesquisado, o que conduz à

conclusão de que o apelo de Celso Brant, veiculado na seção assinada por Tio Mario, não surtiu efeito.

O *Estado de Minas* consagrou, ao longo de sua história, extraordinária atenção para os assuntos publicitários. França (1998), apesar de lançar o olhar para a situação desse jornal na década de 1990, destaca que a publicidade sempre foi uma questão cara ao jornal:

No meio da imprensa escrita, o *Estado de Minas* é, sem dúvida, o mais importante veículo publicitário do Estado. [...] O Estado, os bancos, as grandes lojas e os supermercados constituem os principais anunciantes; no entanto foram, com certeza, os pequenos anúncios que desempenharam um papel fundamental na consolidação financeira do jornal. Eles começaram a ser publicados durante a guerra. Ao longo dos anos 50, eram publicadas aproximadamente quatro páginas de anúncios, publicação que atingiu cerca de dez páginas em 1980 e até 70 em 1991 (dependendo do dia da semana). (p. 108).

A insatisfação de Brant quanto ao grande espaço do *Gurilândia* ocupado pelos anúncios parece não ter se sido um caso isolado. A entrevista de um jornalista, colhida por França (1998), sugere que a proeminência da publicidade sobre quaisquer outras questões tem raízes fortes e antigas no *Estado de Minas*: “Fica a impressão de que o forte do *Estado de Minas* é esse lado comercial. O grande ‘marketing’ é esse lado comercial, são os anúncios. Tanto que a preocupação é muito maior com esse lado comercial do que com a linha editorial” (p. 172).

Por outro lado, o *Estado de Minas* não pode ser tomado como um caso singular em que a propaganda ocupou um grande espaço, uma vez que, de um modo geral, foi intensa a presença dos anúncios nas publicações daquele período. Brites (2000) aponta que, em meados do século XX, a formação de um mercado de consumo de bens industriais no país não se restringia a minorias privilegiadas, abrangendo também os setores populares. Essa ampliação do mercado consumidor brasileiro, como não poderia deixar de ser, foi acompanhada por “novas técnicas de venda, mais promoções e o crediário se expandiu, colocando para as empresas necessidades de incrementar a publicidade” (p. 258). As publicações dessa época, recheadas de anúncios, testemunham a efervescência de um consumo ativo e diversificado.

Visto isso, e aprofundando a análise dos dados apresentados no Gráfico 4, desmembramos toda a publicidade veiculada no *Gurilândia* em cinco categorias, a saber: *saúde e estética* (suplementos alimentares, produtos de beleza, cremes dentais, remédios, clínicas médicas, médicos e dentistas, venda de dentaduras, aparelhos para surdez, hospitais e sanatórios), *leitura* (livros, editoras, jornais e revistas), *ensino* (estabelecimentos de ensino e cursos diversos), *brinquedos*, e *outros* (escritórios de advocacia e arquitetura, serviços de astrologia, alfaiates, máquinas agrícolas, restaurantes, empresas de linhas aéreas, empresas bancárias, papelerias,

hotéis, mecânica para automóveis, imobiliárias, além de produtos diversos como fogões, geladeiras e roupas).

O Gráfico 5 possibilita visualizar a percentagem de cada uma dessas cinco categorias no total de anúncios publicados no *Gurilândia*, de 1948 a 1956:

Gráfico 5 - Gurilândia (1948-1956): Distribuição de Publicidade por Categoria (Quantidade e Percentagem em Destaque)

Observa-se, pois, a predominância da categoria “saúde e estética” (46%), seguida da categoria “leitura” (37%), que somadas representam mais de 80% de toda a publicidade veiculada no suplemento.

Essa predominância dos anúncios das categorias “saúde e estética” e “leitura” merece um apontamento. Gouvêa e Paixão (2004), focalizando as enunciações da propaganda brasileira no período de 1930-40, observam como os produtos destinados ao público infantil eram influenciados, de um lado, pelo discurso médico-higienista, e, de outro lado, pelo discurso pedagógico-escolanovista.⁸⁴ Sem esquecer que esses discursos foram altamente propagados na primeira metade do século XX, as autoras destacam como os anúncios se voltaram para a saúde física e mental das crianças, além de apelar para sua identidade enquanto aluno.

⁸⁴ As publicações analisadas por Gouvêa e Paixão (2004) foram *Noite Ilustrada* e *Eu Sei Tudo*.

O discurso médico-higienista evocava a infância e sua educação como temas caros à ordem médica. Uma das facetas desse discurso centrava-se no condicionamento do projeto civilizatório brasileiro à higienização do mundo social (Gondra, 2002). Toda a população brasileira, e de modo especial a infantil, foi alvo, naquele momento, de inúmeros produtos e serviços que buscavam garantir uma vida saudável.

Convergingo com a popularidade do discurso médico-higienista, a primeira metade do século XX assiste a um crescimento significativo da indústria farmacêutica brasileira, bem como a entrada em nosso país de grandes laboratórios estrangeiros.⁸⁵ Como resultado dessa convergência, temos a invasão da publicidade farmacêutica nos periódicos nacionais:

Pode-se dizer que a história da propaganda e das práticas publicitárias no Brasil confunde-se com a da propaganda de medicamentos, e por que não dizer do desenvolvimento da indústria farmacêutica no país e de suas estratégias comerciais. Durante vasto período, nos mais diversos meios de comunicação, a indústria farmacêutica e seus produtos ocuparam e ocupam lugar de destaque. (Temporão, 1986, p. 37).

É conveniente sublinhar a enorme quantidade de anúncios de suplementos alimentares veiculados no *Gurilândia*, evocados como fonte de energia e vitaminas (fig. nº 15). Como observa Brites (2000), a indústria alimentícia, ao lado da farmacêutica, construía a imagem de seus produtos de modo a associá-los a uma infância saudável e, por conseguinte, feliz. O contrário também se fazia presente nos anúncios: a não utilização desses produtos resultava em crianças doentes e infelizes (fig. nº 16). Essas duas indústrias, incentivando e se beneficiando da crescente preocupação com a saúde infantil, foram responsáveis pela maior parte dos anúncios veiculados no *Gurilândia*, de modo particular, e em jornais e revistas de meados do século XX, de modo mais geral.

A indústria alimentícia também marcava sua presença na publicidade, descrevendo seus produtos como ricos em vitaminas e adequados para colaborar com a infância saudável e uma família feliz. Esse tema da saúde na infância foi recorrente na propaganda do período, como em outras instâncias sociais, valorizando a robustez infantil como sinônimo de vida saudável. As publicidades em jornais e revistas anunciavam uma série de produtos destinados à formação do corpo forte como elemento fundamental do ser criança, em especial, remédios e alimentos. (Brites, 2000, p. 257).

⁸⁵ Cf. Temporão (1986).

Fig. nº 15 e 16 – A indústria alimentícia e farmacêutica constituíam-se nas principais anunciantes do *Gurilândia* (09/01/1955 e 16/01/1955).

Nos anúncios da categoria “saúde e estética”, fica evidente o modo como a publicidade impõe aos produtos uma fundamentação técnico-científica. De acordo com Gouvêa e Paixão (2004), “a propaganda afirma-se como detentora de um conhecimento científico que informa a fabricação de tais produtos, absolutamente necessários à criação e correto desenvolvimento dos filhos” (p. 354). No caso do anúncio do “Açúcar Pérola” (fig. nº 17), conjugado com a imagem de uma criança alegre e bem disposta, segue-se um texto em que o desejo de guloseimas é justificado como uma “imposição organica”:

O organismo humano tem necessidade absoluta de açúcar. O açúcar é para o organismo o que o combustível e para a máquina. É o carvão dos músculos. Na primeira e na segunda infância, então, ele é imprescindível, e é assim por uma imposição organica, que as crianças pedem sempre mais açúcar, na forma de bolos, doces e guloseimas. Deixem que seus filhos comam açúcar e os doces que lhes apeterem, para que se mantenham mais dispostos e mais vivos para as reinações. Dê açúcar a seus filhos para torná-los mais fortes. (12/06/1949).

Fig. nº 17 – Anúncio do Açúcar Perola (12/06/1949).

Em um anúncio do “Anti-cárie Xavier”, o produto é apresentado como tendo a qualidade única de associar a tradição com a ciência moderna. A composição do medicamento reuniria o cálcio, conhecido pelos pais como a “melhor medicação para os dentes e para a prevenção da cárie”, e o flúor, “última palavra da ciência”. Nesse caso, o produto, ao mesmo tempo que não rompe com uma tradição familiar no tratamento da saúde bucal, acrescenta os benefícios advindos da ciência mais moderna:

Nossos pais conheciam o cálcio como a melhor medicação para os dentes e para a prevenção da cárie. Nós sabemos que o flúor é, a respeito, a última palavra da ciência. E todos nós podemos usar agora o cálcio e o flúor em magnífica combinação no moderno medicamento ANTI-CÁRIE XAVIER – a base de cálcio e flúor. (23/10/1955).

Explorando a imagem da criança enquanto aluno, vários anúncios associavam suplementos alimentares e remédios como garantias para o sucesso escolar. Em um anúncio de “Iofoscal”, a imagem de uma criança-aluno é seguida da mensagem: “Prepare o futuro de seu filho dando-lhe Iofoscal” (fig. nº 18). Em uma propaganda do “Licor de Cacao Xavier”, tem-se a história de outra criança-aluno (fig. nº 19). No primeiro quadro, a criança-aluno está abatida e

desanimada em uma sala de aula. No segundo quadro, a criança e sua mãe visitam um médico, que declara: “Sim, são vermes”. Posteriormente, tem-se a criança tomando o licor propagandeado. Por último, a criança-aluno, agora alegre e bem disposta, recebe um diploma. O texto do anúncio não deixa dúvida sobre os problemas que assolavam a criança que “não passava do 1º ano”: “Burrice! Não, cansaço, abatimento, desanimo”.

Fig. nº 18 e 19 – Os anúncios utilizam-se da imagem da criança-aluno. (16/01/1955 e 03/05/1953).

A larga utilização da imagem infantil enquanto estudante, presente nos anúncios veiculados no *Gurilândia*, também era recorrente na publicidade de outros periódicos contemporâneos ao suplemento do *Estado de Minas*. Quanto a esse aspecto, Gouvêa e Paixão (2004) observam que “a criança remetida à figura do aluno faz com que a infância seja

apreendida através desse lugar social, que busca abarcar a totalidade de sua experiência. Assim, a escola afirma-se como espaço definidor da identidade infantil plasmada à identidade de aluno” (p. 362).

O apelo ao sucesso escolar utilizado por vários anúncios é sintomático da crescente popularização do discurso da importância da escola verificado naquele momento. A propaganda do “Tônico Infantil” (fig. nº 20) recorre à sensibilidade dos pais, alertando que o sucesso ou fracasso profissional do filho no futuro estaria vinculado ao sucesso ou fracasso escolar no presente. O produto anunciado, uma vez que apresentaria em sua fórmula elementos necessários para a criança em idade escolar, iria garantir, até mais que o sucesso profissional, a formação de um “homem de verdade”:

Que sera seu filho amanhã?

Advogado, engenheiro, médico ou ...?

Seu futuro depende do presente – da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iodo e vitaminas – os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar – Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade. (25/01/1948).

Fig. nº 20 – A propaganda do “Tônico Infantil” associa o sucesso profissional ao sucesso escolar. (25/01/1948).

No que se refere à publicidade vinculada à categoria “leitura”, por outro lado, merece nota o fato de que essa grande quantidade de anúncios (37% do total) converge com o público visado pelo suplemento: a criança-leitora. Como visto no capítulo anterior, os textos literários e informativos constituíram a “cara” do *Gurilândia*. Também deve ser mencionado que a literatura nacional, enquanto tema, foi bastante valorizada nessa publicação, sendo encarada por Tio Mario como “a mais importante expressão da cultura brasileira” (17/10/1948). Assim, temos que o suplemento exaltava os valores da literatura, apresentava uma grande quantidade de textos (literários e informativos) e ainda veiculava anúncios de livros e coleções literárias (fig. nº 21).

Fig. nº 21 – Representantes da publicidade na categoria “leitura” (11/03/1951, 11/03/1951, 14/12/1952 e 19/12/1948).

Gouvêa e Paixão (2004) argumentam que o ideário escolanovista, proeminente na primeira metade do século passado, pregava a continuidade do trabalho escolar no espaço doméstico. Nesse ponto, tem-se que a cultura escolar passa a atingir a família de modo bastante especial:

A escola irá, de maneira definitiva no século XX, impor seus tempos e espaços aos demais tempos e espaços cotidianos da criança. Ela irá incidir não apenas no decorrer do período escolar, durante as horas dos anos que a criança permanece nas salas de aula, mas também irá exigir tempos e espaços que deverão ser subtraídos do cotidiano doméstico ou do trabalho (no caso da criança das camadas populares), reordenando tais espaços de socialização e inserção da criança. Ou seja, a cultura escolar irá atingir não apenas a criança na escola, mas a cidade e a família, impondo sua cultura específica a outros espaços sociais. (p. 350).

Dada essa ampliação da cultura escolar, com a redefinição do papel social da criança e da família, tornam-se necessárias novas materialidades “capazes de potencializar e tornar possível o trabalho escolar”. (Gouvêa e Paixão, 2004, p. 359). Convergente com o ideário escolanovista, e mesmo influenciado por ele, temos, em meados do século XX, consolidada a concepção da importância da alfabetização, da escolarização e da leitura. Brites (2000) aponta como a publicidade esteve atenta a todo esse discurso de valorização da educação, do qual os anúncios de livros e livrarias são testemunhas.

Foi argumento corrente no Brasil dos anos 30 a 50 que a criança precisava possuir corpo e mente sãos; daí a necessidade de investimentos em escolaridade, hábitos de leitura necessários para a formação do cidadão e da Nação saudáveis. Num país como o Brasil,

onde os índices de analfabetismo tinham sido, até então, bastante elevados, investir na infância, alfabetizando, seria corrigir vários desvios da Nação. Esses problemas apareceram em vários materiais da imprensa destinados à infância ou a ela relativos e a publicidade manteve-se articulada a tais preocupações. (p. 263-4).

Se analisarmos a evolução das cinco categorias de anúncios ao longo do período pesquisado, verificaremos que até o ano de 1951 existia uma predominância da categoria “leitura”, e que, a partir do ano seguinte, a categoria “saúde e estética” consolida-se na liderança de anúncios veiculados no suplemento. A partir do ano de 1953, a categoria “saúde e estética” passa a representar mais de 70% de toda a publicidade veiculada, chegando a representar 92,6% no ano de 1954. O Gráfico 6 evidencia melhor essas tendências:

Gráfico 6 - Gurilândia (1948-1956): Percentual anual de cada categoria de publicidade sobre o total (%)

Um ponto que não pode passar despercebido refere-se ao fato de que, ao se discutir a veiculação de anúncios no suplemento *Gurilândia*, deve-se atentar, uma vez mais, para a figura de Assis Chateaubriand. Moraes (2002) descreve da seguinte maneira a inquietação do jornalista com o pífio investimento das indústrias em propaganda, o que desembocaria no pioneirismo de Chateaubriand nessa empreitada:

Familiarizado com a imprensa estrangeira, Chateaubriand sabia que para dar lucros um jornal deveria ter, além de leitores, anunciantes. ‘Temos uma das mais pobres e mesquinhas imprensas do mundo’, ele repetia para quem aparecesse em sua sala de trabalho. ‘E sabem por quê? Porque possuímos uma indústria e um comércio que não anunciam’. Tentava pessoalmente convencer seus amigos industriais a aderir à moda da propaganda, mas era bater em ferro frio. (p. 141).

Ganha destaque nesse cenário a contratação, por parte de Chateaubriand, do publicitário do grupo Hearst, Fitz Gibbon. Diante de uma proposta do jornalista, Gibbon mudou-se para o Brasil e passou a coordenar o Departamento de Propaganda d’*O Jornal*, além de influenciar e dinamizar esse setor nos “Diários Associados”. Posteriormente, segundo Moraes, Chatô diria que ele foi “o primeiro perito em propaganda a aparecer nesta terra” (2002, p. 142).

O grande número de empresas controladas por Chateaubriand encontrava em seus jornais um espaço seguro para veicularem anúncios. Focalizando o *Gurilândia*, chamam atenção as propagandas de produtos que faziam parte do império que o pernambucano construiu, merecendo destaque os jornais e revistas pertencentes aos “Diários Associados” e os tônicos alimentares. A publicidade veiculada no suplemento infantil, nesses casos, incentivava o consumo de produtos internos à rede de empresas de Chateaubriand. Tal situação sugere que o dono do jornal *Estado de Minas* era, certamente, um de seus principais anunciantes.

Sendo assim, são constantes, no *Gurilândia*, os anúncios do próprio jornal *Estado de Minas*, de seus “irmãos associados” *Diário da Tarde* e *Monitor Campista*, da revista infantil *O Guri*, e das revistas de variedades *Cruzeiro* e *Cigarra*. Foram também numerosos os anúncios de diversos outros produtos, igualmente pertencentes a empresas controladas por Chateaubriand, a saber: *Anti-cárie Xavier*, *Cognac de Alcatrão Xavier*, *Licor de Cacau Xavier*, *Iofoscal* e *Nutril* (fig. nº 22). É digno de nota que todos esses produtos, freqüentadores assíduos das páginas de *Gurilândia*, pertenciam ao mesmo laboratório: Xavier. Sobre a compra desse laboratório, bem como de outras empresas, Moraes (2002) advoga que, apesar da diversificação de seus negócios, o objetivo último de Chateaubriand continuava sendo os jornais:

Com a mesma convicção, em 1937 Chateaubriand comprou, por 2200 contos, o Laboratório Licor de Cacau Xavier, de São Paulo. Instalado na rua do Glicério e especializado em produtos farmacêuticos populares, o laboratório produzia, entre dezenas de mezinhas e xaropes (além do fortificante que lhe dera o nome), o Conhaque de Alcatrão Xavier, o Elixir Xavier (apresentado como infalível contra uma doença comum na época, a sífilis) e as Pílulas Xavier, que prometiam curar a ancilostomíase, ou ‘amarelão’, a doença que mais matava brasileiros nos anos 30. Tempos depois ele arremataria em hasta pública o espólio dos proprietários de outro de seus grandes anunciantes, o Guaraná Espumante – e com isso se tornaria dono também das ainda pouco conhecidas Indústrias de Chocolates Lacta. Depois seria a vez de comprar os

Laboratórios Ipiranga, da família Ribeiro Branco, e de incorporar o Laboratório Gaby, que trouxe consigo dois sucessos de venda da época (e portanto grandes anunciantes): o pó-de-arroz Joli e a água-de-colônia Gilca. Cada um desses produtos continuaria anunciando (agora com frequência muito maior) na rede de jornais e revistas; com esse incremento de publicidade, as vendas naturalmente subiam, aumentando os lucros e permitindo que anunciassem ainda mais; anunciando mais, vendiam mais... e por aí ia a bola-de-neve que, na verdade, era o único ponto de interesse de Chateaubriand naquele cipoal de empresas limitadas e sociedades anônimas que ele fazia pouquíssima questão de conhecer. A única coisa que importava era que aquelas empresas continuassem dando lucros para que ele pudesse comprar mais jornais. (p. 367).

Fig. nº 22 – Anúncios de produtos de empresas pertencentes à Chateaubriand (03/07/1949, 03/07/1949, 14/12/1952, 14/08/1955 e 23/10/1955).

É oportuno ressaltar, por outro lado, como foram freqüentes os anúncios veiculados no *Gurilândia* que aproveitavam importantes datas do calendário cívico-religioso, como o natal, a páscoa, o dia do professor, o dia da criança, o dia dos pais e o dia das mães. Nos anúncios da geladeira “Frigidaire” e da “Casa Superball” (fig. nº 23), veiculados próximo ao natal, a figura de Papai Noel é utilizada no convencimento do consumo dos produtos.

PAPAI NOEL avisa a GAROTADA, que se
acha hospedado, em Belo Horizonte, na CASA
SUPERBALL, á rua da Bahia, 925

Atenderá a todos com prazer, pois trouxe grande
quantidade de BOLAS — BRINQUEDOS — JO-
GOS — CAIXAS SURPRESAS — JOGOS DE
PING-PONG e FUTEBOL INFANTIL e inume-
ros outros presentes

BRINQUEDOS — CASA SUPERBALL — RUA
DA BAHIA, 925 — BELO HORIZONTE

Fig. nº 23 – A publicidade veiculada no *Gurilândia* valia-se do apelo a importantes datas do calendário cívico-religioso, notadamente o natal. (18/12/1955 e 19/12/1948).

Também é digno de nota o modo como a propaganda se utilizou da imagem visual, que desempenhou um papel de complementaridade, e em muitos casos de relevância superior, ao texto escrito. Brites (2000), tratando da publicidade nas décadas de 1930 a 1950, aponta como as imagens visuais representavam uma “cultura do olhar, que educava no sentido do consumo, da admiração da riqueza, da modernidade como espetáculo” (p. 256). No anúncio dos “Fogões Wallig”, os integrantes de uma família são representados em um momento de grande felicidade diante de um prato preparado pela figura materna (fig. nº 24). O texto do anúncio reitera: “Para a felicidade do seu lar!”. Já na propaganda dos “Produtos de Beleza Pindorama”, as supostas qualidades do produto são representadas na imagem de uma índia seminua, evidenciando uma sensualidade inesperada para um anúncio veiculado em um suplemento infantil (fig. nº 25).

Fig. nº 24 e 25 – Anúncios dos “Fogões Wallig” e dos produtos de beleza “Pindorama”. Destaque para a importância da imagem visual na publicidade. (05/02/1956 e 03/07/1955).

Esses aspectos ilustram como as estratégias de *marketing* vão se tornando mais sofisticadas e também mais agressivas. Assim sendo, e ainda recordando a crítica feita por Tio Mário/Celso Brant contra o espaço ocupado pelas propagandas no *Gurilândia*, vale citar Frade (2000), que analisando a produção mineira de três revistas pedagógicas⁸⁶ no final da década de 1990, observou:

[...] o desenvolvimento do campo de marketing, aliado a influências de novas retóricas e a novas necessidades de consumo vem alterando, cada vez mais, o formato do impresso. Assim, a publicidade não é mais uma estratégia à parte e pode-se dizer que, além do fato de ela sustentar hoje muitos projetos editoriais, convive, de forma cada vez mais agressiva, com o restante das informações existentes nos impressos, produzindo alterações nos modelos de produção textual e gráfica, na estética e, sobretudo, na leitura. (p. 96).

Ilustrativo da retórica e agressividade da publicidade é o anúncio das “Bicicletas Luxor” (fig. nº 26). O texto escrito, acompanhado pela imagem do produto anunciado e de duas satisfeitas crianças com suas respectivas bicicletas, questiona: “‘Vamos dar um passeio de bicicleta?’ Quantas vezes V. já ouviu este convite de seus amigos?... e V. pôde acompanhá-los naqueles agradáveis passeios?”. Segue-se a apresentação das qualidades do produto – máximo em satisfação, conforto e segurança – para concluir: “A bicicleta Luxor (...) é uma garantia para o êxito dos seus passeios”. O estilo persuasivo do texto escrito e da imagem visual reforçam que “através de uma série de recursos, a propaganda não vende o produto de uma forma óbvia, ela vende um estilo de vida, uma maneira de ser, de pertencer” (Temporão, 1986, p. 164).

Fig. nº 26 – Anúncio das “Bicicletas Luxor”. (08/03/1953).

⁸⁶ As revistas pedagógicas analisadas por Frade (2000), em sua tese de doutorado, são: AMAE Educando, Dois Pontos e Presença Pedagógica.

As representações de figuras humanas nas propagandas veiculadas no *Gurilândia* não podem ser negligenciadas. A predominância da etnia branca foi esmagadora. Considerando outras publicações do período, percebe-se uma convergência nas representações veiculadas pela publicidade. A esse respeito, observa Brites (2000):

O mundo da pobreza e das etnias não-brancas esteve pouco presente na propaganda brasileira desse período, exceto como signo do que se devia corrigir (deixar de ser pobre, alcançar sucesso), na identificação com a cor de produtos (café e chocolate, por exemplo) e em contextos de fantasia (crianças vestidas como índios). (p. 253).

Ainda no campo da publicidade, cabe ressaltar que durante o período de cinco meses (07/10/1952 a 08/03/1953) o suplemento infantil em questão circulou com os dizeres: “Gurilândia – Patrocínio da Cia. Melhoramentos de São Paulo” (fig. nº 27). Tendo em vista a diversidade de propaganda veiculada no suplemento, e considerando essa em especial, é conveniente adotar os conceitos de capital financeiro e capital simbólico talhados por Bourdieu (2005)⁸⁷:

O capital financeiro é o domínio direto ou indireto (...) de recursos financeiros que são a condição principal (com o tempo) da acumulação e da conservação de todas as outras espécies de capital. (...) O capital simbólico reside no controle de recursos simbólicos baseados sobre o conhecimento e o reconhecimento, como a imagem da marca (*goodwill investment*), a fidelidade à marca (*brand loyalty*), etc. (p. 25).

Deste modo, enquanto no primeiro conceito a importância do lucro imediato fica colocada em destaque, o segundo conceito trabalha com outra lógica, uma vez que busca, principalmente, identificação com valores como prestígio e credibilidade.

Fig. nº 27 – O suplemento infantil tem seu nome atrelado a uma importante editora. (04/01/1953).

Nesse sentido, tem-se que alguns impressos trabalham, mormente, com a lógica do capital financeiro, enquanto outros adotam a lógica do capital simbólico. Da mesma forma, tem-se que

⁸⁷ Análise semelhante foi realizada por Frade (2000), que se valeu dos conceitos do pesquisador francês para estudar a percepção da publicidade tanto para editores de revistas pedagógicas quanto para seu público, constituído, em maior parte, por profissionais da educação.

uma publicidade pode associar-se, em maior ou menor grau, ao capital financeiro ou ao capital simbólico. Contudo, um impresso não pode prescindir de quaisquer desses capitais. Assim sendo, o capital simbólico e financeiro constituem um impresso, mesmo que um esteja presente de forma mais vigorosa que o outro.

No caso do *Gurilândia*, a presença de uma publicidade que agregava capital financeiro foi intensa, inclusive àquelas ligadas ao consumo de produtos internos do império de Assis Chateaubriand. Por outro lado, alguns anúncios, principalmente aqueles inseridos nas categorias “leitura” e “ensino”, agregavam, além do capital financeiro, um capital simbólico ao suplemento, uma vez que fortaleciam uma imagem almejada pelo *Gurilândia*: uma imagem ligada à educação, ao ensino, às letras e às artes. A esse respeito, é representativo o caso da Cia. Melhoramentos, que, por meio de sua publicidade, agregava o prestígio e a tradição de uma das principais editoras brasileiras no campo da literatura infantil ao suplemento do *Estado de Minas*.

As razões para a vinculação explícita do *Gurilândia* à Cia. Melhoramentos são de difícil esclarecimento. É interessante notar que a parceria não ocasionou qualquer alteração significativa no conteúdo do suplemento infantil, o que supõe que o patrocínio da editora não lhe permitia interferir na produção da publicação. No período do patrocínio, o suplemento já havia recuperado uma estabilidade que afasta a hipótese da necessidade de um maior aporte financeiro ou mesmo de papel.⁸⁸ Diante de tais circunstâncias, é mais razoável supor que essa parceria objetivava: no caso do *Gurilândia*, a agregação de capital financeiro e simbólico, tendo em vista o prestígio e a tradição da editora; no caso da Cia. Melhoramentos, uma melhor entrada de seus produtos no mercado mineiro.⁸⁹ Nesse último caso, não se pode esquecer a circulação escolar e familiar do *Gurilândia*, o que significa um contato previsível com pais e professores, alvos prioritários da publicidade da Cia. Melhoramentos.

Aprofundando um pouco mais o vínculo entre a Cia. Melhoramentos e o *Gurilândia*, deve-se mencionar que Lourenço Filho, um dos principais nomes do movimento escolanovista brasileiro, foi funcionário dessa editora e dirigiu seu setor de publicações infantis. Tendo em vista o caráter fortemente educativo do *Gurilândia*, marcado por uma aproximação com as instituições

⁸⁸ Neste período, além de ser uma das principais editoras do país, especialmente no mercado infanto-juvenil e didático, a Cia. Melhoramentos também era uma importante produtora de papel. Essa característica permitia uma certa estabilidade em sua produção editorial, visto que não ficava tão desprotegida das intempéries do mercado externo, e justificava o antigo lema da editora: “Do pinheiro ao livro – uma realização Melhoramentos”. Cf. Donato (1990) e Hallewell (1985).

⁸⁹ Biccás (2008) também identifica a Cia. Melhoramentos como uma das principais anunciantes da Revista do Ensino, no período de 1925 a 1940.

escolares, não surpreende a associação do suplemento com uma das mais importantes editoras de literatura infantil daquele período. Considerando as preocupações de Lourenço Filho à frente do setor infantil da Cia. Melhoramentos, fica patente a harmonia de orientação que marcava a editora e o suplemento:

Na perspectiva do educador [Lourenço Filho], a literatura infantil tinha um papel a cumprir complementar àquele desempenhado pela escola, por si só insuficiente para a formação integral do homem. [...] As obras de literatura publicadas pela Melhoramentos para crianças passavam pelo crivo de um educador, preocupado em conquistar a confiança dos mediadores que comprariam ou difundiriam os livros infantis. A concepção da literatura como um meio de educação infantil era portanto tônica no processo de edição. (Soares, 2007, p. 349 e 374-375).

Essa passagem também indica que o *Gurilândia* funcionou como um mediador dos livros da Cia. Melhoramentos. Embora a vinculação explícita (“*Gurilândia* – Patrocínio da Cia. Melhoramentos de São Paulo”) tenha durado somente cinco meses, o grande número de anúncios, constantes no suplemento em todo o período pesquisado, sugere uma satisfação da editora com o resultado dessa publicidade. Assim sendo, se esse vínculo, explícito ou não, agregou capital simbólico e financeiro ao suplemento, parece também ter sido favorável à Cia. Melhoramentos.

3.2 – Outros leitores: a contribuição da publicidade

Deve-se ressaltar que a análise dos anúncios publicados no *Gurilândia* pode fornecer indícios importantes de quem eram seus leitores. Assim sendo, a publicidade veiculada funcionaria como pistas deixadas no próprio material impresso que podem indicar as relações dos leitores com o suplemento. Para tanto, convém ter em mente a dificuldade de se captar essas relações, qualquer que seja a metodologia adotada. Convém citar Galvão (2001), para quem os leitores são sempre um “pólo fugidio, instável e móvel” (p. 25).

No caso desta pesquisa, ao se optar por buscar os leitores por meio da publicidade veiculada no suplemento, tem-se claro que essas informações, embora longe de serem desprezíveis, são, indubitavelmente, insuficientes. De qualquer modo, procuraremos, também na publicidade, marcas que nos sugiram a possibilidade de reconstrução do leitor do *Gurilândia*. Cabe chamar atenção, portanto, para o fato de que o leitor vê uma propaganda, mas a propaganda também vê um leitor.

Observando a grande diversidade de anúncios publicados no *Gurilândia*, distinguem-se, quanto ao público a que se destinam, três grupos: 1 – anúncios que visavam atingir

explicitamente à criança, seja diretamente ou via seus pais ou responsáveis adultos; 2 – anúncios que visavam segmentos de público muito diferenciados (mulheres e homens, jovens e adultos), excluindo-se o público infantil; 3 – anúncios que não se restringiam a um grupo específico, podendo ser identificados com um público diverso, incluindo as crianças, mas não se restringindo a elas.

No primeiro caso, os anúncios destinados, direta ou indiretamente, ao público infantil, percebe-se que são as crianças as reais destinatárias dos produtos, mesmo que, para alcançá-las, o anúncio mire em seus pais ou adultos responsáveis. Neste caso, portanto, ainda que os interlocutores dos anúncios não sejam as crianças (garotada, petizada), e sim interlocutores adultos (papai, mamãe, pais), o beneficiado do produto ou do serviço é a criança. Nesta categoria, portanto, temos um tipo de propaganda que faz todo sentido em uma publicação destinada ao público infantil, corroborando uma imagem de criança-consumidora (tabela 2 e fig. nº 28).

Tabela 2 – Anúncios destinados, direta ou indiretamente, ao público infantil.

Mensagem	Data
“Celso Brant – Contos de fadas do Tio Mario – Brevemente... O Livro da Garotada”.	31/10/1948
“As crianças adoram o Licor de Cacau Xavier – O lombrigueiro infalível e gostoso, que não exige dieta nem purgantes, usado há meio século!”.	14/11/1948
“Dê a seu filho ‘Infância humilde dos grandes homens’ – novo e belo livro de Clemente Luz”.	28/11/1948
“Crianças alegres e sadias fortalecidas por um bom tonico – Plasmovitan”.	10/04/1949
“Ginasio Nova Friburgo – Internato e semi-internato masculino – Novos metodos de ensino – Orientação Educacional – Instalações Modelares”.	29/01/1950
“Dr. Agostinho C. Fernandes – Doenças e alimentação das crianças”.	04/02/1951
“Livros Escolares – Livraria Oscar Nicolai”.	11/03/1951
“Peça hoje mesmo para seu papai exemplares da Biblioteca Infantil – Edições Melhoramentos”.	30/11/1952
“A criança aprende pelo exemplo. Abra uma conta bancária para seu filho! Banco Vera Cruz S. A.”.	06/09/1953
“Prepare o futuro de seu filho dando-lhe Iofoscal”.	16/01/1955

“Creme dental infantil Dunga – Para incentivar as crianças ao exemplar habito de escovar os dentes diariamente”.	29/01/1956
--	------------

Neste momento, convém fazer uma distinção entre produtos e discursos. Tendo em vista o saber médico e psicopedagógico sobre a infância nas décadas de 1930 e 1940, Gouvêa e Paixão (2004) atentam para o fato de que, mesmo quando as crianças são destinatárias dos produtos, as famílias, notadamente as mães, são destinatárias dos discursos que envolvem esses produtos. Nesse caso, a veiculação de um produto é acompanhada da veiculação de um discurso sobre o papel social da família, constituindo uma dimensão pedagógica da propaganda:

Neste sentido, a propaganda exerceria uma dimensão pedagógica em relação à família, participando na produção de novas sensibilidades para com a infância, sensibilidades que redefiniriam os papéis e responsabilidades sociais do núcleo parental e, de maneira mais significativa, da figura materna. (Gouvêa e Paixão, 2004, p. 354).

Como ilustração, temos o anúncio do Licor de Cacau Xavier, destinado a “tôdas as crianças em idade escolar”. Nota-se como o produto vem acompanhado de um discurso sobre a ação dos vermes no organismo infantil, além de creditar à “mãe esclarecida” a responsabilidade pela defesa dos filhos. O anúncio, portanto, deixa clara uma divisão de papéis, identificando na figura materna o compromisso para com o bem-estar familiar.⁹⁰

Bom filho corre e brinca o dia todo... e, à noite, quando o cansaço é grande, êle repousa e dorme. Mas, quer nas horas em que êle brinca, quer nas horas em que êle dorme, milhares de pequenos inimigos de sua saúde trabalham silenciosamente... São os vermes, que sempre – momento após momento – movimentam-se para tirar de seu organismo o alimento que deveria dar-lhe mais fôrça e ânimo. Cabe a você, que é sua mãe e é esclarecida, defendê-lo. Livre-o dos vermes, dando-lhe LICOR DE CACAU XAVIER – um vermifugo de ação moderada que deve ser tomado por tôdas as crianças em idade escolar. (09/01/1955).

⁹⁰ Essa divisão de papéis também foi observada por Brites (2000): “A mulher foi também responsabilizada pela sua própria saúde, dos filhos e até do marido - saúde de toda a família, portanto -, observando cotidianamente o comportamento de todos e atuando como uma espécie de enfermeira do lar, aliada ao universo dos saberes modernos, dentre os quais, a propaganda”. (p. 273). A autora também aponta que “o vínculo entre criança, mãe e família foi intensamente alimentado no mundo da publicidade brasileira dos anos 30 a 50, servindo de mote para a apresentação e a justificativa dos mais diversos produtos”. (p. 252).

Fig. nº 28 – Publicidade pertencente à categoria 1: anúncios destinados, direta ou indiretamente, ao público infantil. (12/06/1949, 29/01/1956 e 06/09/1953).

Também foram veiculados no *Gurilândia* anúncios destinados a segmentos de público muito diferenciados, excluindo-se o infantil. Nesse caso, apesar de ocuparem espaço em um suplemento infantil, os anúncios não se referem, definitivamente, às crianças. Esse tipo de publicidade não faria sentido em um impresso que tivesse sua circulação restrita às mãos infantis, como demonstram os exemplos (tabela 3 e fig. nº 29).

Tabela 3 - Anúncios destinados a segmentos de público muito diferenciados, excluindo-se o infantil.

Mensagem	Data
“Carmelino Pinto Coelho – Advogado”.	15/02/1948
“Escritório de Arquitetura – A. Inhata”.	29/02/1948
“Indo ao Rio hospede-se no Carioca Hotel”.	20/02/1949
“Ganhe dinheiro em sua própria casa – Aprenda a revelar suas fotografias e inicie uma profissão rendosa - Emrepol”.	27/03/1949
“Anunciar no Diario da Tarde é aproveitar um veiculo indispensavel á sua propaganda”.	10/07/1949
“O cuidado constante com o seu automóvel ou caminhão reverterá em anos de vida e de bons serviços – Serviço Preventivo Ford”.	14/12/1952
“Dentaduras das mais modernas e apropriadas – Lopes Cançado”.	29/03/1953
“Baralho para tirar sorte da afamada cartomante Lenormand de Paris”.	05/07/1953
“Sociedade Planeta Limitada – Maquinas industriais, agricolas, motores”.	25/12/1953
“Ajuda a salvar a vida do teu semelhante, indo, hoje mesmo, á Santa Casa de Misericordia doar o teu sangue”.	25/12/1953
“Detective – A mais completa revista policial – Impróprio para menores até 18 anos”.	03/10/1954
“Cia. de Terras Norte do Paraná – Lotes agrícolas, chacaras e datas urbanas”.	30/10/1955
“Laboratorio Santa Maria – Diagnostico rapido de gravidez”.	15/01/1956
“A ‘Auto Peças Brasileira Ltda’ á avenida Pedro II, n. 990, leva aos seus amigos e fregueses os melhores votos de felicidades augurando-lhes um feliz ANO NOVO”.	01/01/1956
“Máquinas para fabricação de tijolos de qualquer tipo – FORMAC S.A. – Fornecedora de Maquinas”.	01/01/1956

O TEU SANGUE PODE SALVAR UMA VIDA
Queres iniciar o teu dia realizando uma obra
meritoria? Procura o Banco de Sangue da Santa
Casa e deposita a tua colaboração.

O cuidado constante com o seu automóvel ou caminhão reverte em anos de vida e de bons serviços. A lubrificação periódica é um deles — e dos mais sérios! Para a lubrificação do seu Ford, procure um Revendedor Ford. Ele segue estritamente as recomendações do fabricante, para manter o motor, caixa de câmbio, diferencial e chassis perfeitamente protegidos por uma lubrificação racional!

SERVIÇO PREVENTIVO

Fig. nº 29 - Publicidade pertencente à categoria 2: anúncios destinados a segmentos de público muito diferenciados, excluindo-se o infantil. (03/10/1954, 01/01/1956, 16/01/1955 e 14/12/1952).

Por último, no conjunto de anúncios que não se restringem a nenhum grupo específico, uma vez que podem ser identificados com um público diverso, incluindo adultos e crianças, podemos citar os seguintes exemplos (tabela 4 e fig. nº 30):

Tabela 4 - Anúncios que não se restringem a nenhum grupo específico.

Mensagem	Data
“Detenha a marcha da tosse – Hustenil em xarope e gotas”.	11/04/1948
“Pulmões fortes e desimpedidos – Cognac de Alcatrão Xavier”.	17/09/1950
“Dr. Adelmar Cadar – Ouvidos, nariz e garganta”.	26/10/1952
“Evite azia-acidez – Pó digestivo de Witt”.	25/12/1952
“Aprenda inglês sozinho – Cia. Brasil Editora”.	12/04/1953
“O BCG protege contra a tuberculose não só as crianças, mas o indivíduo de outras idades”.	08/11/1953
“Pedro Nunes Vieira Filho – Cirurgião dentista”.	21/02/1954
“Aveia Quaker – Ideal para qualquer idade”.	14/04/1954
“Contra a dor e o resfriado – Sarajá – Efeito rápido – Laboratorios Goulart”.	24/10/1954
“Curso pratico de portugues por correspondencia”.	07/11/1954
“Magnésia Fluida de Murray – Laxante Suave”.	01/01/1955
“Dr. Gustavo Brasil – doenças do coração”.	12/06/1955
“Laboratório Carlos Chagas – exames”.	26/06/1955
“Produtos de beleza Pindorama”.	03/07/1955
“Cacos, dedos doloridos? Alivio profundo – Zino-Pads Dr. Scholl”.	11/12/1955

Fig. nº 30 - Publicidade pertencente à categoria 3: anúncios que não se restringem a nenhum grupo específico, uma vez que podem ser identificados com um público diverso, incluindo adultos e crianças. (03/10/1954, 14/12/1952, 29/03/1953, 21/04/1955 e 01/01/1956).

Visto isso, percebe-se a diversidade de anúncios publicados e a variedade do público a quem se endereçavam. Tal fato permite aventar a possibilidade de que, para os anunciantes e, presumivelmente, com a anuência dos editores do jornal *Estado de Minas*, o *Gurilândia* não tinha sua circulação restrita às mãos infantis.

Nesse aspecto, é elucidativo o anúncio veiculado no dia 03 de outubro de 1954, que entre outras informações, destacava: “Detective – A mais completa revista policial – Impróprio para menores até 18 anos”. Qual seria a intenção de tal anúncio, se não a certeza de que o *Gurilândia* era lido/visto por possíveis consumidores da revista policial, maiores de 18 anos? E qual a intenção do anúncio do Carioca Hotel, situado no Rio de Janeiro, se não cativar adultos com um poder aquisitivo que permitiria tais viagens? E o que dizer do consumidor do anúncio da Emrepol, que salientava: “Ganhe dinheiro em sua própria casa – Aprenda a revelar suas fotografias e inicie uma profissão rendosa”? Poderia ser dirigido às crianças, ou não é mais provável que seria destinado a adultos que almejassem aumentar sua renda?

O fato central que nos interessa aqui destacar é que se pode tomar a diversidade de público a que se destinavam os anúncios veiculados no *Gurilândia* como um forte indício de que o suplemento infantil circulava por mãos infantis, jovens e adultas, masculinas e femininas. Ou seja, uma circulação familiar e escolar. Desse modo, fica claro que a publicidade veiculada no *Gurilândia* incluía, mas ultrapassava, o público infantil.

Com efeito, se os indícios presentes nos anúncios veiculados no próprio impresso não permitem encontrar o “leitor empírico”, ao menos permitem reconstituir quem era o leitor visado pelo anunciante ou mesmo pelos editores do jornal. Apesar de reconhecer que não se pode concluir que esse leitor visado seja o “leitor empírico” ou “de carne e osso”,⁹¹ tais indícios não podem ser desconsiderados.

Nesses termos, concluiu-se que o público visado pelo anunciante não se restringia às crianças, mas também incluía jovens e adultos. O estudo das seções do suplemento, no capítulo anterior, também apontou para uma circulação do *Gurilândia* que não se limitava ao público infantil.

O anúncio de produtos/serviços tão diversificados em uma publicação infantil também permite a formulação da hipótese de que o *Gurilândia* representava um espaço mais barato para os anunciantes do jornal *Estado de Minas*. Nessa perspectiva, a área da publicidade no

⁹¹ Classificações utilizadas, entre outros, por Chartier (1996).

suplemento infantil seria ocupada por produtos e serviços variados que aproveitavam um espaço menos visado no jornal. Assim, a fim de aproveitar um preço mais em conta, os anunciantes optariam pelo *Gurilândia*, ainda que, à primeira vista, os produtos ou serviços anunciados não combinassem com o público da publicação em questão. Essa hipótese reforçaria a idéia de fragilidade do suplemento infantil nas prioridades do jornal *Estado de Minas*.

De qualquer modo, a publicidade analisada nos permitiu visualizar de que modo a infância se constituiu, naquele momento, como destinatária e justificativa do consumo de alguns produtos. Sem olvidar que a publicidade também participa da construção de imagens, temos, no caso específico da infância, o objetivo de formação de uma criança saudável física e mentalmente, apta a obter o sucesso escolar que, por sua vez, iria garantir um sucesso profissional. A imagem de uma criança saudável seria resultado, além da ação dos produtos veiculados, da ação da família, notadamente da figura materna.

Tendo essas indicações em mente, passaremos ao quarto capítulo, onde as informações de produção, circulação e uso do *Gurilândia* serão englobadas na tentativa de entender esse suplemento enquanto um conjunto orgânico, evidenciando suas características mais marcantes.

IV – As intencionalidades do *Gurilândia*:

A escola, a Pátria e a Igreja

“A escola é o berço da civilização dos povos. É nela que se desenvolvem os grandes sábios e os mais célebres talentos. [...] A escola nos traz muitos prazeres, mas nos dá, também, momentos de amargura. Quando, porém, atravessamos um destes momentos, devemos lembrarmos de que Jesus caminhou sobre espinhos para alcançar o Céu. Assim, nós, os mortais, devemos passar pelo caminho do sofrimento para, finalmente, alcançarmos o nosso ideal. E qual o nosso ideal senão chegarmos a ser úteis a Pátria?” (Composição da “sobrinha” Maria de Lourdes Vieira, Gurilândia, 29/01/1950).

Neste capítulo serão evidenciadas algumas características marcantes do *Gurilândia* ao longo do período pesquisado. Destaca-se, no conjunto dos números analisados, a predominância de uma preocupação em formar um leitor comprometido com os estudos e com a pátria, em um primeiro plano, e com a Igreja Católica de modo menos intenso.

Também será focalizado o conteúdo destinado aos professores, de teor marcadamente escolanovista. Com relação a esse aspecto, serão demonstrados os pontos de convergência entre o suplemento e a *Revista do Ensino* e a *Escola de Aperfeiçoamento*, dois importantes instrumentos de formação do professorado mineiro naquele momento.

4.1 – O *Gurilândia* e as escolas mineiras: evidências de um projeto educativo

De posse dos principais aspectos revelados na análise das seções do *Gurilândia*, fica evidente que o constante caminhar sobre uma linha educativa foi uma marca constitutiva da proposta desse suplemento. Desse modo, é patente que a publicação incluiu, mas ultrapassou, a mera recreação. Para subsidiar essa proposta, presente em todo o período pesquisado, optou-se por um estreitamento do vínculo com as instituições escolares. No limite, essa proposta incluiu duas seções direcionadas explicitamente aos professores.

Exploraremos, portanto, de que modo a intenção educativa constituiu uma questão cara ao *Gurilândia*.

Como já observado no primeiro capítulo, em meados do século XX muitas publicações infantis sofreram uma forte oposição (do Estado, da Igreja, da escola e dos pais) a respeito de seu conteúdo. Essas publicações, marcadas pela veiculação de histórias em quadrinhos estrangeiras,

foram taxadas de “deseducativas” e “perniciosas”. Outras publicações, seja por convicção ou para escapar dessa rejeição, optaram por veicular conteúdos tidos como “saudáveis”. Para elas, a aproximação com a escola era o caminho mais seguro para se conseguir respeitabilidade e legitimidade, principalmente de pais e professores, importantes mediadores desse tipo de produção. Inseridos nesse caso, podemos citar: *O Tico-Tico*, *Sesinho*, *Era uma vez* e *Gurilândia*.

Assim, apesar de incluir apelos à recreação, o suplemento do *Estado de Minas* orientou-se, claramente, por uma aproximação com os saberes e com o interesse pedagógico escolar. Ao lado de seções com uma pretensão predominantemente recreativa (“Aprenda a desenhar”, “Para você colorir”, “Histórias em quadrinhos”, “Curiosidades”, “Faça seu brinquedo”), o *Gurilândia* veiculou uma grande parte de conteúdo com interesses educativos e, em alguns casos, marcadamente escolares (“Conversas do Tio Mario”, “Teste Gurilândia”, “Perguntas da semana”, “Concursos de composições”, “Colaborações dos sobrinhos”, “Concurso Gurilândia”, “Enciclopédia Infantil”, “Textos literários”, “Textos informativos”, “Biblioteca”, “Grandes homens”, “Regras de higiene”, “História das músicas” e “Riquezas do Brasil”).⁹²

É interessante perceber como as crianças que tiveram suas composições e cartas publicadas no suplemento se referiam quanto a esse aspecto educativo. Deve-se ressaltar que esses textos podem tanto representar a percepção destas crianças, quanto indicar um sentimento do adulto que é expresso por meio dela:

Ao querido Tio Mario
Com carinho e gratidão
Manda-lhe sua sobrinha
Um abraço e um aperto de mão

Nós crianças pequeninas
Compreendemos o seu valor
Gostamos da pagina Gurilândia
Como gostamos do senhor

Nesta instrutiva pagina
Publicaram composições
Desenhos, concursos, histórias
Que aproveitamos como lições. (07/11/1948).

Perdemos o nosso amigo Monteiro Lobato, mas Deus pela sua bondade infinita nos deixou o Tio Mario, para o nosso consolo. Oxalá, que a vossa vida se prolongue por muitos anos, para que continui na grande obra do ensino a todas as crianças do Brasil. (14/11/1948).

⁹² Para uma melhor compreensão das seções que constituíram o *Gurilândia* no período pesquisado, conferir o segundo capítulo deste trabalho.

No poema, de autoria de Cleusa Maria Lima, de 10 anos, para além do afeto que ela demonstra por Tio Mario, é importante sublinhar o modo como a leitora define o *Gurilândia* (“instrutiva pagina”) e o modo como se apropria de seu conteúdo (“aproveitamos como lições”). Já no trecho da carta, escrita por José Isaias Martins, da localidade de Barra Grande, pertencente ao município de Mesquita, percebe-se a associação, comum pelos leitores do suplemento, entre Monteiro Lobato e Tio Mario. É elucidativo o trecho em que o leitor se refere ao trabalho deste último como “grande obra do ensino a todas as crianças do Brasil”.

Logo nos primeiros números de *Gurilândia*, o diálogo com as instituições escolares já aparece articulado, como demonstra esta passagem, veiculada no oitavo exemplar do suplemento:

Nas próprias classes escolares algumas professoras tem tomado a iniciativa de fazer desta pagina motivo de composições para os alunos, os quais discorrem sobre o “Teste Gurilândia”, as educativas “Conversas do Tio Mario” e o “Grande Concurso Gurilândia”. (21/03/1948).

Os diversos convites recebidos por Tio Mario para visitar escolas, ou mesmo para ceder seu nome para clubes de leitura de várias cidades de Minas, apontam para a imbricada relação do *Gurilândia* com as instituições escolares. Como ilustração do primeiro caso, temos a visita de Tio Mario/Celso Brant a uma cidade do interior de Minas, onde, além de palestrar sobre um de seus assuntos preferidos, aproveitaria para visitar os grupos escolares locais:

Conferencia do Tio Mario em Itauna
Atendendo a gentil convite do Gremio Castro Alves, do Ginasio Santana, de Itauna, tio Mario pronunciará, no proximo domingo dia 21, naquele estabelecimento de ensino, uma conferencia sobre o tema – “O legado de Tiradentes”. Aproveitando o ensejo, de sua estada em Itauna, tio Mario visitará varios grupos locais. (17/04/1949).

A escolha do nome de Tio Mario para diversos clubes de leitura merece um olhar atento (fig. nº 31). A criação desses clubes, de inegável popularidade nas décadas de 1940 e 1950, se deu num esforço de incentivar a leitura dos alunos.⁹³ Em uma publicação da Secretaria da

⁹³ Sobre os clubes de leitura, observa Gomes (2008): “Dentre as propostas desenvolvidas em complementação ao Programa de Ensino oficial [capitaneado pelo Secretário do Interior do Estado de Minas Gerais, Francisco Campos, e promulgado em 1927], têm-se a criação por meio do decreto N.7970-A as *Instituições Complementares da Escola*: os Clubes de Leitura, os Auditoriuns, o Pelotão da Saúde, o Escotismo, as Excursões, a Horta, etc, práticas fundadas com o propósito de concretizar os princípios modernos de escolarização, projetando a escola para os espaços urbanos e desenvolvendo a cidadania. As *Instituições Escolares*, como eram também denominadas, buscavam imprimir uma escola ativa tendo em vista a formação do aluno identificado com os princípios cívicos e morais, pautada nos valores culturais e intelectuais [...]” (p. 49-50).

Educação do Estado de Minas Gerais, intitulada *Clubes de Leitura* e de autoria de Anita Fonseca, Abgar Renault, encarregado de seu prefácio, argumenta que

Uma escola sem livros é uma impossibilidade como um organismo sem órgãos. Mas a biblioteca necessita, ela também, de instrumentos especiais para o funcionamento correto e eficaz. O mais importante dêles é o clube de leitura, cuja difusão em nossos estabelecimentos de ensino primário é um dever da administração apoiar e estimular vivazmente. Eis por que deliberamos incluir na ‘Coleção Pedagógica’ desta Secretaria um livro capaz de ser, ao mesmo tempo, uma exposição da importância desse elemento da biblioteca escolar e um roteiro do seu funcionamento e da sua utilização. (Fonseca, 1950, p. X-XI).

Nessa obra, Anita Fonseca dissecou, didaticamente, a organização e o funcionamento dos clubes de leitura. No item intitulado “Da escolha de patrono”, a autora aponta os critérios que deveriam guiar essa escolha:

Fundado o clube de leitura, logo as crianças cogitam de escolher um patrono para o mesmo. [...] Comumente, encontram-se nos clubes de leitura as denominações de Tiradentes, Bárbara Heliodora, Menino de Jesus, Sta. Joana Darc, S. Geraldo, S. Tarcísio, etc.. Conquanto sejam personagens indiscutivelmente dignas das homenagens das crianças, parecem-nos mais adequados aos clubes de leitura os nomes dos vultos que mais se salientaram na literatura, poetas ou prosadores – de preferência nacionais, ou, ainda, os de professores e educadores eméritos. [...] Respeitada sempre a preferência dos alunos, devem, no entanto, as professoras guiá-los, a fim de que a escolha recaia num patrono cuja atividade na vida mais se coadune com o caráter da instituição fundada. (Fonseca, 1950, p. 18-20).

Tendo em vista que o principal objetivo de um Clube de Leitura é “melhorar a leitura dos alunos, despertando-lhes o gosto da boa literatura e aperfeiçoar-lhes a linguagem falada e escrita” (Ibid., p. 08), a escolha de Tio Mario como patrono reforça a imagem do *Gurilândia* como uma publicação de leitura, destinada a uma criança-leitora ou criança-aluno. Como visto anteriormente, o destaque adquirido pelos textos literários, em primeiro lugar, e os textos informativos, de modo um pouco menos intenso, constituíram a “cara” desse suplemento.

Fig. nº 31 –O principal personagem de *Gurilândia* foi homenageado, numerosas vezes, cedendo seu nome para clubes de leitura e bibliotecas em todo o estado. (08/03/1953, 03/05/1953, 22/05/1949 e 03/07/1949).

Assim, a escolha de Tio Mario não contraria a orientação de Fonseca (1950), que propunha um nome “cuja atividade na vida mais se coadune com o caráter da instituição fundada”. As atividades desenvolvidas por Celso Brant, para além do *Gurilândia*, também podem ter colaborado para essas escolhas, como a direção de uma revista de sucesso no cenário literário mineiro (*Revista Acaiaca*) e seus livros publicados. A respeitabilidade advinda de uma aura de intelectual precoce pode, igualmente, ter influenciado no trânsito fácil nas escolas e nos clubes de leitura por parte de Tio Mario/Celso Brant.

Contudo, a razão principal para a escolha do nome de Tio Mario para os Clubes de Leitura assenta-se, seguramente, no sucesso de *Gurilândia*. Se a escolha fosse motivada pela atuação de Celso Brant fora do suplemento, esses clubes levariam o nome real do diamantinense, e não o nome do personagem criado para essa publicação.

As leituras autorizadas nos Clubes de Leitura, conforme observado por Gomes (2008), visavam “à propagação dos conhecimentos através da literatura de cunho patriótico e moralizante que difundia discursos de exaltação aos homens notáveis da nossa história, o ufanismo e o respeito pela nação” (p. 66-7). O conteúdo veiculado pelo *Gurilândia* indica uma convergência com esse propósito, o que contribui para entender a afinidade do suplemento, na figura de Tio Mario, com essa atividade escolar.

Vale citar uma carta da “sobrinha Lourdes Lara Rodrigues, aluna da professora Maira Delfina de Souza”, da cidade mineira de Ipanema, que comunica a escolha de Tio Mario como patrono do Clube de Leitura da qual é presidente. Em seguida, temos uma carta sobre a “Biblioteca Tio Mario” no Grupo Escolar Sandoval de Azevedo:

Bondoso Tio Mario, o meu abraço. Tenho o prazer de enviar-lhe esta, a fim de comunicar-lhe que sou presidente do clube de leitura que tomou o seu nome. Por esse motivo, venho pedir-lhe seu retrato e dados biográficos. O nosso clube é muito pobre e não temos livros de histórias e fazemos um pedido ao senhor para nos mandar uns suplementos do Estado de Minas. [...] Bem, Tio Mario, em nome da minha professora e

colegas, anticipo meus sinceros agradecimentos e fico à espera do que lhe pedi. Muito grata, despede-se a sobrinha dedicada. (12/09/1948)

[...] Somos admiradores de sua pagina, cheia de distrações que enriquecem dia a dia nossos conhecimentos. Temos colegas que até colecionam pedaços de sua secção. Demos o nome a nossa biblioteca de Tio Mario. [...]. 2º ano de D. Cleopatra Pinheiro Garrido – Belo Horizonte. (03/05/1953).

Continuando no estudo da vinculação do *Gurilândia* com as escolas, temos, na seção “Carta ao Tio Mario”, o relato de uma aluna de Abaeté, em que se conta que os alunos só travaram contato com esse suplemento por intermédio da professora. Esse fato, dentre outros, ilustra a circulação e o uso escolar dessa publicação.

Hoje é que tivemos a oportunidade de saber como todas as crianças de Minas enviam tantas e tão boas composições para o senhor. Sentimos não o haveremos conhecido há mais tempo para nos instruímos mais e tomar parte nos seus concursos proveitosos. Mas só hoje é que D. Miriam trouxe o jornal e leu para nós todas as composições dos outros meninos. Ficamos muito contentes. Queremos imitar o exemplo dos seus outros sobrinhos, enviando também lindas composições e colaborar com o Sr. no que nos for possível. Nós, os 30 alunos desta classe, desejamos ser incluídos na lista de seus sobrinhos. Aceite em nome do 3º ano um forte abraço. (14/11/1948).

Outro ponto que fortalece a aproximação do suplemento do *Estado de Minas* com as instituições escolares refere-se à necessidade de indicação do nome da escola (ao lado do nome do leitor, cidade e idade) na participação do “Concurso Gurilândia”. Também era bastante comum que as referências à escola e à professora acompanhassem as “Colaborações dos sobrinhos”, “Album do Tio Mario” e “Quadro de Honra”.

Em 1955, em mais uma demonstração do vínculo constituído entre o suplemento e as escolas mineiras, Tio Mario comenta que, em virtude “das provas semestrais de língua pátria”, a Escola 12 de Dezembro, de Belo Horizonte, organizou um concurso de redações e “prometeu-se aos alunos que a melhor composição de cada classe seria publicada em ‘Gurilândia’, o que hoje fazemos com satisfação”. (18/12/1955).

É claramente perceptível a tentativa de vinculação do suplemento com os conteúdos escolares também em “Conversas do Tio Mario”. Nessa seção, cabia ao “bondoso tio” explicar noções, especialmente de história e de literatura, aos seus sobrinhos. Em várias ocasiões, como as citadas abaixo, a escolha do tema a ser focalizado tem relação com o que está sendo trabalhado nas escolas, pelas professoras:

Paulo, Marisa e Joãozinho pediram ao Tio Mario para lhes dizer alguma coisa sobre a independência do Brasil, já que este é o tema de todas as aulas, nesta semana. (05/09/1948).

Joãozinho foi encarregado, pela sua professora, de fazer um trabalho sobre Silviano Brandão, o grande político mineiro, cujo centenário de nascimento transcorreu no dia 8 do corrente. Durante muito tempo andou ele revirando velhos livros, para ver se encontrava alguma coisa sobre o ex-presidente do nosso estado. Mas, tudo em vão. Por fim, teve de recorrer-se ao Tio Mario. (12/09/1948).

Minha professora nos mandou fazer uma composição sobre D. Pedro II, patrono do nosso grupo, e eu queria que o senhor me ensinasse, Tio Mario, alguma coisa sobre a vida do ultimo imperador do Brasil – disse Joãozinho ao Tio Mario. (11/04/1948).

O distanciamento do interesse meramente recreativo, que tem como resultado a aproximação com o conteúdo escolar, ainda pode ser evidenciado na proposta contida na seção “Tio Mario aos seus sobrinhos”. Convém recordar que essa seção pode ser compreendida como uma espécie de editorial do suplemento, tendo em vista sua localização na página (sempre no alto e ao centro) e por ser escrita pelo diretor da publicação, Celso Brant. Segue a orientação aos sobrinhos:

Queridos amiguinhos: como vocês têm lido, estamos fazendo, com Paulo, Marisa e Joãozinho, uma serie de conversas sobre os nomes mais significativos da historia da literatura brasileira. Já estudamos a vida e a obra de José de Anchieta, Gregório de Matos, Santa Rita Durão e Basílio da Gama. Iremos seguindo nesse roteiro, sendo nosso objetivo dar aos nossos queridos sobrinhos uma visão panorâmica da nossa literatura. Julgamos, pois, que não seria fora de interesse sugerir a vocês a idéia de vocês comecem a colecionar, desde já, essas conversas a fim de que, para o futuro, vocês tenham uma pequena história da mais importante expressão da cultura brasileira, que é a literatura. Vocês devem recortar cada domingo a conversa que sair e o questionário que a acompanha, e cola-los num caderno ou álbum especial. (17/10/1948).

A idéia de se constituir um caderno ou álbum com os recortes da seção “Conversas do Tio Mario” é mais um ponto que reforça o projeto educativo do suplemento. Nessa proposta, percebe-se que o objetivo é transformar os recortes do *Gurilândia* em algo próximo a um livro, dado o conteúdo similar, a fim de que o suplemento adquira uma dimensão de permanência, dimensão essa que caracteriza os livros, mas não os jornais.⁹⁴

Em outra demonstração desse projeto educativo, vale citar o texto publicado na seção “Tio Mario aos seus sobrinhos”. Além da definição por Tio Mario/Celso Brant da página do *Gurilândia* como “ao mesmo tempo educativa e atraente”, merece observação a menção a “crianças e professores”, em um indício dos leitores do suplemento:

Prezados amiguinhos

Como voces têm verificado, temos procurado dar á nossa página uma feição ao mesmo tempo educativa e atraente. Dia a dia Gurilândia ganha em interesse, o que se torna evidente pela atenção que merece de milhares de crianças de todo o Brasil. [...] Somos

⁹⁴ Cf. Frade (2000).

gratos a todos, crianças e professores, que nos têm enviado os seus aplausos pelo trabalho que vimos realizando no sentido da divulgação dos nossos temas. A todos solicitamos continuem a nos auxiliar, com suas preciosas sugestões. Manda-lhes a benção o Tio Mario. (22/08/1948).

Diante dessa menção a “crianças e professores”, deve-se problematizar o fato de que, embora destinado à criança, o *Gurilândia* demonstrou forte preocupação com a imagem que os adultos, leia-se pais e professores, tinham do suplemento. Essa questão pode ser observada em outras publicações infantis, como no caso d’O Tico Tico:

Elaborando gradativamente sua auto-imagem, os editores de O Tico Tico investiram em um veículo de expressão e comunicação social, aparentemente infantil, que raramente isolou o envolvimento e o engajamento do adulto. (Rosa, 2002, p. 108).

Prosseguindo essa idéia apresentada por Rosa (2002), tem-se que, no *Gurilândia*, várias composições e desenhos despertam um sentimento de dúvida quanto a sua autoria. De difícil comprovação, essa suspeita pode ser ilustrada por inúmeras “contribuições dos sobrinhos” em que é improvável não identificar a forte influência de adultos, como na redação de José Carlos Machado, de 10 anos de idade:

Ao cair da tarde quando o sol se inclina sobre as majestosas montanhas, osculando levemente os seus pincaros altaneiros, beijando docemente a brisa que passa embaladera sobre os harmoniosos gorgieios das aves que voam loucamente á procura de seus nichos. (05/09/1948).

A utilização de termos como “osculando”, “pincaros altaneiros” e “harmoniosos gorgieios”, improváveis para uma criança de 10 anos, corroboram a suspeita de que o *Gurilândia* circulava por mãos infantis e adultas, sendo especialmente manuseado por pais e professoras.⁹⁵ Essa suspeita fica ainda mais forte diante dos versos escritos por Maria Vitoria Amaral Moreira, da cidade de Brumadinho:

Meu querido Tio Mario
Uma coisa vou dizer
Pois até a gente adulta
Tem vontade de te escrever (25/07/1948).

Essa presença, embora disfarçada, dos adultos na produção das crianças é fruto da própria proposta do suplemento. Por meio de seu conteúdo tido como saudável, o *Gurilândia* buscou a simpatia de pais e professores, o que lhe garantiu acesso irrestrito nos lares e escolas. Assim,

⁹⁵ Esses fortes indícios de que a circulação do *Gurilândia* não se restringia ao público infantil são reforçados pela análise de suas seções (capítulo 2) e sua publicidade (capítulo 3).

embora destinado às crianças, o suplemento objetivou um diálogo constante com os adultos, seja de modo direto ou indireto, mais explícito ou mais dissimulado.

Nessa direção, é conveniente destacar um pouco mais essa aproximação do suplemento com os professores, o que, uma vez mais, torna claro o projeto educativo do *Gurilândia*.

Duas seções presentes no *Gurilândia* foram destinadas, de modo explícito, aos professores: “Artes dramáticas e ciências naturais” e “Ciências Naturais”, aquela assinada pela professora Elza de Moura⁹⁶ e esta assinada pelo professor H. Marques Lisboa. Nessa última seção, de ocorrência muito superior à primeira, além da veiculação de planos de aula e orientações aos professores, temos anúncios e referências a alguns eventos relacionados ao ensino de ciências naturais ocorridos em Belo Horizonte:

Algumas professoras alegaram dificuldades quanto às aulas de ciencias por não terem aprendido a ensinar as ciencias naturais. Outras, entretanto, narram com vibrante entusiasmo cenas ocorridas em suas classes pelos trabalhos dos alunos em ciencias naturais. Para as primeiras, as que precisam de auxilio extra-programa, alem das palestras ao sabado no Grupo Pedro II, podem ser dedicados os artigos da serie, que hoje aqui se inicia e que terá por fim especial esmiuçar o programa. (03/10/1954)

A professora Elza de Moura apresentou em uma das reuniões de professoras no Grupo Pedro II, o seguinte questionário para ser dado nas classes primarias do 3º serie [...] (19/09/1954)

Por ocasião da visita da Dra. Woodring, da Universidade de Columbia, ao Colegio Esabela Hendrix, foi planejada uma aula de botanica, em sua homenagem, rematada com pudim de tapioca. O plano foi o seguinte [...]. (26/09/1954).

Vale observar que a seção “Ciências Naturais” funcionou como um instrumento de formação docente, visto que nela eram apresentados e salientados os benefícios de uma determinada metodologia e prática pedagógica. Carvalho (2000) definiu como “caixa de utensílios” os impressos, populares em fins do século XIX e início do XX, que objetivavam fornecer aos professores “modelos de lições”, “roteiros”, “coisas para usar na sala de aula”. Não se trata, aqui, de querer comparar esses impressos com o *Gurilândia*, uma vez que o grau de diretividade e de intencionalidade dos primeiros são imensamente superiores. Contudo, a seção “Ciências Naturais”, ao propor que os professores seguissem uma determinada orientação

⁹⁶ Professora, ex-aluna da Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico, Elza de Moura foi “assistente oficiosa do professor H. Marques Lisboa, na cadeira de Didática de Ciências Naturais, no antigo Curso de Administração Escolar, colaborou na reforma do programa de ensino primário em 1953 e em 1965” (BH 100 anos, 1997, p. 37). No período pesquisado, Elza de Moura assinou apenas a seção “Artes dramáticas e ciências naturais”, de uma única ocorrência no ano de 1954. Contudo, após a saída de Celso Brant da direção do suplemento, Elza passa a ser co-autora da seção “Ciências Naturais”, ao lado do professor H. Marques Lisboa, e passa a assinar “Conversas com crianças de 8 a 13 anos”, seção de maior destaque do suplemento no final da década de 1950.

pedagógica, pode ser entendida como uma “caixa de recortes”, uma vez que seu conteúdo poderia, em algum momento e de alguma forma, ter uma utilidade aos docentes.⁹⁷ A seguir, selecionamos duas passagens dessa seção que testemunham a influência escolanovista e o objetivo de orientar os professores. Merece atenção o enfoque no comportamento desejado dos educadores e a farta referência a livros educacionais:

Ciências Naturais no Curso Primario – Prof. H. Marques Lisboa

Chuva

“A velha atitude de submissão, de medo e de desconfiança na natureza humana foi substituída por uma atitude de segurança, de otimismo e de coragem diante da vida. O método experimental reivindicou a eficácia do pensamento humano” - Anísio Teixeira. A lição sobre a chuva, sendo de observação, só poderá ser realizada quando estiver chovendo. A professora desperta a atenção das crianças para minúcias importantes frequentemente passadas despercebidas. O desenho será um auxiliar precioso. [...].

PROBLEMA: Como interessar os alunos por observações e raciocínios relativos à chuva?

1ª Atividade: Desenhar nuvens (em observação), telhados próximos a chuva, etc.

A) O convite às crianças para a observação das coisas corriqueiras e insípidas de um dia de chuva ganha eficácia e vibração, quando se apela para o desenho, especialmente se entrarem em cena os lápis de cores. Temos porém de prestar atenção em evitar fantasias, pedindo a reprodução exclusiva do que estiver sendo visto e não de coisas imaginosas. [...].

O professor pede aos alunos que escolham as representações mais fiéis como sendo as melhores e não as mais artísticas.

Deverá animar os mais fracos, focalizando, nos croquis menos felizes, algumas minúcias que mereçam ser elogiadas. Não deixar que surja o desânimo. [...].

O professor pode pedir que os alunos, em suas casas, prestem atenção em como os pais e outras pessoas se protegem contra as chuvas, para trabalhos na próxima aula. (21/08/1955).

Ciências Naturais no Curso Primario – Prof. H. Marques Lisboa

Chuva – Trabalhos manuais, canto e dramatizações

Como nos proteger contra a chuva

1ª PARTE – Preparação

APRESENTAÇÃO: A escola nova, sendo baseada na atividade pessoal, supõe a mais estreita associação possível do estudo intelectual com o desenho e os trabalhos manuais.

CONSULTA AO PROGRAMA: Costura, recortes e dobraduras – Essas atividades poderão constituir trabalhos manuais interessantes para os dias subsequentes, provocando-se em dramatizações a lembrança das mudanças forçadas pela chuva no vestuário dos pais, da mãe e de outras pessoas, apresentando-se capas, guarda-chuvas, galochas, etc., e os resfriados devido à proteção defeituosa ou inexistente. [...].

CONSULTA AOS MESTRES: Corinto da Fonseca, em “A escola e os trabalhos manuais”, diz, reportando-se aos seus diagramas: “Os trabalhos manuais, ao que se conclui desses diagramas, são um meio educativo geral”. [...].

CANTO: Braunschig, em “A arte e a criança”, a propósito do canto, afirma o seguinte: “[...] Visto que o canto ocupa um tal lugar na vida, não é natural que se lhe conceda também um grande lugar na educação da criança?”. [...].

⁹⁷ Denominação sugerida por Diana Vidal no exame de qualificação desse trabalho, tendo em vista que o termo “caixa de utensílios” assemelha-se a um “receituário”, sendo muito mais dirigido do que o verificado na seção “Ciências Naturais”.

UM PLANO DE AULA: Podemos promover a realização de atividades relativas a nossa proteção contra as chuvas, promovendo uma aula de desenhos, cortes, e costuras, dobraduras, bordados, etc, acompanhadas de cantos regionais, folclóricos ou outro. [...]. Vejamos, em uma ficha, um exemplo de “Plano de aula”, na próxima publicação. (23/10/1955).

O projeto educativo levado a cabo pelo *Gurilândia* fica ainda mais nítido quando se percebe que pessoas vinculadas à *Revista do Ensino* e à *Escola de Aperfeiçoamento*, possivelmente as principais responsáveis pela formação de professores mineiros naquele período, contribuíram com regularidade nesse suplemento infantil.⁹⁸ A importância dessa revista e dessa instituição são assim descritas por Biccás (2008) e por Lúcia Casassanta:

Ela [A Revista do Ensino] pode ser considerada como o impresso pedagógico oficial mais representativo da história da educação mineira, não só pelo seu longo ciclo de vida, mas pelo papel significativo no processo de formação de professores e de conformação do campo educacional mineiro. (Biccás, 2008, p. 15).

O diploma da Escola de Aperfeiçoamento acabou também por se tornar o mais confiável atestado de competência pedagógica. [...] A Escola de Aperfeiçoamento, diz Lúcia, me faz lembrar aquela árvore da mitologia grega que ungia com seu aroma e com sua resina os transeuntes que por ela passavam, tornando-se lúcidos e fortes, além de conhecedores da verdade para a solução de seus problemas. (Souza, 1984, p. 49).

Podemos citar alguns nomes que publicaram contos ou mantiveram seções no *Gurilândia* e que, também, publicaram artigos ou textos na *Revista do Ensino* ou foram professores ou alunos da *Escola de Aperfeiçoamento*: Abgar Renault, Anita Fonseca, Brant Horta, Djalma Andrade, Elza de Moura, H. Marques Lisboa, Lindolfo Gomes, Olavo Bilac, Monteiro Lobato, Theobaldo Miranda Santos e Viriato Corrêa.

Essa aproximação do suplemento infantil do *Estado de Minas* com a *Revista do Ensino* e a *Escola de Aperfeiçoamento* ganha mais notoriedade uma vez que tanto a revista quanto a escola são criações oficiais do Estado. Biccás (2008) põe em evidência o fato de que os frutos da *Escola de Aperfeiçoamento* deveriam, e não raro eram, direcionados para a *Revista do Ensino*, destacando a complementaridade que, em determinadas épocas, caracterizou a relação desse impresso com a escola. É instigante imaginar que o *Gurilândia*, em alguns momentos, se guiou por critérios muito próximos aos dois instrumentos oficiais de formação de professores de Minas Gerais.

⁹⁸ Tanto a *Escola de Aperfeiçoamento* quanto a *Revista do Ensino* articulam-se nas Reformas empreendidas por Francisco Campos enquanto Secretário do Interior do Governo Antônio Carlos na segunda metade da década de 1920, haja vista que a primeira foi criada e a segunda reformulada neste período.

Vale a pena sublinhar que a proposta da Escola Nova ocupa um lugar de particular importância tanto na *Revista do Ensino* e na *Escola de Aperfeiçoamento* quanto no *Gurilândia*. Referente à orientação explicitamente escolanovista presente na revista e na escola, escreve Biccás (2008):

A Revista do Ensino foi inserida nas escolas e grupos escolares, passando a se constituir como um canal de comunicação direto entre Diretoria de Instrução Pública e professores, transformando-se em uma importante estratégia para ganhar adesão destes à proposta escolanovista que estava sendo anunciada. (p. 45).

[...] Escola de Aperfeiçoamento, criada para formar uma elite de professores que teriam por tarefa transformar as escolas mineiras, introduzindo as bases da Escola Nova. (p. 58).

No que diz respeito ao *Gurilândia*, as evidências da orientação escolanovista ficam patentes na seção “Ciências Naturais”, assinada por um professor da *Escola de Aperfeiçoamento* e autor de um artigo publicado na *Revista do Ensino*.⁹⁹ É digno de nota a assiduidade dessa seção a partir de 1952, totalizando 117 ocorrências, o que a coloca como uma das principais seções do suplemento na segunda metade do período pesquisado. Algumas citações presentes nessa seção dirimem qualquer dúvida a respeito do teor escolanovista de seu conteúdo:

“Entre a medicina de Hipócrates e Galeno e a medicina moderna, há, para quem buscar um ponto de vista bastante elevado, sequências e harmonias irrefutáveis. Nem por isso, entretanto, alguém cuida poder hoje reviver os métodos errôneos ou empíricos daqueles primeiros tempos. Pois existe tanto uma educação nova quanto uma nova medicina ou uma nova engenharia. Em todos os tempos o homem se esforçou para curar e se esforçou para construir. Mas, dia para dia, transformaram-se os recursos e os instrumentos e, dia para dia, a medicina e a engenharia se renovaram, como se vai renovando hoje a educação”. Anísio Teixeira. (03/10/1954).

“O saber deve basear-se na própria observação e não na informação alheia”. Rousseau. (29/05/1955).

“A classe é uma oficina e não um lugar onde ouvem as lições”. Sem autoria. (10/07/1955).

“Se brincar corresponde a uma necessidade constante da criança, que auxiliar precioso não será para o educador que saiba servir-se disso?”. Claparède. (23/10/1955).

“Que ele nada saiba porque lhe disseram, mas porque ele o compreendeu”. Afrânio Peixoto. (08/02/1953).

É interessante que a temática da ciências naturais, uma das mais recorrentes no suplemento, também mereça uma seção direcionada aos professores. Helena Antipoff, figura decisiva tanto na *Escola de Aperfeiçoamento* quanto na *Revista do Ensino*, coordenou uma

⁹⁹ O artigo publicado na *Revista do Ensino*, datado de 1934, intitulava-se “O ensino da Biologia nos Grupos Escolares”. Cf. www.usp.br/niephe/bancos/rvemg_intro.asp.

pesquisa sobre os interesses das crianças de Belo Horizonte em assuntos variados.¹⁰⁰ Realizada em 1929 e publicada em 1936, o estudo chegou a conclusão de que “Arithmetica” e “Lingua Patria” configuravam os trabalhos preferidos dos alunos nas escolas. A respeito dessa preferência das crianças, Antipoff levanta a hipótese de que o ensino das “disciplinas concretas” (história, geografia e história natural) não estaria vinculado com as modernas concepções de ensino.

Notamos na distribuição das preferencias um facto assaz surprehendente: As duas materias formaes, mais abstractas do ensino – a arithmetica e a lingua patria com seus exercicios de grammatica e de analyse sobrelevam, e muito, as materias concretas, como a historia, a geographia, a historia natural, occupando estas ultimas no quadro, respectivamente, apenas o 3, o 5 e o 8 logar. Essas tres materias não são acaso cheias de vida, de narrativas attrahentes para as creanças, a respeito das conquistas, das viagens, das observações curiosas sobre os costumes e sobre o habitos dos homens e dos animaees? Nossa modestissima conjectura nos faz suppor que as preferencias das creanças se encaminham menos para as materias propriamente ditas do que para o methodo de ensinal-as; ao passo que o ensino da arithmetica e da lingua patria foi, nestes ultimos tempos, radicalmente renovado e concretizado, o ensino das disciplinas concretas permanece ainda muitas vezes estativo e consiste, em grande parte, em fazer armazenar pela memorização nomes, datas, classificações, etc. (Antipoff, 1936, p. 291).

Embora referente a um período posterior, o fato de que foi justamente ciências naturais a única temática que mereceu espaço no *Gurilândia* destinado à orientação de professores não pode ser negligenciado. Também o fato de que Elza de Moura e Marques Lisboa, ligados à *Escola de Aperfeiçoamento*, se encarregaram de seções com o propósito de formação do professor em ciências naturais permite supor que uma carência na prática docente dessa temática, insinuada por Antipoff, ainda se fazia verificar no início da década de 1950. Mais que isso, essa ocorrência reforça a idéia, fruto principalmente da circulação das pessoas, da proximidade do suplemento infantil do *Estado de Minas* com a *Revista do Ensino* e a *Escola de Aperfeiçoamento*.

Dada a influência católica do *Gurilândia*, que será analisada mais adiante, e tendo em vista o ideário escolanovista que o orientou, vale mencionar Biccas (2008), que argumenta que existiu, em Minas Gerais, um “tipo de ‘escola nova católica’” (p. 65).¹⁰¹ Desse modo, percebe-se

¹⁰⁰ Tal pesquisa esteve vinculada ao Museu da Criança e constituiu em um inquérito aplicado a 760 alunos do último ano primário da capital mineira. As seguintes perguntas compuseram a investigação: “Qual o trabalho que prefere na escola? Qual o trabalho que prefere em casa? Qual o seu brinquedo preferido? Qual o livro ou a historia de que V. mais gosta? Com que pessoa queria V. parecer-se? Por que? Quando fôr grande, o que quer ser? Por que? Que presente quereria receber no dia do seu aniversario? Si V. Tivesse muito dinheiro, que faria delle?” (Antipoff, 1936, p. 288).

¹⁰¹ Sobre a relação entre Escola Nova e Igreja Católica em Minas Gerais, aponta Prates (1989): “É peça de raro interesse o discurso de Mário Casasanta, Inspetor Geral da Instrução, como paraninfo das normalistas de 1928 do Colégio Sagrado Coração de Jesus, colégio católico. Falando sobre ‘A Pedagogia de Jesus Cristo’, Mário Casasanta discursou, tentando mostrar como o próprio Cristo, antes de todos, defendeu e aplicou pontos de vista e idéias pedagógicas da escola renovada” (p. 124-5).

que, também no suplemento infantil, a combinação do catolicismo com as concepções escolanovistas não foi conflituosa.

Diante do que foi apresentado neste tópico, em que ficou patente o vínculo estreito do *Gurilândia* com as escolas mineiras, e igualmente com os saberes e práticas escolares, percebe-se com que força a escola expandiu seu prestígio e autoridade, influenciando uma produção cultural infantil.¹⁰² Nota-se, portanto, como “a ação escolar fez-se sentir além de seus ‘muros’, irradiando para o conjunto da sociedade, constituindo-se em referência importante para a definição de identidades pessoais e coletivas, públicas e privadas, políticas e profissionais, dentre outras” (Faria Filho e Sales, 2002, p.246).

Assim, é importante frisar que a publicação infantil do *Estado de Minas* foi alvo de uma escolarização, entendida em sua acepção ampla, ou seja, a escolarização enquanto “o processo e a paulatina produção de referências sociais tendo a escola, ou a forma escolar de socialização e transmissão de conhecimentos, como eixo articulador de seus sentidos e significados” (Ibid., p. 247). Seções e categorias como “Conversas do Tio Mario”, “Teste Gurilândia”, “Escola”, “Concurso Gurilândia” e “Ciências Naturais”, entre outras, ilustram a escolarização do conteúdo do suplemento. Conforme será visto posteriormente, essa característica constituiu a especificidade do *Gurilândia* em relação às outras publicações congêneres daquele período.

Contudo, se por um lado o *Gurilândia* se orientou pela proximidade com o saber e as práticas escolares, moldando seu conteúdo para uma aceitação nas escolas mineiras, vivenciava-se um momento em que também as instituições escolares ansiavam por um diálogo com a imprensa escrita, desejando um contato com exercícios mais atraentes aos alunos. Gomes (2008) aponta que em meados do século XX a escola passou a se utilizar da imprensa, inclusive dos suplementos infantis, como recursos pedagógicos:

Vê-se que, nas décadas de 1930-1950, com a busca de exercícios atraentes aos alunos, a escola transforma a atividade de recorte de figuras e de notícias em prática escolar, traz o discurso jornalístico para dentro da sala de aula e coloca o aluno em contato direto com leituras sobre as recentes transformações do país. Nessa perspectiva entende-se a importância da utilização da imprensa, dos periódicos, das revistas, dos suplementos infantis como recursos pedagógicos utilizados na organização das tarefas escolares que mostram como esses discursos direcionavam os interesses das atividades escolares. (p. 112).

¹⁰² Embora defendam pontos de vista específicos, e em muitos aspectos divergentes, cabe ter em conta que, grosso modo, os pesquisadores não negam a interpenetração entre a cultura escolar e a sociedade. Cf. Vidal et al. (2004).

Nessa perspectiva, o vínculo entre o *Gurilândia* e as escolas mineiras parece ter sido favorável a ambos. Para o suplemento, significou legitimidade e credibilidade, dado que contou com a anuência de professores para seu conteúdo tido como “saudável”. Para as escolas, significou a possibilidade de um conteúdo mais atraente para os alunos, mas que, ao mesmo tempo, não rompia com suas convicções e propósitos.

4.2 – Representações veiculadas no Gurilândia: padrões de comportamento e conduta

Este tópico abordará, à luz da categoria de *representação* de Chartier (1990), as representações de crianças presentes no *Gurilândia*. Convém destacar que essa categoria, segundo o pesquisador, permite uma análise sobre as formas pelas quais os homens dão inteligibilidade ao mundo social em que estão inseridos, visto que ela é um estatuto de organização desse mundo.¹⁰³

Inicialmente, é importante fazer referência a três personagens do suplemento: Paulo, Marisa e Joãozinho. Apresentados como sobrinhos do Tio Mario, são essas três crianças que constroem o enredo da seção “Conversas do Tio Mario” e, ocasionalmente, assinam ou protagonizam outras seções e textos do suplemento. Assim, vale ressaltar o lugar ocupado por elas: são “sobrinhos reais” do Tio Mario, enquanto todos os outros leitores, apesar de serem tratados como “sobrinhos”, não gozam do convívio e da familiaridade da mesma forma que os três.¹⁰⁴ Desse modo, pode-se inferir que Paulo, Marisa e Joãozinho são “invejados” pelos leitores do *Gurilândia*, uma vez que podem conviver com um tio tão “bondoso” e “sábio”, que é o modo como Tio Mario é tratado e retratado nas diversas seções do suplemento.

Visto isso, cumpre assinalar uma passagem em que se menciona onde estudam Joãozinho e Paulo:

Já há muito que Joaozinho vinha implicando com o nome de Pasteur que havia lido na placa de uma pequena avenida que existe atrás do Grupo Escolar Dom Pedro II, onde está estudando. Por fim, resolveu a indagar do Paulo, que já cursa o 4º ano da série ginásial, no Colégio Arnaldo, que significa aquele nome. Paulo, que é bom em história, não teve dificuldade. [...] Tio Mario não mais falou sobre Pasteur, por quem sempre teve uma grande admiração, por estar na hora de os meninos seguirem para a aula particular de inglês que estão tomando, desde a semana passada. (24/08/1952).

¹⁰³ É relevante a advertência de Chartier (1990): “As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social [...], muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais” (p. 17).

¹⁰⁴ A partir de agora, utilizaremos, para efeito de compreensão, o termo sobrinho quando nos referirmos a Paulo, Marisa e Joãozinho, e o termo sobrinhos-leitores para as crianças-leitoras do *Gurilândia*.

Como visto no segundo capítulo, as duas instituições escolares citadas coincidem com os locais onde Celso Brant estudou. Deve-se mencionar, também, que constituem escolas tradicionais de Belo Horizonte, caracterizadas por atender, àquela época, um público oriundo das classes média e alta da sociedade mineira. A menção à aula de inglês dos sobrinhos com um professor particular corrobora para identificá-los com uma condição socioeconômica favorável.

Continuando a análise que fixa o olhar em Paulo, Marisa e Joãozinho, temos duas passagens que captam, ao mesmo tempo, o ambiente socioeconômico em que os sobrinhos estavam inseridos e também importantes elementos de seus comportamentos.

Tio Mario estava assentado na biblioteca; junto dele, Joaozinho folheava um livro e Paulo observava um mapa. Marisa, na sala de visitas, executava no piano o “Para Elisa”, de Beethoven. (26/09/1948).

Paulo lia atentamente a lição sobre a China. Mariza estava assentada e procurava tirar o estudo em dó menor, de Chopin. Joãozinho, assentado ao colo do Tio Mario, cochilava sonolento. (07/09/1952).

As menções à biblioteca e ao piano explicitam o acesso a bens materiais que, por sua vez, são estímulos ao crescimento intelectual e artístico dos sobrinhos. Cabe ter em conta que a realidade edulcorada pintada nessas passagens refere-se, certamente, a uma limitadíssima parcela das famílias mineiras naquele ou em qualquer outro período. Assim, o lugar de destaque ocupado pelos sobrinhos, já revelado pelo fato de poderem conviver com Tio Mario, ganha mais força quando essas questões são levantadas.

As passagens citadas também indicam elementos importantes do comportamento das crianças. Paulo ora folheava um mapa, ora lia uma lição. Marisa ora tocava Beethoven ao piano, ora executava Chopin. Joãozinho ora folheava um livro, ora cochilava sonolento. Esse ambiente harmonioso, difícil de ser imaginado com a presença de três crianças, revela os exemplos que deviam ser seguido pelos sobrinhos-leitores do Tio Mario. Observa-se que, mesmo quando a postura não é de estudo, ela continua sendo de ternura: “Joãozinho, assentado ao colo do Tio Mario, cochilava sonolento”.

A ênfase no bom comportamento dos sobrinhos, para além do respeito e admiração que demonstram para com seu tio, é ainda mais marcante na relação com os estudos. As representações dessas crianças no suplemento resumem-se a confirmar, a todo momento, seu compromisso e seu gosto para com os livros, as escolas e os professores. A passagem seguinte

reforça essa imagem, destacando o modo como os sobrinhos receberam a notícia de que teriam aulas de inglês nas férias, explicitando a centralidade que os estudos ocupavam em suas vidas:

Tio Mario arranhou para Paulo, Mariza e Joaozinho um professor de inglês. As aulas terão início na primeira quinzena de dezembro, isto é, tão logo comecem as férias. Mariza, principalmente, está entusiasmada com a perspectiva de poder, em breve, entender o que os artistas falam no cinema, sem necessidade de ler a tradução. [...]. -O que eu quero é ler os poetas ingleses, que são os maiores do mundo – disse Paulo. (02/11/1952).

Essa passagem põe em evidência a valorização dos estudos que permeia o suplemento. Deve-se observar, contudo, que mesmo em publicações que também comungam com um objetivo educativo, centrado em uma formação dos leitores em valores muito próximos da levada a cabo pelo *Gurilândia*, o período de férias é, via de regra, reservado para atividades mais ligadas ao lazer: viagens, brincadeiras, encontro com parentes. Gouvêa (2004) observa que as férias escolares são recorrentes na literatura infantil brasileira, sendo retratadas, principalmente, como um período de afastamento das cidades e de aproximação do campo, representado principalmente por sítios:

Tal associação permanece no século XX, sendo reapropriada na idéia de férias escolares, insistentemente descritas na literatura infantil, as quais cumpriam a função de garantir à criança de classe média urbana o acesso a um espaço mais saudável, permitindo a higienização dos corpos, o contato com o ar puro, com hábitos mais naturais. [...] Ou seja, as férias são associadas à vida no campo, ao momento social ritualizado em que o ambiente da cidade recupera os laços com sua origem natural. Tal associação torna-se constante na literatura infantil, dando origem a uma infinidade de títulos que associam férias, campo, fazenda, sítio, avós. (Gouvêa, 2004, p. 206)

No caso do suplemento do *Estado de Minas*, no entanto, a questão dos estudos ganha tamanha centralidade que, mesmo no período de férias, não se ausenta. Deve-se notar que grande parte da sociabilidade na qual os sobrinhos do Tio Mario estão envolvidos está presa à escola e aos estudos, o que marca uma associação entre criança e aluno que é característica do período.

Com efeito, o episódio das aulas de inglês no período de férias contém duas excentricidades: ocupar com o estudo um período tradicionalmente identificado com o lazer, rompendo com a lógica que rege a literatura infantil, e representar com um improvável entusiasmo e euforia o recebimento dessa notícia pelos sobrinhos. Mais uma vez, fica patente o papel desempenhado por Paulo, Marisa e Joãozinho: ao servir de espelho para os sobrinhos-leitores, objetiva-se dirigir seus comportamentos, notadamente no sentido do compromisso com os estudos.

Não se pode negar que, nessas passagens, o personagem Tio Mario também é representado de um modo estereotipado, idealizado. Ou seja, ao valorizar um determinado modelo de criança, *Gurilândia* também valoriza um determinado modelo de família, representado por Tio Mario: sábio, paciente, equilibrado, de condições financeiras que o permitiam proporcionar inúmeros estímulos aos estudos dos sobrinhos. Sendo assim, se as crianças tinham um modelo em quem se espelhar, também a família deveria seguir os exemplos de Tio Mario.¹⁰⁵

Paulo estava lendo 'Iracema', de José de Alencar, e, num papel anotou algumas dificuldades para pedir esclarecimentos ao Tio Mario. Este prontamente o atendeu, tendo, antes, discorrido sobre a obra de José de Alencar, que considera ainda hoje de muita atualidade. (14/09/1952).

Paulo não soube responder. Para tirar as duvidas, foram os dois [Paulo e Joaozinho] pedir esclarecimentos ao Tio Mario. Este se encontrava no escritório, ocupado com a revisão do seu novo livro para crianças – Contos de Fadas do Tio Mario. Deixando de lado, por um momento, o seu trabalho, Tio Mario explicou que [...]. (p. 21/09/1952).

Nesses termos, considerando que o estudo é a principal preocupação para os modelos de comportamento (infantil e adulto) presentes no suplemento, pode-se perceber que a família é compreendida como braço extensivo da escola, fenômeno comum na literatura infantil:

Ou seja, as cenas retratam a introdução de práticas escolares no universo familiar. Não é a escola que assume o lugar de 'segundo lar', de continuidade da vida familiar, mas essa é que ocupa o papel de prolongamento do espaço escolar, incorporando ao cotidiano doméstico práticas características daquela instituição. Os textos revelam a afirmação da escola como espaço privilegiado de formação da infância, ao mesmo tempo que um deslocamento do papel da família, que se torna agência socializadora coadjuvante. (Gouvêa, 2004, p. 137).

As representações dos sobrinhos do Tio Mario em ambientes como a escola e a biblioteca marcam uma forte presença da cultura escrita. O contato desses personagens com vários autores e livros indica uma concepção de leitura e de leitor veiculada no *Gurilândia*. A valorização da literatura e a ênfase em referências a autores e obras literárias sugerem a intenção da publicação em promover uma leitura extensiva e um leitor extensivo, “que consome impressos numerosos e diversos” (Chartier, 1998, p. 99). Assim, a leitura não deveria se restringir ao suplemento infantil,

¹⁰⁵ Convém assinalar que as referências ao pai e à mãe dos sobrinhos são raras e vagas. A representação da família fica a cargo, indubitavelmente, de Tio Mario. É interessante observar que, tal qual outras publicações destinadas à infância, importantes qualidades são vinculadas a um personagem mais velho, reforçando os binômios velhice/sabedoria, velhice/bondade, velhice/justiça: “A literatura infantil e juvenil [...] em razão de sua gênese comprometida com a educação e a família [...] buscou ressaltar, na representação da velhice, qualidades como sabedoria, paciência, equilíbrio, justiça, entre outras, consideradas inerentes à faixa etária e contrapostas à inexperiência da infância e da juventude” (Martha, 2004, p. 84).

uma vez que no próprio *Gurilândia* eram apresentadas, direta ou indiretamente, sugestões de outras leituras, diferentes e variadas.¹⁰⁶

As passagens referentes aos três sobrinhos, ao sublinhar a presença dos estudos em suas vidas, comumente ganham contornos de exagero. Contudo, esse exagero tem uma clara intenção pedagógica: transformar Paulo, Marisa e Joãozinho em exemplos para os sobrinhos-leitores do *Gurilândia*. Ilustrando esse exagero, segue uma passagem em que Paulo, tratado em 1952 como aluno do quarto ano ginásial, faz comentários ao longo da explanação de Tio Mario sobre a Independência do Brasil:

- A invasão de Portugal pelo exercito de Napoleão fez com que aqui se refugiasse a corte luzitana – começou Tio Mario. D. João deu nova vida à colônia [...]
- Foi por essa época que a Guiana Francesa foi ocupada pelos brasileiros? – indagou Paulo.
- Isso Mesmo. D. João declarou guerra à França e tomou conta da Guiana Francesa [...]
- Mas que é que D. João VI estava fazendo por aqui se em 1818 já Napoleão havia sido derrotado? Se não me engano, a Batalha de Waterloo feriu-se a 18 de junho de 1815 – ponderou Paulo.
- Você tem razão. O que prendia D. João VI aqui era a amizade que havia tomado ao país [...]
- Dizem que as forças portuguesas do Rio quiseram forçar D. Pedro a embarcar naquele dia para Portugal – observou Paulo.
- É verdade, mas o fato é que elas é que foram obrigadas a embarcar [...]
- Durante essa viagem de D. Pedro, conta-se que a maçonaria resolveu estudar um projeto de constituição para o Brasil – notou Paulo.
- E a ocasião era para isso mesmo. [...]. (05/09/1948).

Os padrões de comportamentos veiculados por meio do *Gurilândia*, de que os três sobrinhos eram seus principais portadores, incluía também, como seria difícil de não imaginar nas Minas Gerais de meados do século passado, a frequência assídua à missa dominical:

Todo domingo, pela manhã, depois que voltam da missa, Paulo, Marisa e Joaozinho se põem a conversar sobre o que lêem em Gurilândia. (17/08/1952)

Tio Mario estava domingo passado, no escritorio, quando ali entraram Paulo, Marisa e Joaozinho, que acabam de chegar da missa. (03/08/1952).

Como visto no segundo capítulo, o suplemento veiculou uma categoria marcada pela presença religiosa, “Sagradas Escrituras”, constituída por citações bíblicas. Muitos textos

¹⁰⁶ As representações dos sobrinhos enquanto leitores extensivos reforçam ainda mais uma situação privilegiada. Na pesquisa já citada de Antipoff (1936), a autora, diante das respostas das crianças para a pergunta “Que presente quereria receber no dia do seu aniversario?”, observa: “Depois, em terceiro lugar, para os meninos, e em segundo para as meninas, é o livro que é reclamado. Esse desejo, expresso em 21,3% por estas ultimas, em 14,6% pelos primeiros, faz supor que a creança leria mais e que a leitura figuraria entre as suas ocupações preferidas, si ella tivesse livros a seu dispor. Ora, as creanças ordinariamente têm poucos livros, sobretudo na classe pobre de Bello Horizonte. As bibliotecas escolares estão ainda pouco desenvolvidas. Que prazer teriam as creanças em lêr e relêr sempre os mesmos livros?” (p. 298).

literários publicados ao longo do período pesquisado também fazem referência a passagens bíblicas e/ou personagens religiosos, conferindo visibilidade a essa temática cara aos mineiros. Percebe-se que os textos dessa temática ficavam mais freqüentes de acordo com o calendário religioso, aumentando suas ocorrências nos períodos próximos do natal e da páscoa.

Diante do exposto, fica patente que é por meio dos três sobrinhos do Tio Mario que se transmitem os valores e comportamentos desejáveis aos leitores do *Gurilândia*. Deve-se notar, contudo, que as características desses personagens vinculam-se muito mais a uma lógica adulta que propriamente infantil. Ao contrário de se envolverem em brincadeiras, envolvem-se quase exclusivamente em atividades escolares; no lugar de espontaneidade, demonstram compromisso e seriedade nos estudos. Rompe-se, portanto, com uma assimetria de comportamento entre adultos e crianças, uma vez que os últimos apresentam atitudes muito próximas dos primeiros. Nesse sentido, o suplemento recorre a uma proposta que, como demonstra Gouvêa (2004), foi bastante comum na literatura infantil brasileira, notadamente nas duas primeiras décadas do século XX:

Os diversos autores, por meio da construção de retratos de crianças, definem um repertório de ações e comportamentos, configurando um determinado padrão de conduta infantil. Tal padrão toma como referência dialógica um modelo de conduta adulto, em relação ao qual o comportamento infantil é descrito e avaliado [...] Assim é que, inicialmente, os textos *Cem pequenas histórias para crianças bem comportadas* (1906), *Contos pátrios* (1904), *Páginas infantis* (1909), *Histórias brasileiras* (1914), *Brasil das crianças* (1920) buscam realçar características no comportamento dos personagens infantis que os aproximem das ações manifestas pelos adultos. As crianças são descritas como sérias, bem comportadas, ajuizadas, disciplinadas, exaltando-se uma conduta contida e regrada. (p. 69).

A ênfase nos comportamentos “adultizados” e, por isso, ideais e modelares, é um ingrediente essencial para se alcançar o coração da proposta presente no *Gurilândia*: a formação de uma criança espelhada em Paulo, Marisa e Joãozinho, ou seja, obediente, estudiosa, disciplinada, patriótica e católica. Lajolo e Zilberman (1985), focalizando a história de nossa literatura infantil, observam que, ao construir arquétipos de crianças, os textos tornam explícita sua auto-imagem e a imagem que fazem de seu leitor:

Além disso, é comum também que esses textos infantis envolvam a criança que os protagoniza em situações igualmente modelares de aprendizagem: lendo livro, ouvindo histórias edificantes, tendo conversas educativas com os pais e professores, trocando cartas de bons conselhos com parentes distantes. Manifesta-se, através desse procedimento, com uma concretude rara na literatura não-infantil, a imagem que de si mesma e de seu leitor faz a literatura infantil, confirmando seus compromissos com um projeto pedagógico que acreditava piamente na reprodução passiva de comportamentos, atitudes e valores que os textos manifestavam e, manifestando, desejavam inculcar nos leitores. (p. 34).

Nota-se que os textos presentes no *Gurilândia* não tratam de uma infância real, mas de uma infância proclamada. São prescritos modos de ser, padrões de comportamento e de conduta que tomam como parâmetro os sobrinhos do Tio Mario. Prevalece, pois, um discurso preocupado com o vir-a-ser da criança, essencialmente normativo e formativo. Gouvêa (2006) argumenta que esse tipo de discurso é marcante em produções que almejam ser mediadas pela família e a escola, e, para isso, buscam construir um “sentido pedagógico de sua produção” (p. 32).

De qualquer forma, se Paulo, Marisa e Joãozinho foram os portadores dos modelos ideais de crianças, seu exato oposto encontra-se em Tiziu. Protagonista de histórias em quadrinhos, de autoria de Mangabeira, Tiziu assumia todos os comportamentos negativos que eram inimagináveis nos três sobrinhos de Tio Mario: matar passarinhos com estilingue, desobedecer aos mais velhos, fugir da escola, brigar na rua, maltratar gatos etc.

Também deve ser mencionado que Tiziu é representado como um menino pobre. Assim, enquanto os sobrinhos do Tio Mario são representados em bibliotecas, escolas e tocando música clássica ao piano, Tiziu é representado sempre descalço, em vestimentas simples e nunca estudando ou lendo. Fica evidente, assim, o antagonismo de Tiziu frente aos três sobrinhos de Tio Mario, uma vez que esses últimos são representados como estereótipos do bom comportamento.

A presença de Tiziu no suplemento, apesar do mau comportamento demonstrado em inúmeras histórias, exerce também uma função educativa. Ao tratar, embora de maneira humorística, as desventuras que o personagem enfrenta, sempre “levando a pior” no final, reitera-se as virtudes do bom comportamento. Desse modo, embora de atitudes contrastantes, tanto Tiziu quanto os três sobrinhos do Tio Mario exercem, no suplemento, o mesmo papel: fortalecer o projeto de formação do *Gurilândia*, identificando qual modelo de comportamento os leitores deveriam seguir e qual modelo deveriam repelir. Deve-se notar que esta dualidade na representação das crianças também é característica da literatura infantil:

É entre a criança séria, compenetrada, ‘adultizada’ e a criança irresponsável, imprudente e irrequieta que a infância é retratada [...] Essa aparente dualidade nas representações sobre a criança nos textos retrata uma visão de infância em que, ou a criança é dignificada por sua semelhança como o adulto, por sua capacidade de superar as características ‘deformadoras’ da infância, tendo como centro a capacidade de ser ajuizadas, ou é percebida negativamente pela incapacidade de superar sua ‘natureza’ e aproximar-se das características do adulto. (Gouvêa, 2004, p. 72).

Não se pode ignorar que coube a um menino negro o papel de representar essas “características ‘deformadoras’ da infância” identificadas por Gouvêa. Outro ponto que não

podemos passar ao largo refere-se ao título que, por algum tempo, identificou as peripécias dessa criança negra e pobre: “Macaquices de Tiziu”.¹⁰⁷ (fig. nº 32).

Nesse ponto, faz-se necessária a referência ao estudo de Fúlvia Rosenberg, Chirley Bazili e Paulo Vinícius Baptista da Silva (2003), que, ao efetuarem uma revisão da produção brasileira sobre expressões de racismo em livros didáticos, afirmam que a literatura didática e paradidática vem sendo criada, historicamente, visando ao aluno branco. Para os autores, esse tipo de literatura não só apresenta uma imagem preconceituosa do negro, como também tem como pressuposto a interlocução de um leitor branco. A conclusão dos pesquisadores é enfática:

Sub-representação de negros (e indígenas) no texto e ilustrações; atribuição de papel subsidiário, na construção literária, pictórica e no contexto social, aos personagens negros, adultos e crianças, levando a sua associação sistemática à posição de subalternidade; sub-representação de alunos e professores negros. Além disso, no texto e nas ilustrações, ocorre, por vezes, associação da negritude à animalidade (Rosenberg et al., 2003, p. 135).

O entendimento de que tais representações dos negros marcaram a produção literária infantil e didática brasileira sugere que, ao sub-representar o negro, o *Gurilândia* não se distanciava de outras publicações similares.¹⁰⁸ Importa também assinalar, como o faz Gouvêa (2004), que essas publicações reproduzem uma representação que se fazia presente no discurso científico e que se disseminou no senso comum. Assim sendo, não devemos compreender o *Gurilândia* como uma ilha de preconceito dentro do contexto científico-cultural do período, mas como uma produção marcada pelo ambiente histórico ao qual se integrava. Esses esclarecimentos se fazem oportunos uma vez que a análise descontextualizada do suplemento poderia incorrer em equívocos e anacronismos.

¹⁰⁷ Inicialmente intitulada *Macaquices de Tiziu*, a seção passa a chamar-se *Aventuras de Tisiu*. Não foi publicada nenhuma justificativa para tal mudança.

¹⁰⁸ Lajolo e Zilberman (1985) e Gouvêa (2005) também discutem a forte presença da imagem preconceituosa do negro na produção literária para as crianças.

Fig. nº 32 – As peripécias de uma criança negra e pobre, inicialmente intitulada de “Macaquices do Tiziu”.
(25/01/1948 e 01/08/1948).

Analizadas essas representações, passaremos a abordar outros aspectos relevantes na constituição do projeto do *Gurilândia*, que foram explicitados, principalmente, por meio dos textos literários.

4.3 - *Textos literários: autores, intenções e apropriações*

Conforme pôde ser observado no segundo capítulo, os textos literários (narrativas, poemas e fábulas) ocuparam um espaço significativo no *Gurilândia*. Apesar de pertencerem a gêneros literários distintos, levarem a assinatura de autores diversos e tratarem de temáticas múltiplas, esses textos carregaram uma intencionalidade comum que contribuiu para a ênfase em determinados aspectos ao longo da história do suplemento.¹⁰⁹

A lista de escritores que se fizeram presentes no suplemento infantil é extensa, reunindo, principalmente, autores já consagrados e de valor reconhecido. Verifica-se clássicos infantis mundiais (Esopo e Perrault) e clássicos da literatura universal (Camões, Goethe e Tolstoi).

¹⁰⁹ Convergingindo com Lajolo (2005), encaramos a literatura como um elemento ativo da sociedade: “Em movimento de ajustes sutis e constantes, a literatura tanto gera comportamentos, sentimentos e atitudes, quanto, prevendo-os, dirige-os, reforça-os, matiza-os, atenua-os; pode revertê-los, alterá-los”. (p. 26).

Nomes importantes da literatura nacional também se fizeram presente (Castro Alves, Gonçalves Dias e Manuel Bandeira), sendo destacados, notadamente, a assiduidade dos mineiros (Alvarenga Peixoto e Tomaz Antonio Gonzaga). Autores nacionais marcados pela produção destinada à infância, como não poderia deixar de ser, foram constantes (Cecília Meireles, Coelho Neto, Olavo Bilac e Vicente Guimarães), como também o foram pessoas ligadas à educação mineira (Abgar Renault, Abílio Barreto, Anita Fonseca e Brant Horta).

Uma vez que é impossível analisar todos os textos e autores publicados, selecionamos quatro nomes para serem estudados: Celso Brant, Clemente Luz, Nair Starling e Monteiro Lobato. Deve-se ressaltar que essa escolha atendeu a dois critérios: frequência e representatividade. Nesse sentido, os autores, além de se destacarem pelo significativo número de vezes que marcaram presença na publicação, também foram eleitos por compreendermos que suas obras são representativas das principais questões que caracterizaram o *Gurilândia*.

Celso Brant, diretor e autor mais freqüente no suplemento, tinha no nacionalismo o ponto essencial de seus textos. Uma vez que, como defende Chartier (2001), a produção de qualquer conhecimento é constitutiva de uma intencionalidade histórica, convém estudar onde se insere a intencionalidade desse discurso veiculado no *Gurilândia*. Assim sendo, a trajetória de Brant, uma vez mais, deve ser investigada. Conforme visto, a carreira política do jornalista foi marcada pela defesa do nacionalismo, em que se destacava a fixação na figura de Tiradentes e no movimento da Inconfidência Mineira.¹¹⁰ Essas convicções do diretor do suplemento nos ajudam a pensar em alguns arroubos patrióticos presentes no *Gurilândia*, como o que segue citado:

-Eu acho os versos de Gonzaga muito melhores que os de Camões, Tio Mario – ponderou Paulo.

-Camões envelheceu com o tempo. Gonzaga, não, é um poeta sempre atual. Por isso, você tem razão nessa preferência. (24/10/1948).

O nacionalismo apregoado por Brant, notadamente a idolatria pelos inconfidentes e, sobretudo, por Tiradentes, certamente influenciou os textos e ilustrações dos leitores publicados no *Gurilândia*. Pesquisando a circulação das representações de Tiradentes no universo infantil, Fonseca (2002) analisou as composições e desenhos dos “sobrinhos do Tio Mario” e detectou imagens heroificadas e cristianizadas.

¹¹⁰ Brant organizou um movimento, na década de 1980, intitulado *A Nova Inconfidência*, tendo escrito até um livro com este nome. Tornou-se conhecida, a partir daí, sua frase: “Aceitar que a Inconfidência terminou com a morte de Tiradentes na forca seria o mesmo que admitir que o Cristianismo acabou com a morte de Cristo na cruz, quando, de fato, foi ali que começou”. (Brant, 2002, p. 05).

O ensino e os livros didáticos de história, principalmente na primeira metade do século XX, caracterizavam-se por uma abordagem “essencialmente política e militar, épica e exaltadora dos grandes feitos dos grandes vultos da nação” (Fonseca, 2003, p. 92). Nessa abordagem, os inconfidentes, uma vez elevados à condição de heróis pelo movimento republicano e tendo essa imagem reforçada no período Vargas, foram altamente glorificados. Nota-se, pois, que o teor do suplemento infantil do *Estado de Minas* não fugia dos aspectos principais presentes nas escolas. Contudo, a fixação de Brant contribuiu para uma centralidade e a uma valorização ainda maior desse movimento por parte dos leitores.

Nessa perspectiva, se a temática dos inconfidentes foi central no conteúdo do *Gurilândia*, ela foi igualmente crucial nas composições e desenhos dos sobrinhos, sendo, seguramente, um dos assuntos mais recorrentes nessas produções. Fonseca (2002) percebeu que essa era uma temática cara a Brant, apontando sua preocupação para com as produções dos sobrinhos: “Tio Mário, no concurso de 1949, preocupando-se com o título que as crianças deveriam dar às suas composições, recomendava a elas o uso do termo *Rebelião* ao invés de *Inconfidência*, para dar maior valor patriótico” (p. 08).

A ênfase nos estudos, seguramente um dos pontos mais valorizados no *Gurilândia*, aparece, em muitos textos assinados por Tio Mario, como requisito para a construção de uma pátria mais forte. Nessas passagens, defende-se que as crianças-leitoras deveriam estudar objetivando, além do bem individual, o bem nacional.

Prezados amiguinhos,

Aí está o ano de 1950. E é justo que para ele nos preparemos, que façamos os nossos planos para melhor aproveitá-lo. Muito do que pretendemos fazer no ano que ontem findou não conseguimos realizar. Precisamos verificar quais as causas desse fracasso e procurar, no ano que aí está, evitar ou superar os obstáculos que surgirem.

Voces devem, principalmente, pensar em reservar o melhor de suas energias para o estudo. É necessário que voces tenham uma forte base cultural para poderem, no futuro, ser uteis a sociedade e a patria garantindo ao mesmo tempo, uma situação segura para voces. De nossa parte desejamos para voces as maiores felicidades. Que voces consigam realizar, em 1950, todos os seus melhores sonhos, são os votos do Tio Mario. (01/01/1950).

É conveniente discutir, no *Gurilândia*, a presença de uma *Pedagogia do Cidadão*, termo desenvolvido, entre outros, por Elza Nadai (1988), para referir-se a um ensino cuja finalidade está

ancorada na valorização da nação, buscando a criação de sentimentos de pertencimento, respeito e dedicação para com ela.¹¹¹

A vinculação do suplemento com a *pedagogia do cidadão* pode ser ilustrada na passagem seguinte, presente na seção “Tio Mario aos seus sobrinhos”, onde Rui Barbosa é enaltecido como “um grande brasileiro”, uma vez que tudo fez “pela prosperidade do Brasil”. A figura de Rui Barbosa aparece, no texto escrito por Celso Brant, como um exemplo a ser imitado:

No próximo dia 5 de novembro, todo o Brasil iniciará as comemorações do centenario de nascimento de um dos mais dedicados servidores do país: Rui Barbosa. Tendo sido, desde criança, um grande estudioso Rui Barbosa pôde reunir conhecimentos bastantes para, em toda a sua vida, saber separar o justo do injusto e, dessa forma, pôs-se sempre ao lado das causas nobres, tudo fazendo pela prosperidade do Brasil. O nosso país lhe deve relevantes serviços. A sua existência foi um longo apostolado cívico. E sua lição ainda hoje merece ser recordada e seguida por todos nós. Se vocês quiserem ser verdadeiramente dignos do grande país que tiveram por berço, procurem imitar esse bravo lutador que foi sempre e acima de tudo, um grande brasileiro. Envia-lhes a benção o Tio Mario. (31/10/1948).

Evidenciando ainda mais esse vínculo do suplemento com a *pedagogia do cidadão*, é digna de nota a mensagem, também presente na seção “Tio Mario aos seus sobrinhos”, que consiste em um apelo “para todo coração verdadeiramente patriota”. Nota-se que o texto, que clama para o cuidado que se deve ter para com “os pequenos brasileiros”, é dirigido muito mais a pais e professores que ao público infantil.

A ‘Semana da Criança’ que o Brasil agora comemora, tem por finalidade recordar a todos os brasileiros o dever que têm de emprestar o seu apoio á cousa da assistência á infancia. Tudo o que se fizer pela educação e pelo fortalecimento das novas gerações significará, necessariamente, uma contribuição para o engrandecimento do Brasil de amanhã. Fomos excepcionalmente aquinhoados pela natureza para sermos uma grande e prospera nação. Infelizmente, a doença e o analfabetismo têm entravado muito nosso progresso. Se cuidarmos devidamente dos pequenos brasileiros de hoje, estaremos dando a eles oportunidade de, para o futuro, realizarem os sonhos que não pudemos concretizar. E isto há-de significar, por certo, um grande consolo e uma grande esperança para todo coração verdadeiramente patriota. Envia-lhes a benção o Tio Mario. (10/10/1948).

Clemente Luz, na mesma esteira de Celso Brant, trabalha em seus textos aspectos que também estimulam a valorização do Brasil.¹¹² Principalmente nos textos que compõem *Infância humilde dos grandes homens*, o autor utiliza-se de passagens da infância de brasileiros ilustres, em que se enfatiza aspectos ligados à adversidade, a fim de que suas conquistas adquiram, pela

¹¹¹ Deve-se salientar que algumas seções do suplemento reforçam essa *pedagogia do cidadão*, entre as quais, de modo mais direto: “Brasileiros notáveis”, “Brasileiros ilustres”, “Brasileiros que devemos admirar” (inseridos na categoria “Grandes Homens”), e Riquezas do Brasil.

¹¹² Lajolo e Zilberman (1985) identificam quatro livros de sua autoria: *Aventuras da bicharada* (1949), *O caçador de mosquitos* (1956), *Bilino e Jaca* (1956), e *Infância humilde de grandes homens* (1957).

improbabilidade, ares ainda mais gloriosos. Como demonstra Lajolo e Zilberman (1985), a construção da narrativa proposta por Clemente Luz lança-se a três objetivos: despertar o nacionalismo, apresentar modelos a serem seguidos pelo leitor, e discutir pobreza e preconceito sem questionar suas raízes, isentando a sociedade de qualquer responsabilidade e imputando ao indivíduo todo o encargo de sucesso ou de fracasso:

Nos diferentes livros, a finalidade parece ser uma só: organizar um elenco de nomes ilustres que reforce o sentimento patriótico e sirva de exemplo aos leitores. Nesse sentido, tais textos também cumprem a missão mencionada a propósito das demais narrativas estudadas: a apresentação de modelos de ação a serem copiados pelas crianças. [...] O livro mostra que, embora pobre (e preto, já que vários heróis descendem de escravos), um homem pode vir a tornar-se célebre. Oferece ao leitor humilde uma saída compensatória; e consegue discutir a pobreza, sem criticar a sociedade, pois aquela aparece como a condição natural de alguns indivíduos, e não fruto de um desequilíbrio social. (Lajolo e Zilberman, 1985, p. 119).

Para que fique mais clara a vinculação de Clemente Luz com a *pedagogia do cidadão*, deve-se apontar como o ensino de história, associado a esta concepção, construiu uma memória de nossa nação, notadamente na primeira metade do século XX, isenta de conflitos. Assim, os textos de Clemente Luz inserem-se em uma forte tradição de nosso sistema de ensino que fechava os olhos para toda espécie de embate que marcou nosso passado.

Mesmo que implicitamente fiquem evidentes os conflitos de nossa sociedade nos textos do autor, em que são exaltadas as glórias de “grandes homens” de nosso país apesar dos obstáculos que tiveram de enfrentar (pobreza, etnia, doença), não se problematiza as intensas contradições constitutivas de nossa sociedade. Esse aspecto foi amplamente difundido em nossas instituições escolares e também caracterizou parte da historiografia brasileira:

instituiu-se uma tradição muito forte que privilegiou, nos estudos históricos, a constituição de uma nação organicamente articulada, resultante de um processo caracterizado pela contribuição harmoniosa das diversas classes sociais, pela conciliação e pela organização de um ‘bem comum’, processo portanto que privilegiava o passado vivido e recuperado sem conflitos, divergências ou contradições. O passado aparece, portanto, de maneira a homogeneizar e a unificar as ações humanas na constituição de uma cultura nacional. A história se apresenta, assim, como uma das disciplinas fundamentais no processo de formação de uma identidade comum – o cidadão nacional – destinado a continuar a obra de organização da nação brasileira. (Nadai, 1988, p. 25).

Outro nome de grande destaque no *Gurilândia* foi Nair Starling, professora e assistente técnica de instrução pública de Minas Gerais. Cumpre observar que Starling foi figura atuante no movimento educacional mineiro de meados do século XX. A título de ilustração, merece nota a

produção da professora na *Revista do Ensino*.¹¹³ Em 13 artigos, distribuídos ao longo da década de 1930, Nair Starling tratou especialmente de temas ligados à psicologia e didática. Evidencia-se, nos artigos, a defesa da Escola Nova, que se faz por meio da contraposição com um modelo tido como ultrapassado. As referências às obras de Dewey, Kilpatrick e Rousseau, como seria de se esperar, fazem-se presentes em seus textos.

Como visto anteriormente, a reincidência de nomes presentes no *Gurilândia* e também na *Escola de Aperfeiçoamento* e na *Revista do Ensino*, longe de ser gratuita, é resultado dos esforços do suplemento em uma aproximação com as instituições escolares. O diálogo com nomes vinculados aos dois mais importantes instrumentos de formação de professores do estado garantiria ao *Gurilândia* uma prova incontestada de sua preocupação com a formação sadia de seus leitores.

Além de textos vinculados a temas da história do Brasil, especialmente da tradição indígena,¹¹⁴ Starling também tratou de outro aspecto caro ao suplemento: a religiosidade. Deve-se assinalar uma série escrita por Starling sobre grandes templos católicos, como o Santuário de Congonhas, a Serra da Piedade e a Penha.¹¹⁵ Observa-se, pois, que Nair Starling intensificou três preocupações centrais do *Gurilândia*: o nacionalismo, o vínculo com a educação formal e a religiosidade.

O último nome a ser destacado é Monteiro Lobato. Ao analisar a história da literatura infantil, Lajolo e Zilberman (1985) e Gouvêa (1999; 2004) convergem ao encarar o autor como um divisor de águas na produção nacional, inaugurando um novo paradigma nessas publicações. Desnecessário reiterar o sucesso que a obra lobatiana alcançou na década de 20 e continua a alcançar, ultrapassando gerações, de que as repetidas reedições de sua obra e adaptações para a televisão são provas.

Os estudos citados identificam, entre outras fases da história da literatura infantil brasileira, dois períodos razoavelmente bem definidos: de 1900 a 1920 e de 1920 a 1940. A

¹¹³ Títulos das colaborações de Nair Starling na *Revista do Ensino*, cronologicamente: Por que e para que o Museu Escolar? (1930, nº 45); Enquanto as crianças brincam... (1936, nº 46); Estudo em torno das emoções I – O Medo (1934, nº 103); Estudo em torno das emoções II – A Cólera (1934, nº 106); Estudo em torno das emoções III – O Orgulho (1934, nº 109); Estudo em torno das emoções IV – Simpatia, Amizade, Amor (1935, nº 111); Estudo em torno das emoções (1935, nº 113); Estudo em torno das emoções (1935, nº 116-117); Perguntas e charadas (1935, nº 118); O problema da disciplina (1936, nº 122-123); Prêmios e Castigos (1937, nº 134-136); As folhinhas na Escola (1937, nº 143-145); O método de projetos (1939, nº 158-163). Disponível em: http://www.usp.br/niephe/bancos/rvemg_intro.asp.

¹¹⁴ Cf. Starling, Nair. *Nossas Lendas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1968.

¹¹⁵ Veiculados, respectivamente, em: 25/12/1952, 19/10/1952 e 24/08/1952.

primeira fase, que corresponde às primeiras obras do gênero em nosso país, tem em Olavo Bilac, Coelho Neto e Tales de Andrade seus principais expoentes. Percebe-se, nas obras dessa fase, uma ênfase no sentimento patriótico e uma preocupação em inculcar valores nos leitores, dando aos livros um caráter de tratado de conduta. Gouvêa (2004) destaca, entre outros aspectos, as seguintes características da produção desse período:¹¹⁶

A literatura infantil das duas primeiras décadas do século passado claramente busca inculcar na criança uma série de valores e normas de conduta que balizam as fronteiras entre o certo e o errado. A literatura infantil define-se no propósito de formação ética da infância, transmitindo valores como bondade, caridade, paciência, trabalho, respeito aos mais velhos, ao mesmo tempo que buscando distanciar as crianças do orgulho, do apego aos valores materiais, da preguiça, cobiça, etc. Os textos nesse sentido assumem um significado de tratados de conduta, em que a finalidade disciplinadora muitas vezes se superpõe à própria narrativa. (p. 13).

Já a segunda fase, compreendendo a produção de 1920 a 1940, é marcada pela ruptura com os principais elementos do período anterior. O controle dos hábitos e comportamentos das crianças deixa ser tão radical. A infância, outrora representada enquanto idealizada em comportamentos “adultizados”, passa a ser concebida em sua especificidade, e não mais tratada como hierarquicamente inferior à idade adulta. Assiste-se a uma valorização da espontaneidade infantil, ressaltando-se como virtude sua alegria, curiosidade e travessuras. A imaginação passa a ser um recurso constante nos textos infantis. Entre os autores dessa fase, merecem destaque Malba Tahan, Vicente Guimarães e Viriato Correia. No entanto, é incontestável a figura de Monteiro Lobato como maior expoente desse momento da produção literária infantil brasileira.

A partir da década de 20, observa-se no Brasil uma transformação da literatura infantil. Por um lado, escrever ao leitor infantil era situar a narrativa para além dos tempos e espaços reais, opondo-se à realidade cotidiana a construção de universos paralelos, onde animais assumem características humanas, figuras se transformam, rompem-se o tempo e o espaço real, criam-se mundos onde as possibilidades são definidas pela imaginação do autor. [...] Nesse sentido, a marca inauguradora dessa representação do texto literário destinado à criança no Brasil é a obra de Lobato e, especificamente, a publicação em 1921 da história *A menina do nariz arrebitado*, que rompia com os cânones que regiam e balizavam o texto literário destinado ao público infantil e estabelecia novos referenciais, centrados no estabelecimento de uma linguagem fundada no recurso ao fantástico e à imaginação. (Gouvêa, 2004, p. 14).

Em virtude do que foi apresentado, não é difícil identificar o *Gurilândia* mais harmonizado com a primeira fase da literatura nacional: forte preocupação com a formação dos leitores, evidenciada pela tentativa de inculcar valores por meio dos textos; valorização do

¹¹⁶ Deve-se assinalar que são numerosos os elementos analisados na classificação das diferentes fases da produção literária infantil nacional. O que é aqui apresentado refere-se apenas a uma leitura dessa classificação, até porque essa não é a preocupação central desse estudo.

patriotismo; representação da infância orientada por modelos de comportamento adultos. No entanto, o maior expoente da fase que se contrapõe a essa produção, Monteiro Lobato, é um dos autores mais presentes no suplemento do *Estado de Minas*. Tal fato merece algumas ponderações.

Mesmo que se aponte a mediação dos livros de Lobato por Diretorias de Ensino de diferentes estados do país, ou ainda suas numerosas obras que abordam conteúdos escolares, não se pode olvidar “os elementos críticos, ateus e irreverentes que provocaram crescente resistência à difusão de seus livros entre certos mediadores culturais da época” (Soares, 2007, p. 222).¹¹⁷ Nessa perspectiva, não deixa de causar estranheza a presença tão incisiva de um autor não tributário das principais convicções defendidas no *Gurilândia*.

A análise da presença desse autor no suplemento pode seguir dois caminhos. O primeiro evocaria como explicação para esse fato a hipótese de que inexistia no *Gurilândia* um projeto fechado, marcado por posições claras e por objetivos definidos. Nesse caminho, a presença de Monteiro Lobato, destoando dos outros textos publicados, seria entendida como uma demonstração de uma arbitrariedade que constituiria o suplemento: tal como poderia ser veiculado X, também o poderia A, B e C, indistintamente.

O outro caminho da análise buscaria compreender a presença de Lobato a partir do pressuposto de que o suplemento guiava-se por um projeto fechado e por objetivos definidos. Nessa perspectiva, ao contrário da hipótese da arbitrariedade, considera-se que a produção do suplemento era marcada por uma intencionalidade bastante clara, em que a inserção ou exclusão de um autor não poderia ser concebida como gratuidade ou acaso. Isso claro, a hipótese mais viável seria entender os textos do criador de Emília, mesmo não se alinhando a posições importantes na construção do suplemento, como uma concessão ao autor infantil mais popular e aplaudido daquele momento. Assim, a ausência de Monteiro Lobato seria improvável em uma publicação destinada à leitura infantil. Nesse caso, pode-se levantar a hipótese de que, para os responsáveis pelo *Gurilândia*, a presença de Lobato, em meio a tantos outros autores, não colocaria em xeque o projeto do suplemento.

É importante que se mencione que, longe de tímida, a presença de Monteiro Lobato foi assídua no *Gurilândia*. Além de textos, o nome do autor era freqüentemente citado na seção

¹¹⁷ Soares (2007) argumenta que “embora não recusasse o nexo entre literatura e educação e buscasse difundir seus livros junto a escolas, instituições públicas e mediadores culturais atuantes, interagindo com as demandas definidas pelos mesmos, acredito que isso não impediu a literatura que escreveu para crianças de testar os limites admitidos por esses agentes, na expectativa de ultrapassá-los ou transformá-los” (p. 222).

“Contribuições dos Sobrinhos” e, não raro, estabelecia-se uma associação entre Lobato e Tio Mario/Celso Brant, buscando, através dessa associação, a valorização de ambos:¹¹⁸

Na verdade, sentimos muita tristeza com a morte de Monteiro Lobato. Monteiro Lobato foi um grande amigo das crianças pelo seu interesse por elas. Mas, sim, encontraremos um consolo, pois temos um suplente a quem muito já devemos: e o Tio Mario. Nós, meninos, precisamos observar o carinho de um coração bondoso que trabalha tão desinteressadamente pelo homem de amanhã. Meditemos um pouco sobre os feitos e as ações de Tio Mario. Viva Tio Mario! (19/09/1948).

No nosso entender, a junção dos dois caminhos de análise soa como mais adequada. Apesar de acreditarmos em um projeto razoavelmente claro e definido, que guiou a produção do *Gurilândia*, não se pode ignorar que, até pela constante alteração em suas seções, o suplemento foi remodelando seus contornos ao longo do tempo. Nesse ponto, admitimos um certo grau de arbitrariedade na sua produção. Por outro lado, acreditamos que, dado o reconhecimento e sucesso de Lobato, seus textos em um suplemento infantil eram tidos como algo “natural”, difícil de ser contrastado. Mais um ponto a ser levado em conta diz respeito ao fato de que, apesar de evidentemente diferente dos outros textos publicados no suplemento, a obra de Lobato não representava uma radical ameaça ao projeto do *Gurilândia*.

De qualquer modo, a análise de importantes autores do suplemento (Celso Brant, Clemente Luz, Nair Starling e Monteiro Lobato) nos permite concluir que as preocupações centrais do *Gurilândia* para com seus leitores estavam centradas nos estudos e no patriotismo, em um primeiro plano, e na religiosidade de modo menos intenso. O desejo do suplemento era, indubitavelmente, formar uma criança comprometida com a escola, com a Pátria e com a Igreja Católica. Foi esse ideal que o *Gurilândia*, ao longo de todo o período pesquisado, buscou formar. A presença dos textos de autoria de Monteiro Lobato, embora não tenha corroborado, também não comprometeu o caráter geral do suplemento.¹¹⁹

É interessante notar que os propósitos dos textos contidos no *Gurilândia*, iam, de um modo geral, ao encontro dos textos trabalhados nos clubes de leitura do período, ratificando que o modelo de textos valorizado nas escolas convergia com o veiculado pelo suplemento infantil.

¹¹⁸ A assiduidade de um autor que não comungava com aspectos caros ao *Gurilândia*, sugere o que Schwartz (1989) denomina de *normalidade da exceção*. Apesar de improvável, a presença de textos de Monteiro Lobato foram constantes e intensos ao longo do período pesquisado.

¹¹⁹ Russef (2006) adverte que “embora Lobato tenha construído uma fabulação muito mais artística do que pedagógica, e portanto indiscutivelmente literária, o seu intuito foi sempre o de ensinar as crianças, na constante vontade de modificar o mundo, ou de nos irmanar com a ‘nossa mãe comum’, o Brasil. Daí, o inegável nacionalismo [...] A diferença está em que tal militância não é a de um jacobino. Antes do moralista que, reitera-se, permanecerá em Lobato, aparece o polemista crítico [...]” (p. 285).

Como exemplificação, segue a apreciação de Gomes (2008) sobre as atividades dos clubes de leitura do Grupo Escolar Melo Viana, do município mineiro de Carangola, no período de 1930 a 1950:

Os textos, de uma forma geral, voltavam-se para a aquisição de bons hábitos, disposição para o estudo e comportamentos virtuosos pela criança. Os discursos em torno das representações do “bem” e do “mal” despertavam emoções que deveriam ser introjetadas na formação do caráter infantil, reproduzindo modelos de comportamentos considerados legítimos. [...] São retratados modelo de virtude e bons hábitos, valores considerados importantes para a formação do futuro cidadão que deve ser dotado de bons sentimentos, de atitudes civilizadas, de boa índole, trabalhador, respeitoso, dedicado no empenho e no zelo de suas tarefas, obediente, prestativo, temente aos princípios de religiosidade e saudável. (Gomes, 2008, p. 155 e 157).

Diante de tudo o que foi apresentado até agora, faz-se conveniente observar que, apesar das evidentes intenções dos textos veiculados no *Gurilândia*, não se pode concluir de que modo esses textos foram apropriados por seus leitores. Alicerçado em Certeau, para quem o consumo cultural é também uma produção, Chartier (1999) argumenta que a leitura “é sempre apropriação, invenção e produção de significados” (p. 77). O pesquisador defende que o leitor tem uma liberdade, que não é absoluta, para subverter, ou não, o que o texto almeja lhe impor.

Eco (2002) defende que “o texto é uma máquina preguiçosa, que exige do leitor um renhido trabalho cooperativo para preencher espaços de não-dito ou de já-dito que ficaram, por assim dizer, em branco” (p. 11). O modo como cada leitor irá preencher o texto é sempre uma incógnita, uma vez que são inúmeras as variáveis que estão em jogo.¹²⁰ Não se pode ignorar, contudo, que autores e editores objetivam impor “uma ordem, uma postura, uma atitude de leitura” (Chartier, 1996, p. 20), utilizando-se de várias estratégias para controlar e conduzir a leitura de um texto ou de uma obra. Apesar desses esforços, conforme afirma Goulemot (1996), a leitura permanece como uma prática criadora, inventiva e produtora, em que cada texto adquire uma significação plural e móvel.

Seja popular ou erudita, ou letrada, a leitura é sempre produção de sentido. [...] Ler é dar um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas seqüências. Não é encontrar o sentido desejado pelo autor, o que implicaria que o prazer do texto se originasse na coincidência entre o sentido desejado e o sentido percebido, em um tipo de acordo cultural, como algumas vezes se pretendeu, em uma ótica na qual o positivismo e o elitismo não escaparão a ninguém. Ler é, portanto,

¹²⁰ Goulemot (1996) destaca três fatores fora-do-texto que concorrem para fazer da leitura uma prática de constituição de sentido, invariavelmente única para cada leitor. Grosso modo, esses fatores podem ser assim apresentados: fisiologia (cada leitura combina-se com uma posição/atitude do corpo: sentado, deitado, alongado, em público, solitário, em pé, etc), história (para o autor, a história coletiva e pessoal, aceitemos ou não, orienta mais nossas leituras que nossas convicções políticas) e biblioteca (toda leitura seria uma leitura comparativa, um contato do livro com os outros livros).

constituir e não reconstituir um sentido. A leitura é uma revelação pontual de uma polissemia do texto literário (Goulemot, 1996, p. 107-108).

Desse modo, embora os objetivos, reiteradas vezes reforçados, do *Gurilândia* em uma dada formação do leitor, advinda da leitura de seu conteúdo, não se pode afirmar que tais objetivos lograram êxito, uma vez que, como alerta Chartier (1996), freqüentemente as apropriações do texto pelo leitor “escapam completamente ao controle ou previsões significativas do texto, submetendo-o a desvios semânticos e imprevistos pragmáticos notáveis” (p. 12).¹²¹ Concluiu-se, portanto, que por mais que se tente controlar a leitura, ela continua constituindo-se em uma prática inventiva.

Deve-se, por outro lado, identificar uma diferenciação, levada a cabo por Eco (2002), entre obras abertas e fechadas, buscando situar de uma forma mais precisa o *Gurilândia*. Para o pesquisador, diferentes gêneros de textos evocam diferentes relações com o leitor. Assim, enquanto alguns textos resistem mais ao espaço destinado à cooperação do leitor, almejando um controle maior da leitura, outros exigem um máximo de intromissão.¹²² Para fins ilustrativos, Eco (2002) define os primeiros textos como fechados e os últimos como abertos, embora reconheça que concretamente nenhuma obra conceda total ou nenhum espaço para a atuação do leitor.

Tratando de obras fechadas, Eco (2002) identifica algumas características próprias dessa categoria: destinada a um público muito específico, acentuada preocupação didática, extrema repressividade e excesso de redundâncias. Tais características podem ser facilmente visualizadas no *Gurilândia*. Muitos textos veiculados no suplemento, temendo que sua mensagem fosse ignorada ou alterada pelos leitores, abusavam de uma repetição, possivelmente no intuito de reforçar seu aspecto didático, que tornava a leitura cansativa. Outra estratégia utilizada na tentativa de apagar a figura do leitor refere-se à seção “Teste Gurilândia”. Como visto anteriormente, essa seção constituía-se em perguntas relativas à “Conversas do Tio Mario”, o que, indubitavelmente, consistia em um mecanismo que buscava conduzir a leitura das crianças.

¹²¹ Talvez o caso exemplar mais conhecido que evidencia a leitura como uma prática que foge ao controle do autor/editor seja do moleiro Menocchio, objeto de estudo do historiador Carlo Ginzburg (1987).

¹²² A obra de Monteiro Lobato parece se encaixar na segunda categoria, como demonstra uma correspondência em que o autor se vangloria de “fazer o leitor puxar o carro sem o perceber”: “Forçamo-lo [o leitor] assim a colaborar conosco – ele vê mil coisas que não dissemos, mas que com os nossos carrapichos soubemos acordar nele (...) Isto mostra como a extrema sobriedade, quando hábil, desentranha maravilhas da imaginação do leitor – e o tolo as vai atribuindo ao romancista esperto [...] Fazer que o leitor puxe o carro sem o perceber. Sugerir. Arte é só isso”. (Lobato, 1968, p. 14).

Seguindo a trilha bakhtiniana, Paulino (2005) advoga que a presença da ética e da estética em um texto está condicionada a uma abertura no discurso do autor, a um espaço a ser preenchido pelo leitor. Em outras palavras, e cruzando esse pensamento com os conceitos de obra fechada e aberta de Eco, tem-se que, para a pesquisadora, a ética e a estética estariam presentes em obras abertas, onde o leitor teria uma maior oportunidade de constituir um sentido próprio para sua leitura. Continuando em sua análise, Paulino observa que muitos textos dirigidos ao público infantil carecem de ética e estética, uma vez que seus autores, exagerando no didatismo, abusam do uso de conselhos e do objetivo de inculcar valores.

O trabalho, ao mesmo tempo ético e estético, de deixar lugar ao texto para vozes diferentes, dissonantes, múltiplas, não é fácil. Muitas vezes o condutor quer conduzir, quer falar apenas a palavra que acha ser a sua. [...] A grande questão que ronda os textos ficcionais destinados às crianças está exatamente num procedimento monológico que pode ser considerado de certo modo uma ‘falta de ética’. Traindo a abertura para outras vozes, a polifonia assumida, própria da enunciação literária, diversos autores se tornam tutores, e querem ensinar, mostrando um caminho certo aos pequenos que lêem seus textos. (Paulino, 2005, p. 14-15).

Identificamos assim, no conceito de obra fechada (Eco, 2002) e na carência de ética e estética (Paulino, 2005), muitas características abundantes nos textos veiculados no *Gurilândia*. Tal fato evidencia o temor para possíveis “desvios” nos “ensinamentos” presentes na publicação. Tem-se claro, uma vez mais, a permanente preocupação com a formação dos leitores, que deveria, ao máximo, seguir a prescrição do conteúdo do suplemento.

A redação da leitora Maria de Lourdes Vieira, de 11 anos, do Grupo Escolar Luisa dos Santos Ferreira, município de Passagem, nos apresentam indícios do modo como os conteúdos veiculados no *Gurilândia* estavam sendo apropriados. Na redação, publicada na seção “Colaborações dos sobrinhos”, a leitora, tal qual objetivado pelo suplemento, valoriza, em uma harmonia perfeita, a escola, a pátria e a religião.

A Escola

A escola é o berço da civilização dos povos. É nela que se desenvolvem os grandes sábios e os mais célebres talentos. Não há civilização e muito menos instrução, onde não há escolas. O nosso Brasil seria ainda selvagem, se nele não houvesse escolas e mestres.

O mestre desempenha o principal papel na escola, pois é dele que nos vem todo o conhecimento que procuramos. É ele que nos deve introduzir no caminho justo da vida, por meio de conselhos e ensinamentos.

A escola nos traz muitos prazeres, mas nos dá, também, momentos de amargura. Quando, porem, atravessamos um destes momentos, devemos lembrarmos de que Jesus caminhou sobre espinhos para alcançar o Céu. Assim, nós, os mortais, devemos passar pelo caminho do sofrimento para, finalmente, alcançarmos o nosso ideal.

E qual o nosso ideal senão chegarmos a ser úteis a Pátria? [...] Nada mais belo do que um país que se destaca pela cultura, e só a escola é a base da civilização mundial. (29/01/1950).

Diante do exposto, temos importantes indícios do modo como o suplemento foi apropriado pelos leitores, até porque eram poucos (e controlados) os espaços em brancos, poucas oportunidades de participação do leitor. Por outro lado, não podemos olvidar que a liberdade do leitor nunca pode ser totalmente anulada, até porque sempre existe o “risco de produzir leituras fora das normas, improváveis ou rebeldes” (Chartier, 1996, p. 21). Tem-se, portanto, convergindo com Goulemot (1996), “o que se trava na leitura: um dado e uma aquisição, as obrigações sem número do social, sob a ilusão da independência e da escolha, mas também alguns fragmentos de uma singular liberdade” (p. 116). Não se pode negar, nesse momento, que a afirmação de Chartier (1996) soa como consolo:

Reconstituir a leitura implícita visada ou permitida pelo impresso não é, portanto, contar a leitura efetuada e ainda menos sugerir que todos os leitores leram como desejou-se que lessem. O conhecimento dessas práticas plurais será, sem dúvida, para sempre inacessível, pois nenhum arquivo guarda seus vestígios. (p. 103).

De qualquer forma, sem desconsiderar a distância entre uma leitura pretendida e uma leitura realizada, ficou constatada nos conteúdos veiculados no *Gurilândia* a intencionalidade em formar um leitor comprometido com os estudos e com a pátria, principalmente, e com a Igreja Católica de forma menos intensa. Também se fizeram presentes aspectos regionalistas que nutriram um sentimento de *mineiridade*, tão característico do jornal *Estado de Minas*. No caso das seções direcionadas de modo explícito aos professores, verificou-se o propósito de uma formação em harmonia com os intentos da Escola Nova.

Considerações Finais

"Na vida, o que aprendemos mesmo é a sempre fazer maiores perguntas". Guimarães Rosa

O esforço empreendido nessa pesquisa procurou desvelar as condições de produção, circulação e uso do suplemento infantil *Gurilândia*. Valendo-se, principalmente, do diálogo com a área da História dos Livros, dos Impressos e da Leitura, bem como da História da Infância, o trabalho centrou-se: na investigação da “arqueologia do objeto”; no entendimento do “mundo do texto”, o “mundo do editor” e o “mundo do leitor”; nas representações presentes, valorizadas, ausentes e/ou desprezadas; e na compreensão do ambiente de produção cultural infantil de meados do século passado.

Criado em um momento de expansão do mercado consumidor destinado às crianças e valendo-se de condições favoráveis de produção e circulação, explicadas por seu vínculo com o jornal *Estado de Minas*, o *Gurilândia* alcançou uma popularidade entre o público mineiro testemunhada por sua longevidade, visto que ainda hoje é produzido.

Contudo, se o vínculo com o jornal lhe permitia benefícios, como o alcance da circulação e o alto número da tiragem do *Estado de Minas*, constatou-se, no período pesquisado, que o *Gurilândia* ocupou um lugar de relevância inferior a outras temáticas do jornal. Fruto dessa inferioridade, o suplemento não circulou de agosto de 1951 a julho de 1952, sob alegação da escassez de papel, enquanto outras temáticas não sofreram nenhuma alteração no espaço ocupado no impresso.

Uma das surpresas dessa pesquisa foi constatar que cinco títulos antecederam o *Gurilândia* enquanto espaço consagrado às crianças no principal jornal do estado. Ainda mais surpreendente foi perceber que o título inaugural, *Pagina Infantil*, foi posto à circulação em 13 de outubro de 1929, o que coloca o *Estado de Minas* como um dos pioneiros em produções dessa espécie em nosso país.

Desse modo, ficou evidente que, em janeiro de 1948, o *Gurilândia* nasce respaldado por uma consolidada tradição presente no *Estado de Minas*. Sendo o sexto título infantil do jornal, o suplemento dirigido por Celso Brant foi o continuador de uma história que já creditava 450 números. Merece destaque, nesse ponto, *Malazarte*, que em uma existência espaçada de 1934 a 1946, alcançou a significativa marca de 359 números.

Importa realçar que o conteúdo desses títulos anteriores ao *Gurilândia* ainda deve ser melhor abordado. O que nesse estudo foi apresentado trata-se, apenas, de um olhar panorâmico. Além das produções presentes no jornal *Estado de Minas*, outras publicações também merecem um olhar mais cuidadoso. É o caso, por exemplo, do “Diário do Pequeno Polegar”, dirigido por Alaíde Lisboa e vinculado ao *O Diário*, jornal de responsabilidade da Arquidiocese de Belo Horizonte.

Também o *Gurilândia* necessita de outras abordagens. A longa história do suplemento merece pesquisas que focalizem suas diversas fases, marcadas por paralisações, retornos e mudanças na direção. O próprio período analisado nessa pesquisa, de 1948 a 1956, ainda possui perguntas não respondidas. Uma das principais lacunas reside, certamente, na necessária problematização das produções dos leitores (desenhos e composições). A análise cautelosa dessas “contribuições dos sobrinhos”, que eram acompanhadas do nome da cidade, da escola e da idade do “sobrinho”, permitiria uma melhor aproximação com o “leitor de carne e osso”, além de proporcionar pistas do uso e da apropriação do conteúdo do suplemento.

É conveniente reiterar que das páginas do *Gurilândia* emergiu uma preocupação em formar um leitor comprometido com os estudos, a pátria e a Igreja Católica. Essa formação encontrou nos personagens Paulo, Mariza e Joaozinho modelos para uma infância proclamada, não real. Através deles foram prescritos modos de ser, padrões de comportamento e de conduta, uma vez que eram obedientes, estudiosos, disciplinados, patrióticos e católicos.

O constante caminhar sobre uma linha educativa foi, certamente, a marca constitutiva da publicação. Para dar corpo a este projeto, o *Gurilândia* lançou mão do estreitamento dos laços com as instituições escolares mineiras, além de veicular uma grande parte de conteúdo com interesses educativos e escolares. Elucidativos desse estreitamento de laços são as criações, em várias cidades mineiras, de Clubes de Leitura Tio Mario, em referência ao principal personagem do suplemento.

A aproximação com os saberes e práticas escolares pôde ser visualizada em diversas seções do suplemento, a saber: “Conversas do Tio Mario”, “Teste Gurilândia”, “Perguntas da semana”, “Concursos de composições”, “Colaborações dos sobrinhos”, “Concurso Gurilândia”, “Enciclopédia Infantil”, “Textos literários”, “Textos informativos”, “Biblioteca”, “Grandes homens”, “Regras de higiene”, “História das músicas” e “Riquezas do Brasil”. Interessa notar

que a predominância de textos literários e textos informativos construiu a imagem do destinatário da publicação: a criança-leitora.

O projeto educativo impelido pelo *Gurilândia* ficou ainda mais explícito quando se percebeu que pessoas ligadas à *Revista do Ensino* e à *Escola de Aperfeiçoamento*, provavelmente as principais responsáveis pela formação de professores mineiros na primeira metade do século XX, contribuíram regularmente no suplemento infantil. Em grande parte produto desse diálogo, duas seções no *Gurilândia* foram ocupadas, de modo explícito, para uma formação dos professores em harmonia com os pressupostos escolanovistas.

A publicidade veiculada no *Gurilândia*, explorada quantitativa e qualitativamente, reforçou os indícios de que a circulação do suplemento não se restringia a mãos infantis. O predomínio de anúncios nas categorias “saúde e estética” e “leitura” deu visibilidade à força adquirida por dois discursos: o médico-higienista e o pedagógico-escolanovista. A larga utilização da imagem infantil enquanto estudante e o apelo ao sucesso escolar presente em várias propagandas são sintomáticos da crescente popularização do discurso da importância da escola verificado naquele momento.

Dada a compreensão geral do suplemento infantil *Gurilândia* e também, embora de modo mais sucinto, do panorama das publicações infantis de meados do século passado, importa ressaltar algumas similaridades e rupturas entre os projetos destinados à infância desse período.

O que fica evidente, após tudo o que foi aqui exposto, é que a produção da imprensa escrita infantil daquela época foi marcada por duas tendências principais: publicações com predominância de intenções recreativas e publicações com predominância de intenções educativas e até escolares.

Sem querer fazer uso de uma análise pendular, marcada pela inclinação ao raciocínio alternativo (ou isto ou aquilo; se isto, não aquilo), não se pode ignorar que determinadas publicações se guiaram por objetivos divergentes. Nota-se, por exemplo, que os *gibis* constituíam-se quase ou exclusivamente em histórias em quadrinhos importadas dos Estados Unidos, o que explicita uma intenção recreativa. Por outro lado, *Gurilândia*, embora também apresentasse um conteúdo recreativo, caracterizou-se, em seu conjunto, por ser uma produção com interesses similares às instituições escolares, o que explicita uma intenção educativa.

Temos consciência de que algumas publicações que podem ser encaixadas nesse segundo grupo, composta por produções com predominância de intenções educativas, veiculavam um

conteúdo em que saber e prazer eram vias de mão dupla, ou mais que isto, o prazer era uma via pela qual se chegava ao endereço final: o saber semelhante ao escolar. Tais publicações, portanto, não excluía seu caráter recreativo, mas encaravam a recreação como um meio para atingir seu objetivo primordial: um projeto formativo próximo ao escolar. Nesse sentido, nada mais ilustrativo que o depoimento de Carlos Drummond de Andrade a respeito da publicação mais paradigmática desse grupo (pelo pioneirismo, pela circulação nacional, pela longevidade e pela popularidade adquirida), referindo-se ao Tico Tico como “escola disfarçada em brincadeiras” (Rosa, 2002, p. 118).

Sobre as produções marcadas pelo projeto educativo e aproximação com os objetivos escolares, podemos citar: *O Tico-Tico* (1905-1962), *Sesinho* (1947-1960) e *Era uma vez* (1940-1954). A análise do *Gurilândia* permite, seguramente, que o suplemento infantil do *Estado de Minas* seja encaixado nesse grupo. A respeito do conteúdo dessas publicações, segue-se:

os responsáveis pela publicação da revista [Tico Tico] empenharam-se em assegurar a essência do projeto original de seus idealizadores: desenvolver uma ação recreativa e formativa, complementar à educação regular promovida pela escola [...]. No contexto da escola regular, com conteúdos programáticos mais definidos, os responsáveis pela publicação se propuseram a contribuir para ‘facilitar os trabalhos escolares’ de seus leitores, propósito este que se manteve como prioritário até os anos sessenta. [...] A persistência de O Tico Tico em impor uma linha educativa a um instrumento de comunicação de massa [...]. (Rosa, 2002, p. 44, 77 e 262).

[Era Uma Vez] englobava contos, narrativas de leitores com fins morais, conselhos sobre práticas agrícolas, poemas, pequenas peças teatrais, quadrinhos, histórias de inspiração sacra, ‘Palestras de Tia Célia’, abrigando conselhos dirigidos às crianças, fotografias de solenidades públicas e de leitores, concursos com sorteios de brinquedos e livros, seções didáticas, como ‘Nossa Língua’, noticiário sobre clubes de leitura e grêmios literários, alguns deles com o nome de Vicente Guimarães, crônicas sobre músicos eruditos. Nela, como depois em Sesinho, figurou a seção ‘Palestra de Vovô Felício’, com a ilustração apresentando velhinho de cabelos e barba brancos, usando óculos, que orienta a criança, formando-a em moral e civismo, criando uma cidadania infantil que assuma compromissos sociais definidos pelo mais velho, pelo adulto que possui saberes e experiências. (Brites, 2004, p. 44).

Foram divulgados [no Sesinho] textos de ficção, fábulas adaptadas e atualizadas, jogos e passatempos, narrativas quadrinizadas, orientação para trabalhos manuais, reportagens sobre assistência a famílias operárias e outras atividades do SESI em todo o Brasil. Lendas, contos infantis, textos teatrais e partituras também eram estampados em suas páginas, além de aulas de Geografia, Ciências, Português, História e outras disciplinas escolares. (Brites, 2004, p. 69).

A intenção dessas publicações era, ao mesmo tempo, aproximar dos conteúdos escolares e distanciar dos impressos marcados pela importação de histórias em quadrinhos. Celso Brant, em texto veiculado na coluna *Vida Artística* do *Estado de Minas*, via com muita preocupação um

“certo tipo de revista americana muito em voga”, que teria por “finalidade conservar no espirito dos leitores o estado de graça da ignorancia”:

Influencia prejudicial

(...) As novas gerações já não leem, vão ao cinema. E no cinema vêem os filmes americanos, que são um triste indicio de infantilismo de todo um pouco, de quase todo um continente. O filme americano não é só a absoluta negação de todo arte, de toda cultura, é um sinal evidente de que a humanidade está retrogradando de tal maneira que em breve chegará á estaca zero.

Quando se dão ao luxo da leitura, os jovens brasileiros lêem certo tipo de revista americana muito em voga, em que as idéias são trocadas em miúdo, em que o estilo é trocado em miudo, em que a literatura é trocada em miudo... No fundo, esses artigos têm por finalidade conservar no espirito dos leitores o estado de graça da ignorancia.

A pobreza de espirito das novas gerações só pode ser explicada por essa nociva influencia. E é contra essa influencia que temos de lutar com todas as nossas forças, com todas as armas da nossa inteligência. Ou o Brasil é o que tem de ser, ou nada será. Qualquer imitação será a sua morte. (16/10/1955).

A radical aversão de Brant às revistas de histórias em quadrinhos americanas, tidas como de “nociva influência”, ajuda a entender o projeto que ganhou corpo no *Gurilândia*. Buscando caminhar na direção contrária dessas produções, marcadas pela proeminência da recreação e sem vínculo com os temas nacionais, o diamantinense contribuiu para imprimir um conteúdo educativo e muito próximo do escolar ao suplemento do *Estado de Minas*. Temos, aí, o cerne do projeto levado a cabo por Brant: uma publicação que, com aquiescência de pais e professores, destinava-se a uma criança-aluno, incentivando a aquisição de valores tidos como essenciais, notadamente o amor aos estudos, o respeito ao Brasil e o compromisso com a Igreja Católica.

A fim de exemplificar que o cenário das publicações infantis, dividido entre as revistas de histórias em quadrinhos de influência estrangeira e as publicações voltadas para objetivos educativos, não foi um caso particular brasileiro, é conveniente citar a revista argentina *Biliken: La Revista de los Niños*. Soares (2007) aponta que essa revista, fundada por Constancio C. Vigil em 1919, dialogou expressamente com os objetivos da formação escolar argentina, o que lhe garantiu livre trânsito nas escolas, ao contrário das revistas de história em quadrinhos americanas:

Por sua qualidade gráfica e seu teor, a revista foi bem acolhida pelos mediadores culturais, ao contrário das abominadas revistas de história em quadrinhos norte-americanas. [...] *Biliken* interagiu com significativa autonomia com o sistema educacional montado pelo Estado, buscando complementá-lo. (p. 84 e 133).

Também a França foi palco dessa polarização. Ao focalizarem a situação desse país referente aos impressos infantis, Anne-Marie Chartier e Jean Hébrard¹²³ identificam dois

¹²³ As observações de Chartier e Hébrard seguem as conclusões da obra: Fourment, Alain. *Histoire de la presse des jeunes et des journaux d'enfants* (1768-1988). Paris, Éole.

momentos principais, tendo a década de 1930 como divisa. Contudo, ambos momentos são marcados pela bifurcação entre publicações tidas como “saudáveis/educativas” e publicações tidas como vulgares ou imorais.

Até os anos 1930, aproximadamente, a imprensa infantil se dividia em dois tipos de publicações: os periódicos “ortodoxos”, burgueses, em que predominam os textos longos, entre os quais se inscrevem as obras católicas; de outro lado, as publicações populares, baratas e abundantemente ilustradas. [...] Todos esses periódicos [do segundo grupo] foram alvo das críticas de educadores, cristãos ou leigos, por vulgaridade e imoralidade. Dos anos 1930 até a guerra, dois fenômenos alteram de modo permanente a situação. O mais importante é com certeza a penetração no mercado francês, até então relativamente protegido, das traduções e adaptações dos *comics* norte-americanos. [...] na mesma época surge uma imprensa militante e educativa, que mobiliza seus jovens leitores em favor desta ou daquela causa. E os primeiros alvos desses recém-chegados são... as publicações concorrentes. Põe-se em guarda contra os maus jornais e, para mostrar às crianças o perigo que representam, identificam seus objetivos comerciais a um empreendimento antinacional. (Chartier e Hébrard, 1995, p. 84-85).

Nesse segundo momento, a partir da década de 1930, a invasão das revistas norte-americanas acarreta uma radicalização da polarização entre os impressos infantis com interesses divergentes. O editorial do jornal francês *Bayard*, de 1938, testemunha a forte oposição enfrentada pelas publicações não identificadas com “o patrimônio tradicional da França”, vistas como “veneno”, “histórias sem moral” e de “influência perniciosa”:

Há pessoas que assumiram como objetivo desnacionalizar os jovens da França, inculcando-lhe modos de pensar e de agir que os afastam gradual e insensivelmente do patrimônio tradicional da França. [...] Esse veneno, do qual precisamos proteger todas as crianças francesas, lhes é apresentado em cores brilhantes por publicações ilustradas com histórias sem moral, gravuras duvidosas e legendas inconvenientes. Tais publicações pululam em toda parte e modificam a alma das confiantes crianças francesas, que, muitas vezes ignorando o perigo, abrem por inteiro seu coração e seu espírito à sua influência perniciosa. É preciso gritar alto para adverti-las! (Fourment, 1987, p. 170 apud Chartier e Hébrard, 1995, p. 85-86).

A hostilidade às histórias em quadrinhos de influência americana proporcionou o aparecimento de produções que se colocaram como antídotos ao mal estrangeiro. Assim, surge, entre outros, o semanário *Benjamin*, apresentado como “saudável, moral e patriota” (Chartier e Hébrard, 1995, p. 89). Convém mencionar que as publicações que se caracterizaram por uma preocupação pedagógica e escolar passaram a ter penetração nas instituições escolares francesas.

Assim sendo, sem desconsiderar que as classificações, via de regra, comportam certa dose de artificialidade, não se pode negar que, naquele período, existiam propostas divergentes no

contexto de produção da imprensa dedicada ao público infantil.¹²⁴ Essa ocorrência não foi exclusiva do cenário brasileiro, como constataram Soares (2007) e Chartier e Hébrard (1995).

Como se pôde observar, o suplemento aqui estudado, *Gurilândia*, construiu um projeto com intenções educativas e até escolares, opondo-se às produções prioritariamente recreativas. No conjunto, ao se analisar o vasto contexto das publicações que objetivavam uma interlocução com as crianças, percebeu-se um ambiente efervescente, o que valida, ao lado de outros inúmeros serviços e produtos destinados a elas, a identificação do século XX como “século da infância”.

Visto isso, é conveniente mencionar que, a respeito do estudo dos impressos infantis desse e também de outros períodos, ainda há muito que fazer. Não estava no propósito deste trabalho esgotar todas as linhas de análise do suplemento infantil do *Estado de Minas*, tampouco construir uma classificação definitiva para as publicações destinadas às crianças em meados do século passado.

Cabe ter em conta que estamos diante de um solo fértil e ainda muito pouco cultivado. As pesquisas que se sucederão têm muito a acrescentar à compreensão da criança enquanto leitora e consumidora de jornais e revistas infantis, bem como de numerosos outros bens simbólicos.

Desse modo, espera-se que o estudo aqui apresentado possa contribuir em novos trabalhos que focalizem o *Gurilândia*, valendo-se desse impresso enquanto objeto ou fonte de análise. Mais que isso, deseja-se que esta pesquisa tenha colaborado para a ampliação do entendimento da história das publicações infantis em nosso país.

¹²⁴ É importante reiterar que a divisão das publicações infantis brasileiras de meados do século XX em dois grupos é regida pelo estabelecimento de tipos puros que não refletem, inteiramente e de modo absoluto, o teor dessas publicações.

Bibliografia Geral

ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999.

_____, Márcia. Em busca do leitor: estudo dos registros de leitura de censores. In: _____, Márcia; Schapochnik, Nelson. **Cultura letrada no Brasil**: objetos e práticas. Campinas: Mercado de Letras/Associação Leitura do Brasil, 2005.

ANDI. **A mídia dos jovens**: Esqueceram de mim – jornais brasileiros ignoram o potencial pedagógico dos cadernos infantis. Ano 6. n. 10, jun. 2002. Disponível em: http://www.andi.org.br/noticias/templates/template_boletim.asp?articleid=20051&zoneid=206. Acesso em: maio de 2008.

ANTIPOFF, Helena. Idéias e interesses das crianças de Belo Horizonte e algumas sugestões pedagógicas. **Revista do Ensino de Minas Gerais**, v.10, n. 133, p. 278 – 325, 1936.

ARIES, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1968.

AUGIAS, Corrado. **La storia in camicia di notte**. [S.l.:s.n] La Repubblica, 1980.

AZEVEDO, Ricardo. A didatização e a precária divisão de pessoas em faixas etárias: dois fatores no processo de (não) formação de leitores. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia. (Org.). **Literatura e Letramento**: Espaços, suportes e interfaces. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história**: especialidades e abordagens. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

BASTOS, Maria Helena Camara. A imprensa periódica educacional no Brasil: de 1808 a 1944. In: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). **Educação em revista: a imprensa periódica e a História da Educação**. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 173-187.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes, GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (Orgs.). **Leitura: práticas, impressos, letramentos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

BH 100 ANOS: Filhos ilustres. Belo Horizonte: Fundação Cultural, 1997.

BICCAS, Maurilane de Souza e CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Reforma escolar e práticas de leitura de professores: a Revista do Ensino. In: CARVALHO, Marta Maria Chagas de, VIDAL, Diana Gonçalves. (Orgs.). **Biblioteca e formação docente: percursos de leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____, Maurilane de Souza. **O impresso como estratégia de formação: Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1940)**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____, Pierre. O campo econômico. **Política & Sociedade**, v. 6: 15-58, 2005.

BRANT, Celso. **A mobilização nacional**. Rio de Janeiro: Imprensa do autor, 1982.

_____, Celso. **A Nova Inconfidência**. Belo Horizonte: Edição do autor: 2002.

_____, Celso. **A Poesia Ameríndia**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1940.

_____, Celso. **O Estado Moderno e o Direito Internacional**. [Tese de Concurso]. Belo Horizonte: Edições Acaiaça, 1951.

_____, Celso. **Teoria Geral do Serviço Público**. [Tese de Concurso]. Belo Horizonte: Edições Acaiaça, 1951.

BRITES, Olga. Infância, higiene e saúde na propaganda (usos e abusos nos anos 30 a 50). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 20, n. 39, 2000.

_____, Olga. **Infância, trabalho e educação: a Revista Sesinho (1947/1960)**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

BURKE, Peter, **A Escrita da História**. São Paulo: UNESP, 1992

CAMPELO. Das Ondas do Rádio à Tela da Tv: O Som e a Imagem na Cidade das Alterosas. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XVIII, 2005 Rio de Janeiro. **Anais...**, Rio de Janeiro: 2005. p. 6 – 7.

CANÇADO, José Maria. **Colégio Arnaldo: uma escola nos trópicos**. Belo Horizonte: Ed. C/Arte, 1999.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988. (Coleção Repensando a História).

CARNEIRO, Glauco. **Brasil, primeiro: História dos Diários Associados**. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.

CARVALHO, Aline Fonseca. **A conveniência de um legado adequável: Representações de Tiradentes e da Inconfidência Mineira Durante a Ditadura Militar**. 2006. 150 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de

Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em:
http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/VCSA-6X4R73/1/disserta__o.pdf.
Acesso em: abril de 2008.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de, NUNES. Clarice. **Historiografia da educação e fontes**. Cadernos ANPED, Porto Alegre, n. 5, 1993, p. 7-64.

_____, Marta. Maria Chagas de. A caixa de Utensílios e a Biblioteca: pedagogia e práticas de leitura. In VIDAL, Diana Gonçalves, HILSDORF, Maria Lúcia S. **Sobre a escola e a escolarização da sociedade**: narrativas históricas (1500-2000). São Paulo: EDUSP, 2000.

CASASANTA, Guerino. **Jornais Escolares**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

CASPARD, Pierre e CASPARD, Pénélope. Imprensa periódica e formação contínua de professores primários (1815-1939). In: CATANI, Denice e BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). **Educação em Revista**: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 1997.

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico**: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CATANI, Denice Bárbara. A imprensa periódica educacional: as revistas de ensino e o estudo do campo educacional. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 10, n. 20, p. 115-130, jul./dez. 1997.

_____, Denice Bárbara; SOUSA, Cyntia Pereira de. **Catálogo da Imprensa Periódica Educacional Paulista** (1890-1996). São Paulo: Plêiade, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Anne Marie, HÉBRARD, Jean. **Discursos sobre a leitura: 1880 – 1980**. São Paulo: Ática, 1995.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

_____, Roger. **História y praticas culturales**: entrevista a Roger Chartier. Buenos Aires: Entrepasados, v. 6, 1994.

_____, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

_____, Roger. **A História cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

_____, Roger. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.

_____, Roger; ROSA, Ernani. **Cultura escrita, literatura e história**: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: ARTMED, 2001

CORRÊA, Hércules Tolêdo. Gurilândia, Programinha e Folhinha: material didático? In: PAIVA, Aparecida et al. **No fim do século**: a diversidade – o jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

COSTA, Aparecida Rêgo Bastos; SANTANA, Marta de. **Memorial**. 2007. 74 p. Memorial do projeto experimental apresentado como requisito parcial de avaliação do Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação - Faculdade Social da Bahia, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/expocom/EXP-3-1520-1.pdf> Acesso em: março de 2008.

D'ARMADA, Sâmara Lemos Martins. **Informação e formação**: estudo de casos dos suplementos infantis mineiros Gurilândia e Programinha. Belo Horizonte, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 1997.

DARNTON, Robert. A leitura rousseauista e um leitor 'comum' no século XVIII. In: Chartier, Roger. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.

_____, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DONATO, Hernani. **100 anos da Melhoramentos**: 1890-1990. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

ECO, Umberto. **Lector in fabula**: a cooperação interpretativa nos textos narrativos. São Paulo: Perspectiva: 2002.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Modos de ler formas de escrever**: Estudos de história da leitura e da escrita no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____, Luciano Mendes de; SALES, Zeli Efigênia Santos de. Escolarização da infância brasileira: a contribuição do bacharel Bernardo Pereira de Vasconcelos. In: FREITAS, Marcos Cezar; KUHLMANN, Moysés (orgs). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____, Luciano Mendes, VIDAL, Diana Gonçalves. Reescrevendo a história do ensino primário: o centenário da lei de 1827 e as reformas Francisco Campos e Fernando Azevedo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n .1, p.31-50, jan ./jun. 2002.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930**. São Paulo: Brasiliense, 1970.

FERREIRA, Mayra Fernanda . Infância em papel: o jornalismo infantil no interior. In: Congresso Brasileiro de Educação: políticas e práticas para a infância, I, **Anais...** Bauru, 2007.

_____, Mayra Fernanda . Jornalismo infantil: por uma prática educativa. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXX, **Anais...**, Santos, 2007.

_____, Mayra Fernanda . Olhar da infância: um relato da mídia impressa. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXIX, **Anais...**, Brasília, 2006.

FISCHBERG, Josy. **Criança e jornalismo**: um estudo sobre as relações entre crianças e mídia especializada infantil. Rio de Janeiro. 2007. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

FONSECA, Anita. **Clubes de Leitura**. Publicações da Secretaria da Educação Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1950.

FONSECA, Thaís Nívea de lima e. **Da infâmia ao altar da pátria**: memória e representações da Inconfidência Mineira e de Tiradentes. 2001. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____, Thais Nívia de Lima e. **História e ensino de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____, Thais Nivia de Lima e. O herói nacional para crianças: produção e circulação de imagens de Tiradentes na escola primária brasileira. **25ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, Caxambu, v.1, p. 1 – 17, 2002. ANPED, Educação: manifestos, lutas e utopias. 2002.

FOURMENT, Alain. **Histoire de la presse des jeunes et des journaux d'enfants (1768-1988)**. Paris, Éole.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Imprensa Pedagógica**: um estudo de três revistas mineiras destinadas a professores. 2000. 284 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

FRANÇA, Vera Veiga. **Jornalismo e vida social**: a história amena de um jornal mineiro. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

FRANCISCO, Lady. **Nunca fui santa**. Rio de Janeiro: Litteris Editora, 2004.

FREITAS, Marcos Cezar (Org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997.

_____, Marcos Cezar; KUHLMANN, Moysés (orgs). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.

FUNARI, Raquel dos Santos. **Imagens do Egito Antigo**: um estudo de representações históricas. 2004. 127.f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

GALVÃO, Ana Maria. **Cordel**: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Antonia Simone Coelho. **Álbuns de Pesquisa**: Práticas de escrita como expressão da escolarização da infância (1930-1950). 2008. 227 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

GONÇALO JUNIOR. **A guerra dos gibis**: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GONDRA, José. Modificar com brandura e prevenir com cautela. Racionalidade médica e higienização da infância. In: FREITAS, Marcos Cezar; KUHLMANN, Moysés (orgs). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: Chartier, Roger. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.

GOUVEA, Maria Cristina Soares de. A literatura como fonte para a história da infância: possibilidades e limites. In: FERNANDES, Rogério; FARIA FILHO, Luciano, LOPES, Alberto (Org.). **Para a compreensão histórica da infância**. Porto: Campo das Letras, 2006, v. 1, p. 21-43.

_____, Maria Cristina Soares de. A literatura infantil e o pó de pirlimpimpim. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; GOUVÊA, Maria Cristina Soares. **Lendo e escrevendo Lobato**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____, Maria Cristina Soares de. **O mundo da criança**: a construção do infantil na literatura brasileira. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

_____, Maria Cristina Soares de; PAIXÃO, Cândida Gomide. Uma nova família para uma nova escola: a propaganda na produção de sensibilidades em relação à infância (1930-40). In: XAVIER, Maria do Carmo (org). **Manifesto dos Pioneiros da Educação**: um legado educacional em debate. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____, Maria Cristina Soares de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educação e Pesquisa** (USP), São Paulo, v. 31, n. 1, p. 122-143, 2005.

GULLESTAD, Marianne. Infâncias imaginadas: construções do eu e da sociedade nas histórias de vida. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 26, n. 91 p. 509 – 534, mai/ago, 2005.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil** (sua história). São Paulo: Edusp, 1985.

JAROUCHE, Mamede Mustafa. Introdução. Galhofa sem melancolia: as Memórias num mundo de luzias e saquaremas. In: ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um sargento de milícias**. Cotia: Ateliê Editorial, 2000.

KUHLMANN JR., Moysés. A circulação das idéias sobre a educação das crianças; Brasil, início do século XX. In: FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMANN JR., Moysés. (Org.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 459-503.

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

_____, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2005.

_____, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. São Paulo: Ática, 1985.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1992.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René (org). **Por uma história política**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2003.

LINHARES, Joaquim Nabuco. **Itinerário da imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954**. Estudo crítico e nota biográfica de Maria Ceres Pimenta S. Castro. Belo Horizonte: Editora UFMG/Fundação João Pinheiro, 1995.

LOBATO, Monteiro; RANGEL, Godofredo. **A barca de Gleyre: quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel**. São Paulo: Brasiliense, 1968.

LOPES, Eliane Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes de, VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 Anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____, Eliane Marta Teixeira; GOUVÊA, Maria Cristina Soares. **Lendo e escrevendo Lobato**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LUCA, Tânia Regina de. **A revista do Brasil**: um diagnóstico para a (N)ação. São Paulo : Editora UNESP, 1999.

LUCA, Tania Regina de. Fontes Impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MARTHA, Alice Áurea Penteado. O tempo, de óculos, requebra numa bengala: Sylvia Orthof E A Velhice. In: Ceccantini, J.L.C.T.. (Org.). **Memória De Gramado**: Estudos Sobre Leitura e Literatura Infanto-Juvenil. São Paulo/Assis: Cultura Acadêmica/Anep, 2004, p. 84-97.

MARTINS, Fábio. **Senhores ouvintes**, no ar... a cidade e o rádio. Belo Horizonte: C/Arte, 1999.

MORAIS, Fernando. **Chatô**: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MORLEY, Helena. **Minha vida de menina**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

NADAI, Elza. O Ensino de História e a 'pedagogia do cidadão'. In: PINSKY, Jaime. **O ensino de História e a criação do fato**. São Paulo: Contexto, 1988.

NAVA, Pedro. **Beira-mar**: memórias IV. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____, Pedro. **Chão de ferro**. Cotia, SP: Ateliê, 2001.

NERY, Sebastião. **As diretas de 1963**. 2004. Disponível em: http://www.pernambuco.com/diario/2004/04/30/brasil4_0.html. Acesso em: março de 2008.

NOVOA, António. A imprensa de educação e ensino. In: CATANI, Denice Bárbara, BASTOS, Maria Helena C. (orgs). **Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

_____, António. **A imprensa de educação e ensino: repertório analítico (séculos XIX e XX)**. Coleção Memórias da Educação. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993.

NUNES, Clarice. História da educação brasileira: novas abordagens de velhos objetos. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, n. 6, p. 151-182, 1992.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira: Cultura brasileira e indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PALHARES, Thaís Fernandes. O universo cultural nos suplementos infantis: um estudo sobre o Jornalismo Cultural nos cadernos Gurilândia e Programinha.. 2006. 65 f. Monografia apresentada no Curso de Comunicação Social do Departamento de Ciência da Comunicação do Centro Universitário de Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://www.convergencia.jor.br/bancomonos/2006/palhares.pdf>. Acesso em: setembro de 2008.

PAULINO, Graça. Livros, críticos, leitores: trânsitos de uma ética. In: PAIVA, Aparecida et al. **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces**. Belo Horizonte: Autêntica/Ceale/FaE/UFMG, 2005.

PEIXOTO, Anamaria Casasanta. **A Reforma Educacional Francisco Campos**: Minas Gerais, Governo Presidente Antônio Carlos. 1983. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1983.

PRATES, Maria Helena Oliveira. **A Introdução Oficial do Movimento de Escola no Ensino Público de Minas Gerais**: a Escola de Aperfeiçoamento, 1989. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1989.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de comunicação**. São Paulo: Ática, 1987.

RANGEL, Egon de Oliveira. Letramento literário e livro didático de língua portuguesa: os amores difíceis. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia. **Literatura e letramento**: espaços, suportes e interfaces. Belo Horizonte: Autêntica/Ceale/FaE/UFMG, 2005.

Revista do Ensino de Minas Gerais. Banco de Dados preparado por Maurilane de Souza Biccas. Disponível em: www.usp.br/niephe/bancos/rvemg_itro.asp. Acesso em: maio de 2008.

ROSA, Zita de Paula. **O Tico Tico**: meio século de ação recreativa e pedagógica. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

ROSEMBERG, Fúlvia ; BAZILLI, C. ; SILVA, Paulo B. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate. **Educação em Revista**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 109-124, 2003.

RUSSEF, Ivan. A infância no Brasil pelos olhos de Monteiro Lobato. In: FREITAS, Marcos Cezar de; MONARCHA, Carlos. **Historia social da infância no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Jorge Fernando dos. **BH em cena**: teatro, televisão, ópera e dança na Belo Horizonte centenária. Belo Horizonte: Del Rey, 1995.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Infância, exclusão social e educação como utopia realizável. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 78, p. 265-283, abr. 2002.

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias - historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 3-21, 1997.

SCHWARZ, Roberto. Introdução. In: **Autobiografia de Luiz Gama**. São Paulo: Novos Estudos CEBRAP. n.25, p.136-141, out. 1989.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996

SOARES, Ademilson de Sousa. **Hegemonia política e cultural**: a escola pública nas páginas do jornal Estado de Minas (1930-1934). 2005. 305 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

SOARES, Gabriela Pellegrino. **Semear horizontes**: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SOARES, Magda Becker. Introdução. In: GALVÃO, Ana Maria. **Cordel**: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

SOLE, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SOUSA, Jorge Pedro. **Introdução à análise do discurso jornalístico impresso**: um guia para estudantes de graduação. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SOUZA, Angela Leite de. **Lúcia Casasanta**: uma janela para a vida. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1984.

STARLING, Nair. **Nossas Lendas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1968.

STEINBERG, Shirley e KINCHELOE, Joe (org). **Cultura infantil**: A construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

TEMPORÃO, José Gomes. **A propaganda de medicamentos e o mito da saúde**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

VAZ, Aline Choucair. A escola em tempos de festa: poder, cultura e práticas educativas no Estado Novo (1937-1945). 2006. 231 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

VIANNA, Luana Aparecida. Jornalismo Infantil em Ribeirão Preto: Estudo do “A Cidade Criança”. In: **XI Simpósio de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. Ribeirão Preto, SP - 22 a 24 de maio de 2006.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.23, n.45, julho, 2003.

_____, Diana Gonçalves, HILSDORF, Maria Lúcia S. **Sobre a escola e a escolarização da sociedade**: narrativas históricas (1500-2000). São Paulo: EDUSP, 2000.

_____, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes de, VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 Anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____, Diana Gonçalves; PAULILO, André; FARIA FILHO, Luciano Mendes; GONCALVES, Irlen. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-160, 2004.

VILELA, Marize Carvalho; SILVA, Cláudia Panizzolo Batista; PINHEIRO, Ana Regina; BARREIRA, Luiz Carlos. Estudo de Periódicos: Possibilidades para a História da Educação Brasileira. In: MENEZES, Maria Cristina (org). **Educação, Memória, História: possibilidades, leituras**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

WAINER, Samuel. **Minha razão de viver**: memórias de um repórter. Rio de Janeiro: Record, 1987.

WILLIAMS, Raymond. **Publicité**: le système magique. Réseaux, n. 42, 1990.

Periódicos consultados:

ESTADO DE MINAS: 1928 – 1960

O DIÁRIO: 1947 – 1950

REVISTA ACAIACA: 1948 – 1955